

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Centro de Estudos Gerais  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)

## **Nas margens:**

# Experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920

Leandro Climaco Mendonça

Niterói  
2011

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá**

M539 Mendonça, Leandro Climaco.

Nas margens: experiências de suburbanos com periodismo no Rio de Janeiro, 1880-1920 / Leandro Clímaco Mendonça. – 2011.  
149 f.

Orientador: Laura Antunes Maciel.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2011.

Bibliografia: f. 147-149.

1. Imprensa. 2. Rio de Janeiro (RJ). 3. Subúrbio. 4. História do Rio de Janeiro (RJ). I. Maciel, Laura Antunes. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD 079.8153

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Centro de Estudos Gerais  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)  
Mestrado em História Social

**Nas margens:**  
**Experiências de suburbanos com periodismo no**  
**Rio de Janeiro, 1880-1920**

Leandro Climaco Mendonça

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em História Social.

**Orientadora: Profa. Dra. Laura Antunes Maciel**

Niterói  
2011

Universidade Federal Fluminense (UFF)  
Centro de Estudos Gerais  
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia  
Programa de Pós-Graduação em História (PPGH)  
Mestrado em História Social

**Nas margens:**  
**Experiências de suburbanos com periodismo no**  
**Rio de Janeiro, 1880-1920**

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Laura Antunes Maciel (Orientadora)  
Universidade Federal Fluminense

---

Profa. Dra. Marialva Carlos Barbosa  
Instituto de Artes e Comunicação Social/UFF

---

Profa. Dra. Heloisa de Faria Cruz  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

---

Prof. Dr. Norberto Osvaldo Ferreras (suplente)  
Universidade Federal Fluminense

---

Profa. Dr. Marta Emisia Jacinto Barbosa (suplente)  
Universidade Federal de Uberlândia

Niterói  
2011

## AGRADECIMENTOS

A produção de conhecimento é um processo coletivo que necessita de reflexão, comprometimento e responsabilidade.

Logo, gostaria de agradecer àqueles que, direta ou indiretamente, me auxiliaram na produção deste trabalho de dissertação. Aos professores das disciplinas cursadas no Programa de Pós-Graduação da UFF agradeço pela construção de um amplo espaço democrático de leitura e reflexão. Aos funcionários da Biblioteca Nacional, especialmente da Seção de Obras Raras, e do IHGB, agradeço pelo empenho e dedicação. Sem o trabalho digno e esforçado dessas instituições, verificado na organização e preservação dos materiais produzidos ao longo do tempo em nosso país, dificilmente esse trabalho teria sido possível.

Também agradeço aos funcionários da Pós-Graduação em História da UFF, que ao longo desses dois anos foram fundamentais para o bom encaminhamento de todo o processo burocrático.

Não poderia deixar de mencionar os amigos que estiveram ao meu lado durante toda essa caminhada: Leonardo Sato, Priscila, Bruno, Marcelo, Gustavo, Lucrécia, Silvia, Débora, Paola, Luciana, Ricardo, Daniel, Jade, Lenilton, Tiago e Mila. Cada um ao seu modo tornou essa tarefa, que em alguns momentos parecia inviável, mais prazerosa. Seus conselhos e o compartilhamento de experiências me serviram de estímulo e confiança.

Agradeço, muito especialmente, a orientadora Laura Maciel pela dedicação. Os últimos dois anos foram de aprendizado constante. Laura é daquelas professoras apaixonadas pelo que faz. E isso ela demonstra cotidianamente. Seja através das aulas que ministra em sala de aula, seja nas orientações realizadas. Não esquecerei também das várias vezes em que me auxiliou na montagem das aulas que realizei como professor. Se hoje melhor compreendo o papel e a responsabilidade que temos quando produzimos conhecimento e nos colocamos como sujeitos ativos no presente, isso se deve às inúmeras conversas e discussões com ela travadas no decorrer dessa caminhada.

Agradeço também aos professores Norberto Ferreras e Heloísa de Faria Cruz. Seus comentários e sugestões foram fundamentais para o melhor encaminhamento e aprofundamento das questões levantadas pela pesquisa. À professora Marialva Barbosa fica o meu agradecimento pela contribuição de suas reflexões em minha defesa.

À Cláudia fica o meu eterno agradecimento pela generosidade e confiança. Sem o seu apoio e compreensão, dificilmente eu estaria nesse momento concluindo uma dissertação de Mestrado. Apenas uma mulher com um espírito libertário e de aguçada sensibilidade para a construção de uma sociedade mais justa e menos preconceituosa poderia ter sido capaz de agir dessa maneira. Ao Eric deixo o meu muito obrigado, especialmente pelo senso de desprendimento e abertura a mudanças.

Ao Eduardo agradeço pelo companheirismo. Sua presença vem me permitindo vivenciar um processo de aprendizado. Muitas vezes sua experiência traz caminhos para mim desconhecidos, no entanto, posso afirmar com firmeza que esses caminhos vêm acompanhados de paz e segurança.

Agradeço, por fim, à minha família, meus pais Jorge e Marisa, meus irmãos Raquel, Leonardo e Yohann, à Nadir, pelo apoio e confiança necessários. Em especial, agradeço à minha avó Neuza, pela eterna dedicação e cuidados e ao meu querido e saudoso avô Mário, que sem dúvida foi uma das pessoas que mais me ajudaram desde criança, incentivando uma educação mais completa. Nossas conversas sobre o passado, suas lembranças sobre a família, a cidade e a política foram sempre motivos de longas e prazerosas reflexões que me davam a certeza de que gostaria de ser um historiador.

Se neste momento entrego um trabalho que narra experiências humanas vividas no passado é porque cresci escutando as histórias do meu avô. Portanto, em sua homenagem lhe dedico este trabalho.

## RESUMO

Esta é uma pesquisa dedicada em compreender o processo de constituição e desenvolvimento do periodismo suburbano existente na cidade do Rio de Janeiro entre as décadas de 1880 e 1920. Através da análise de inúmeros materiais, especialmente das dezenas de periódicos produzidos nos subúrbios, busca-se entender as motivações que levaram homens e mulheres a investirem na publicação de jornais, revistas e almanaques naquele momento histórico. O estudo dessas experiências no passado nos permite apresentar múltiplas experiências motivadas por projetos distintos.

Ao apresentarmos o conjunto do periodismo suburbano na cidade, essa dissertação tem a intenção de trazer os desafios concretos enfrentados por todos aqueles que estiveram envolvidos na produção desses órgãos de imprensa. A fragilidade do financiamento, a concorrência com os periódicos mantidos por grandes empresas, a necessidade de angariar apoio entre os suburbanos, a construção de uma rede de representantes nos subúrbios – são exemplos que demonstram as dificuldades em se lançar e manter um periódico nos bairros suburbanos.

Em um período marcado pelo forte crescimento urbano da cidade, o conjunto da imprensa suburbana pode ser considerado um material indispensável para o estudo das áreas mais afastadas do Centro e sua população. Se muitos jornais foram criados como órgãos militantes dos interesses de uma classe média que buscava se constituir como uma elite suburbana, distante dos interesses populares, em outros periódicos foi possível mapearmos experiências críticas ao modelo de sociedade hegemônico. Inúmeras iniciativas jornalísticas defenderam projetos alternativos, populares, assim como se constituíram como atores políticos privilegiados envolvidos na formulação de novas formas de representação política, duramente críticas ao modelo construído no início do período republicano, marcado pela exclusão da grande maioria da população do processo decisório do país.

**Palavras-chave:** Imprensa, Subúrbios, Rio de Janeiro, História séculos XIX e XX, bairros.

## Sumário

Introdução	08
Capítulo 1: A imprensa nos subúrbios	28
1.1. Por que e para que produzir periódicos nos subúrbios	33
1.2. Jornais produzidos pela e para “ilustrada sociedade da zona suburbana”	36
1.3. Editado nos subúrbios e para os subúrbios: a defesa dos “interesses locais”	39
1.4. Outras alianças nos subúrbios	43
1.5. Ninguém acreditava!	48
1.6. Formas de financiamento e estratégias de circulação	55
Capítulo 2: Os subúrbios na imprensa	66
2.1. Vozes contra a exclusão: os periódicos suburbanos e as críticas ao abandono dos subúrbios pelos detentores do poder	66
2.2. Periódicos suburbanos e o poder local.	76
2.3. Cultura tipográfica e letrada nos subúrbios	83
2.4. Páginas de ‘progresso’ suburbano.	91
Capítulo 3: Jornalismo suburbano: entre a luta pelo progresso e a solidariedade aos fracos	99
3.1. Qual a missão de um jornal suburbano? Os significados da prática jornalística.	99
3.2. Pelo Operariado!	114
3.3. Pelos ‘melhoramentos suburbanos’	124
Considerações Finais	141
Fontes	144
Referências Bibliográficas	146



## INTRODUÇÃO

Procedendo a uma leitura matinal do jornal *O Globo* no dia 25 de setembro de 2010, nos deparamos com o artigo de um conhecido articulista do diário carioca, Zuenir Ventura, que escreve na seção de *Opinião* todos os sábados. Nessa edição, o autor abordou a inauguração de um complexo de cinema no bairro de Jardim Sulacap, Zona Oeste da cidade, instalado no interior de um grande supermercado. O *Cine 10*, segundo Zuenir, se caracteriza por oferecer ao público modernas instalações em formato *stadium* equipadas com som *dolby digital*, projetor digital 3D, ar refrigerado, poltronas numeradas e estacionamento gratuito. Mas o que teria essa informação de tão relevante? Por causa da dúvida levantada por Zuenir, sobre o “*por que inaugurar naquele fim de mundo chamado Jardim Sulacap um moderníssimo cinema de 1.373 lugares divididos em seis salas (...) Quem iria freqüentar o “Cine 10 Sulacap”? O público da Zona Sul é que não iria.*”<sup>1</sup>

A inauguração de um moderno complexo de cinema em um bairro distante da Zona Sul, no “fim de mundo”, como ele concebe Jardim Sulacap, leva automaticamente a se perguntar quem iria freqüentar aqueles espaços. Consultando suas memórias, alguns lugares da zona oeste surgem associados à prisão de críticos do regime militar, rima em uma composição de Gilberto Gil (Realengo) ou em função de registrar a menor temperatura da cidade (Campo dos Afonsos). Logo, para matar a curiosidade, o jornalista pega seu carro e viaja “hora e meia” até Jardim Sulacap para tentar desvendar a explicação para a inauguração de um moderno complexo de cinemas no *fim de mundo*.

Dois anos antes, nas eleições para a prefeitura da cidade do Rio de Janeiro, um dos candidatos, Fernando Gabeira, contrariado com a estratégia eleitoral adotada por uma vereadora com base eleitoral na Zona Oeste da cidade, integrante de um partido que o apoiava, foi flagrado pela imprensa ao telefone criticando a vereadora. Na conversa captada pelos repórteres, o candidato considerou que a vereadora tinha uma “visão suburbana”, em uma clara associação entre os subúrbios e os suburbanos e a falta de compreensão mais integrada sobre a cidade. O seu oponente na disputa, Eduardo Paes, soube utilizar toda a repercussão e polêmica gerada pela fala de Gabeira a seu favor, se distanciando da sua posição e produzindo programas eleitorais que traziam suburbanos orgulhosos de suas histórias de vida nesses espaços da cidade.

---

<sup>1</sup> VENTURA, Zuenir. “Mais perto e mais barato”. *O Globo*, Rio de Janeiro, edição 25 de setembro de 2010, p.7. Grifo nosso.

A fala do jornalista Zuenir Ventura e do político e jornalista Fernando Gabeira têm algo em comum. Ambos explicitaram, através de temas diferentes e em conjunturas distintas, imagens públicas desqualificadoras sobre os subúrbios. Na cidade do Rio de Janeiro, a imprensa e os meios de comunicação em geral perpetuam avaliações pejorativas, como essas, ao associar recorrentemente os subúrbios e os suburbanos a todo o tipo de precariedade (material e intelectual). Mas essa mesma imprensa vem adotando estratégias editoriais e comerciais com o intuito de se aproximar da população que habita os bairros populares dos subúrbios e da Baixada Fluminense. Mais recentemente, emissoras de televisão e periódicos vem ampliando a presença de suas equipes de reportagens entre os bairros mais pobres da região metropolitana do estado com o intuito de garantir e ampliar audiência, mas também para se firmar como interlocutores dessa população frente aos governantes.

Se recuarmos no tempo, veremos que o jornal *O Globo* há décadas desenvolveu uma estratégia comercial voltada para expandir tanto a sua base de assinantes quanto a de anunciantes: a criação dos chamados jornais de bairro. Surgiram como suplementos com periodicidade semanal destinados a anunciar os serviços ofertados por empresas instaladas nos bairros e a encaminhar demandas dos moradores de áreas específicas da cidade - *Zona Norte, Tijuca, Barra, Zona Sul*, dentre outros.

Mas houve um tempo em que os subúrbios da cidade do Rio de Janeiro, além de abrigarem uma população consumidora de periódicos, eram também espaços onde se produzia jornais e revistas. Na virada do século XIX para o XX, em diversas localidades das “zonas suburbanas”, foram criados dezenas de periódicos por moradores dos subúrbios que sentiram a necessidade de se fazer ouvir e ver na cidade. Essa busca por visibilidade permitiu que múltiplas formas de viver ganhassem as páginas de impressos, constituindo perante o restante da cidade um subúrbio em parte diferente daquele retratado pela grande imprensa diária. O subúrbio sofrido, onde faltava tudo era uma das imagens construídas pela ‘grande’ imprensa do centro da cidade. O cronista do *Jornal do Brasil*, Benjamim Costallat, em uma de suas crônicas retratou os subúrbios sob um sono “*pesado*” e “*triste*”, resultado do extenuante trabalho desempenhado pela sua população nas inúmeras atividades existentes no Rio (leia-se o Centro da cidade e seus bairros mais aristocráticos). O ir e vir do trabalho, o desconforto enfrentado nos trens suburbanos, os desafios vivenciados nas ruas sem calçamento, sem luz, sem segurança seriam, segundo Costallat, uma constante nos subúrbios, o que o leva a concluir: “*É a*

*vida suburbana, triste e monótona. Igual, sempre igual, eternamente igual!...*”.<sup>2</sup> Ao descrever a população suburbana a partir de sua necessidade de se deslocar diariamente para o trabalho no centro, o cronista nos permite identificar uma construção social de longa duração, baseada na percepção de que os bairros suburbanos não fazem parte da cidade. Ou seja, na ideia da exclusão dos bairros surgidos ao longo dos trilhos das ferrovias, e seus moradores, dos limites, hábitos, costumes e sentimentos, que constituiriam a cidade do Rio de Janeiro.

Se os jornais diários produzidos no Centro da cidade tinham maior poder para influir e estabelecer os rumos do debate público e para fixar imagens como essas, o periodismo nos subúrbios ampliou e redefiniu as reivindicações formuladas entre o conjunto da população suburbana, já que esse vetor de ação era a essência da linha editorial de inúmeros jornais e revistas lançadas em diferentes bairros, como Engenho Novo, Méier, Engenho de Dentro, Madureira e Santa Cruz especialmente no alvorecer do século passado.

O primeiro contato com esses jornais e revistas surgiu durante a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso em História na UFF<sup>3</sup>. Interessado, naquele momento, em compreender a constituição histórica do bairro suburbano de Madureira com o intuito de produzir outras memórias sobre o bairro, utilizamos diversos materiais como memórias, trabalhos acadêmicos, fotografias e periódicos. Além dos jornais de grande circulação, como o *Jornal do Brasil*, trabalhamos com os periódicos criados no bairro nas primeiras décadas do século XX. A descoberta da existência de periódicos editados em uma localidade que era, na época, considerada a periferia do subúrbio, nos territórios da antiga freguesia de Irajá, constituiu um poderoso indício que nos permitiu questionar avaliações hegemônicas que associam o cotidiano da população residente nos subúrbios à ausência ou carência das práticas, símbolos e códigos típicos de uma cultura letrada<sup>4</sup>.

A experiência como bolsista de Iniciação Científica no projeto de pesquisa *Outras memórias e histórias: cultura letrada e redes de comunicação social no Rio de*

---

<sup>2</sup> COSTALLAT, Benjamim. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995, pp. 74-75. Grifo nosso.

<sup>3</sup> MENDONÇA, Leandro Climaco. *Memória e vida cotidiana em Madureira, um bairro da cidade do Rio de Janeiro*. Monografia de conclusão de curso em História. UFF, Niterói, 2007.

<sup>4</sup> Problematizando o campo da cultura sob a perspectiva da história social, esta noção chama a atenção para as dinâmicas relativas ao processo de massificação do letramento na urbe, e os conflitos resultantes desse processo. Ver: RAMA, Angel. *A cidade das letras*. São Paulo, Brasiliense, 1985; CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo, Educ/Fapesp/Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000.

*Janeiro, 1880-1920* <sup>5</sup> sob orientação da professora Laura Antunes Maciel, não só me aproximou das reflexões e perspectivas da História Social como ampliou o contato com outras experiências populares com os códigos da cultura letrada, seja a partir da criação de escolas e bibliotecas, seja como público alvo de editoras ou como produtores e leitores de jornais e revistas. Além disso, foi possível perceber como essas experiências eram parte de um movimento mais amplo no qual diferentes grupos sociais propuseram educar e reformar o “povo” por meio da manutenção de escolas, bibliotecas, jornais e revistas voltados para as classes populares, assim como inúmeras iniciativas encaminhadas por categorias de trabalhadores, tanto as mais combativas quanto outras de menor visibilidade, na criação de periódicos.<sup>6</sup>

Essas experiências motivaram a avançar no desenvolvimento da pesquisa histórica sobre as iniciativas de suburbanos com imprensa, procurando reconhecer um conjunto maior de pequenos jornais e revistas editados entre as décadas de 1880 e 1920 a partir de exemplares preservados na Biblioteca Nacional e IHGB. Para a dissertação de Mestrado, nos propusemos a encaminhar e responder questões como: quais interesses motivaram os suburbanos na criação de periódicos? Quais os sentidos que eles atribuíam a esta prática? Que subúrbios e suburbanos foram constituídos por essa imprensa? Como sobreviver em um mercado praticamente controlado pelas grandes empresas do setor? E mais, de que maneira o estudo desses periódicos nos permitem avançar no sentido de questionar as análises hegemônicas que insistem em associar os suburbanos a noções depreciativas?

Partilhando a compreensão de que a pesquisa histórica deve buscar os significados que os homens e mulheres atribuem às suas ações e práticas, ao recuarmos no tempo para investigarmos os periódicos criados nos subúrbios, foi preciso posicionar acerca da maneira como entendemos imprensa e como trabalhamos com esses periódicos. A imprensa é um suporte de práticas sociais e, como tal, seu testemunho não é neutro. Ela expressa as subjetividades, interesses e intencionalidades históricas. Ao pesquisarmos qualquer veículo da imprensa devemos estar cientes de que estamos trabalhando com um suporte que foi e é empregado para interesses os mais variados.

A historiadora Heloísa de Faria Cruz, ao investigar um conjunto diversificado de materiais impressos na cidade de São Paulo, em especial as chamadas revistas

---

<sup>5</sup> MACIEL, Laura Antunes. *Outras memórias e histórias: cultura letrada e redes de comunicação social no Rio de Janeiro, 1870-1920*. Projeto de pesquisa UFF/PIBIC/CNPq, mimeo, 2005.

<sup>6</sup> MACIEL, Laura Antunes. Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores? *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 1, 2008 p. 89-135.

domingueiras ou de variedades, entre 1890 e 1915, momento em que a cidade se transformava na *Paulicéia*, nos permite refletir sobre a relação entre imprensa, cultura e cidade. A autora buscou encaminhar sua reflexão no sentido de compreender as relações de poder instituídas por meio da expansão da cultura impressa e da imprensa periódica. Nesse momento, o povo e a cidade apareciam de forma recorrente nessa imprensa periódica, permitindo não só conhecer novos hábitos e atitudes presentes na cidade em expansão, mas também a existência de novos grupos produtores e leitores de periódicos:

*(...) A cidade intromete-se na imprensa. O crescimento da cidade, a diversificação das atividades econômicas, a ampliação do mercado e o desenvolvimento da vida mundana são incorporados às formas e conteúdos dessas publicações. Através de novas temáticas, personagens e linguagens, o processo social que transforma a cidade passa também a configurar as publicações (...)*

*(...) As redações e grupos leitores passam a congregar, além da elite masculina dos políticos-doutores-literatos, outros grupos sociais, como imigrantes, mulheres cultas da elite, camadas intermediárias letradas, professores, escrivães, caixeiros, funcionários burocráticos, tipógrafos e linotipistas – e também outros trabalhadores urbanos.”<sup>7</sup>*

Trabalhando a partir da perspectiva da História Social, Heloísa de Faria Cruz constrói sua argumentação trazendo essa nova imprensa periódica para as disputas no campo da cultura, afinal, afirma, a imprensa era um meio de comunicação até então basicamente utilizado pelas elites, seja como produtores ou consumidores. Logo, as disputas existentes na cidade e pela cidade passaram a ser travadas também nos espaços tradicionais da cultura letrada. Esses novos produtores de periódicos passaram a disputar espaços, a defender e combater projetos, a se articular em um verdadeiro movimento de conquista de visibilidade por meio da palavra impressa, em uma sociedade de massas caracterizada pela constituição de um recente mercado de bens culturais.

Nesse sentido, as reflexões de Walter Benjamin nos ajudam a pensar as experiências dos membros das classes populares com o periodismo, na medida em que elabora um conhecimento que entende estes aparatos técnicos sendo trabalhados por grupos até então marginalizados do acesso e produção destes meios <sup>8</sup>. Apesar de refletir sobre o mesmo tema da indústria cultural, Benjamin, ao contrário de Adorno e Horkheimer, entende estes novos aparelhos como contraditórios, o que viabilizaria uma heterogeneidade de sentidos, tanto em relação aos produtores, quanto aos receptores. Haveria, portanto, uma recepção que sofre uma releitura popular. Além disso, o autor

---

<sup>7</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta*, op. cit, pp. 80-81.

<sup>8</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I. Editora Brasiliense.

investiga como estas novas experiências constituídas no viver urbano permitem tornar confluentes as relações entre cultura, hegemonia e relações de classe.

Caminhando, em parte, nesta mesma perspectiva teórica, Jesus Martin-Barbero, filósofo e professor da Escola de antropologia do México, tem buscado, em seus estudos, entender a comunicação de massas através da recepção, defendendo que a instituição do massivo deve ser entendida como um momento de visibilidade e presença social dos grupos populares. Ou seja, haveria um fato político fundamental que vem a ser a emergência histórica das massas “(...) *e do contraditório movimento que ali produz a não-externalidade do massivo ao popular, seu constituir-se em um de seus modos de existência*”.<sup>9</sup> Mas chama a devida atenção para o perigo em se confundir a memória popular com o imaginário de massa, na medida em que é grande a possibilidade de se cair no mascaramento da desigualdade social. Não que esse entendimento estivesse sempre nas práticas do pensador e pesquisador Martin-Barbero. Inicialmente direcionado em seus estudos à denúncia dos mecanismos de opressão e legitimação da ideologia dominante nos meios de comunicação, ao longo do tempo, segundo relato do próprio autor na introdução de seu influente livro *Dos meios às mediações*, de 1987, a realidade histórica vivenciada pelos povos latino-americanos na contemporaneidade, intrinsecamente plural e conflituosa, possibilitou um processo de questionamentos sobre elaborações a princípio sedimentadas: a principal delas, a de que ao receptor das mensagens veiculadas pelos inúmeros veículos da indústria cultural, não seria capaz de uma releitura *crítica*. Suas reflexões, portanto, passaram a levar em consideração o popular em um movimento contraditório com os meios, onde o “viver na urbe”, e suas populações marginalizadas, constitui o espaço privilegiado para a identificação dessas mediações. O próprio autor assim esclarece esse descolamento:

*“Assim a comunicação se tornou para nós questão de **mediações** mais que de meios, questão de **cultura** e, portanto, não só de conhecimentos mais de reconhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir de seu **outro** lado, o da **recepção**, o das resistências que aí têm seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos (...)”*<sup>10</sup>

Importante frisar que tal deslocamento não é a-histórico. O autor busca na realidade da dinâmica latino-americana, como destacado anteriormente, experiências

---

<sup>9</sup> BARBERO, Jesus-Martin. *Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2008.

<sup>10</sup> BARBERO, Jesus-Martin. *Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia*. Op. Cit., p.28.

específicas nas quais a dinâmica de mediações se efetiva, em especial, nos movimentos urbanos de grupos não-hegemônicos. Nesse caso, as articulações próprias da vida em uma grande cidade, palco principal para a produção e circulação dos produtos da indústria cultural, nos levam a pensar e expor os caminhos possíveis para uma reflexão entre grupos populares e produção de periódicos.

Nesse sentido, acredito que a História Social pode nos ajudar a entender o real vivido, pois, na busca que inúmeros autores realizaram e ainda realizam para a construção, através de pesquisas, de realidades passadas, temos uma reflexão histórica que, acredito, deve se basear no conjunto da ação humana, na busca das transformações empreendidas pelos homens ao longo do tempo, observando retrocessos, avanços, estagnações, evoluções, enfim, em um processo não linear e não fatalista. Thompson nos alerta sobre essa questão quando reflete sobre a natureza do conhecimento histórico em *A miséria da Teoria*:

*“(...)As categorias adequadas à investigação da história são categorias históricas. O materialismo histórico distingue-se de outros sistemas interpretativos pela sua obstinação teimosa (teimosia que foi por vezes doutrinária) em elaborar essas categorias, e em articula-las numa totalidade conceptual. Essa totalidade não é uma “verdade” teórica acabada (ou Teoria); mas também não é um “modelo” fictício, é um **conhecimento** em desenvolvimento, muito embora provisório e aproximado, com muitos silêncios e impurezas (...)”*<sup>11</sup>

O significado dessa elaboração de Thompson em minha pesquisa também pode ser encontrado na necessidade de, primeiro, me relacionar com o conhecimento já produzido de maneira crítica, na medida em que o próprio conhecimento é elaborado a partir das mais variadas perspectivas teóricas e metodológicas, o que fatalmente conduz a resultados diferentes. As perguntas feitas, as fontes selecionadas e utilizadas levam a uma produção que muitas vezes clarifica ou obscurece realidades históricas passadas. Nesse sentido, todo o conhecimento é limitado, porque parcial. Em segundo, ele chama a atenção para os perigos que corremos se não nos perguntamos cotidianamente quais histórias estamos produzindo, quais os grupos que buscamos dar voz no passado (o que não significa o estudo isolado deste ou daquele grupo ou classe), pois se buscamos a construção de uma experiência vivida, esta inevitavelmente será conflituosa, na medida em que os homens e mulheres de qualquer época vivem em sociedade e suas ações, pensamentos e noções se constituem a partir do seu lugar social, dos espaços onde vivem, das relações de classe e poder a que estão submetidos, enfim,

---

<sup>11</sup> THOMPSON, E. P. *A miséria da Teoria ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981, p.61.

numa base material, social e cultural que jamais pode ser esquecida. E estas relações, diz Thompson, são históricas e não fruto de uma Teoria já pronta que a tudo explica.

Se hoje muitos pesquisadores do social, em especial os historiadores, buscam evidências para a construção de um conhecimento que traga à luz aqueles que sempre estiveram ausentes, os membros das classes subalternas, muito devemos à tradição da História Social praticada por um grupo de pesquisadores ingleses a partir da segunda metade do século XX, como o próprio E. P. Thompson, Eric Hobsbawm, Christopher Hill, Stuart Hall, Raymond Williams, dentre outros, cuja influência motivou e motiva as reflexões e pesquisas de inúmeros pesquisadores ao redor do mundo tributários da História Social. A historiadora Déa Ribeiro Fenelon enfatiza a necessidade de todo o historiador refletir sobre as implicações políticas das concepções que assumem. Sua fala sobre os objetivos de sua luta enquanto historiadora no meio acadêmico e enquanto prática social nos serve de baliza:

*“(...)queremos dizer, que se estamos lutando por algo, seja em nossa prática social, seja na acadêmica, é pelo reconhecimento da diversidade, da pluralidade, do direito de batalhar pela construção de projetos alternativos e, sobretudo, de considerar que a nosso ver estaremos produzindo uma história que será sempre política, porque inserida no seu tempo e comprometida com ele. Por isso, vale enfrentar qualquer debate, que leve em consideração essa possibilidade, na esperança de estarmos, de alguma maneira, com nosso trabalho, ajudando a construir o futuro, na perspectiva transformadora a que sempre nos propusemos.”<sup>12</sup>*

Um autor cuja reflexão tem me permitido problematizar a relação imprensa/povo é Stuart Hall. Primeiro porque parte da crítica de que os membros das classes populares, e suas múltiplas vivências no social (cultura), não podem ser entendidos como dotados de uma pureza, ligadas a uma idéia de tradição, ou seja, a algo estático, imóvel. Segundo o autor, *“para o estudo da cultura popular, devemos sempre começar por aqui: com o duplo interesse da cultura popular, o duplo movimento de conter e resistir, que inevitavelmente se situa em seu interior.”*<sup>13</sup> Em um momento histórico, entre 1880 e 1920, em que as inúmeras transformações ocorridas no mundo produziam novas relações sociais, fica difícil buscar o autêntico no popular. São outras as lutas, e isso, segundo Hall, deve ser considerado na análise da cultura popular, inclusive, as

---

<sup>12</sup> FENELON, Déa Ribeiro. “Cultura e história social: historiografia e pesquisa”. *Projeto história*, 10, Revista do Programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de História PUC/SP, dez/1993, pp. 74/75.

<sup>13</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Rezende...[ et al ], Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação da Unesco no Brasil, 2003.



mediações próprias da instituição do que ele chama de imperialismo popular. Este imperialismo estará presente na destruição e marginalização de uma parte da imprensa popular radical da classe trabalhadora no século XIX, mas também, enfatiza, engendrará os novos jornais direcionados “para” a classe trabalhadora no século XX. São estes diálogos e estas mediações que interessam ao autor, e não uma perspectiva que retira toda a força criativa e de resistência da classe trabalhadora, identificando-a como passiva e incapaz de releituras.

A historiadora Marta Barbosa, em sua reflexão sobre história, imprensa e memória, nos ajuda a compreender os cuidados necessários aos historiadores que trabalham com esse suporte. Ela nos adverte sobre a necessidade de relacionarmos nossas concepções de história com as nossas concepções de imprensa. Para muitos, afirma, a imprensa é entendida como o espelho do mundo, “uma fonte secundária, um apoio”. Esta maneira de entender e trabalhar com a imprensa resulta em uma séria limitação na busca pela compreensão da realidade na medida em que o processo de produção da notícia, os interesses e relações sociais que a compõem são negligenciados. A autora acredita que devemos seguir outros caminhos:

*(...) Por outro lado, existe a posição de tomar a imprensa como objeto, discutida teórica e metodologicamente, problematizando sua natureza social, suas relações sociais, seus processos de instituição. Esta última posição exige um processo de aprendizagem, porque implica escolhas políticas fundamentais. Impele estabelecer um lugar da crítica social, posicionar-se em relação aos sujeitos que vivem diferentes e desiguais experiências que se confrontam em meio a interesses antagônicos. A depender de nossas escolhas teórico-metodológicas e políticas, a forma de investigar os diferentes temas e fontes sofrerá modificações, seja para construir visibilidades necessárias das relações sociais, seja para silenciar.*<sup>14</sup>

Ao nos comprometermos como historiadores em resgatar histórias silenciadas de indivíduos e grupos que habitavam áreas, naquele momento histórico, em franco processo de marginalização, fruto de um projeto hegemônico articulado pelos interesses do mercado, acreditamos que podemos contribuir, no presente, para redefinir as imagens públicas sobre os subúrbios. Essas imagens públicas são (e foram) produzidas e reproduzidas pelos meios de comunicação, que assim as tornam a própria realidade. Por isso, Marta Barbosa nos impele a não trabalharmos com a imprensa buscando nela “o espelho do mundo” mas, sim, através de um esforço de aprendizado que oriente a

---

<sup>14</sup> BARBOSA, Marta Emisia Jacinto. “Sobre História: Imprensa e Memória”. In: MACIEL, Laura Antunes, ALMEIDA, Paulo Roberto de KHURY, Yara Aun. (Orgs.). *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006, p.267.

reflexão para uma discussão teórico-metodológica que problematize as suas relações sociais, suas escolhas políticas, seu projeto de sociedade e poder.

Logo, ao encaminharmos nossa reflexão e prática de pesquisa nos termos sugeridos pela historiadora, ao analisarmos os conteúdos que a imprensa periódica suburbana privilegiava, não buscamos elaborar uma lista contendo o conjunto de assuntos que foram privilegiados para depois organizá-los e encaixá-los no interior de nossa reflexão. Se assim o fizéssemos, correríamos o sério risco de homogeneizar os diferentes sentidos atribuídos pelos próprios jornalistas suburbanos à sua prática jornalística, assim como os diferentes projetos de sociedade e vínculos articulados por essa imprensa naqueles espaços.

Essa é uma discussão fundamental e que merece maior aprofundamento. Faremos isso dialogando com trabalhos de outros pesquisadores que utilizaram a imprensa criada nos bairros suburbanos. Ao longo do tempo, poucos pesquisadores demonstraram interesse em estudar esse conjunto de periódicos. Se por um lado há uma profusão de estudos sobre a chamada grande imprensa e sobre a imprensa operária na cidade do Rio de Janeiro, sobre o periodismo suburbano ou a chamada pequena imprensa de bairro vem prevalecendo um ensurdecido silêncio. Arriscamos algumas explicações.

Em primeiro lugar, o fato de vivermos imersos em uma sociedade marcada pela quase ausência de pluralidade nos meios de comunicação. A produção de notícia impressa depende, quase que exclusivamente, dos jornais e revistas mantidos pelas grandes corporações midiáticas. Para muitos pesquisadores, a necessidade de entender a força e o papel desempenhado por esses veículos na sociedade contemporânea os instigaram a privilegiar esses veículos em suas pesquisas. Evidentemente que as perguntas e questões que orientaram e orientam esses estudos podem tanto servir para legitimar o poder desses órgãos perante a sociedade, como também podem questionar, através de uma discussão mais ampla, sobre a sua própria constituição como grande empresa capitalista visceralmente voltada para a manutenção do *status quo*.

Foi essa segunda opção que orientou o influente trabalho de Nelson Werneck Sodré sobre a imprensa no Brasil. Ao conceder depoimento em ocasião do relançamento de sua obra *História da Imprensa no Brasil* no final dos anos 1990, Sodré refletiu sobre o papel da imprensa brasileira no final do século XX. Chamava a sua atenção naquele momento a intensidade e o grau de importância que havia adquirido a propaganda para os grandes jornais do país. O resultado dessa dependência, segundo o autor, foi o

gradual afastamento dos periódicos em relação à opinião dos leitores e a defesa de um projeto único de sociedade:

*(...) A imprensa de hoje, e é de esperar que isso seja transitório, não é elaborada por jornalistas e apresenta um aspecto singular; os grandes jornais de hoje têm fisionomia inteiramente diversa de antes.*

*Uma das diferenças está na impressionante uniformidade de posições, em cada um dos jornais, e não na diversidade. A grande imprensa brasileira opera, na fase atual, uma tarefa que nunca antes desempenhou: a de deformar a realidade, ou a de escondê-la. No momento, por exemplo, todos os grandes jornais apóiam o neoliberalismo (...)*<sup>15</sup>

Marialva Barbosa foi outra pesquisadora que buscou compreender a força, o poder e a influência dos grandes diários na sociedade carioca do passado. Em *Os Donos do Rio*, a autora investigou as transformações pelas quais passaram os principais diários em circulação no período entre 1880 e 1920 na então capital federal. Entre as mudanças identificadas pela pesquisa estava o aumento da influência que esses veículos passaram a exercer por conta do aumento vertiginoso verificado na vendagem de exemplares, que lhes conferiam maior poder de pressão, e a proximidade que esse grupo proprietário, transformados em grandes capitalistas, estabeleceu com os aparelhos do Estado. A natureza dessa imprensa, segundo Barbosa, teria cooptado os intelectuais, que no limite, passaram a trabalhar na construção de consensos “cujo fim último é perpetuar a dominação de classe”.<sup>16</sup> Não é menos importante a sua reflexão sobre o poder da imprensa na produção da memória social e, particularmente, sobre a atuação dos jornalistas nesse processo:

*Ao selecionar o fato, transpondo-o do lugar da normalidade para o da anormalidade, transformando-o em acontecimento, e ao escolher a forma da narrativa, o jornalista está constituindo o próprio acontecimento e criando uma memória da atualidade. Uma memória que obedece a critérios subjetivos e engendra a questão do poder. Assim, ao selecionar o que deve ser notícia e o que vai ser esquecido, ao valorizar elementos em detrimento de outros, a mídia **reconstrói o presente de maneira seletiva, construindo hoje a história desse presente e fixando para o futuro o que deve ser lembrando e o que precisa ser esquecido.***<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Atualizada. Rio de Janeiro, Mauad, 1999, p.16.

<sup>16</sup> BARBOSA, Marialva. *Os Donos do Rio, Imprensa, Poder e Público*. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2000, p.12.

<sup>17</sup> BARBOSA, Marialva. “Jornalistas, “senhores da memória”?”. Texto apresentado no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/1248/1/R0165-1.pdf>

A segunda explicação, remete para o interesse de pesquisadores, especialmente a partir do final dos anos 1970, em compreender o operariado no período em que este se constituiu enquanto classe no país, na virada do século XIX para XX, que resultou em inúmeros estudos sobre as diferentes formas de organização desse grupo, as demandas defendidas frente aos patrões e ao Estado, a influência das idéias anarquistas e socialistas no movimento operário, a identificação das principais lideranças e, claro, as diferentes estratégias encaminhadas por diferentes categorias de trabalhadores e organizações operárias no sentido de direcionar a luta e o combate. Uma das formas encontradas por muitas dessas organizações operárias para angariar apoio às suas demandas e para a defesa dos seus interesses foi a criação de periódicos.<sup>18</sup>

Sem dúvida, ao longo das últimas décadas, o interesse em investigar a formação da classe operária e trabalhadora na cidade do Rio de Janeiro, o maior centro fabril do país na época, permitiu um acúmulo de conhecimento que incentivou a organização de espaços de pesquisa e centros de memória, como bibliotecas e arquivos, e a produção de dicionários exclusivamente dedicados a inventariar nomes de militantes e lideranças, centros, associações e sindicatos, além de escolas e periódicos, etc.<sup>19</sup>

Isso nos leva a encaminhar a reflexão para outro motivo que talvez explique a invisibilidade da imprensa periódica suburbana. Enquanto os grandes diários da cidade do Rio de Janeiro receberam ao longo do tempo maiores cuidados e atenção por parte das instituições de guarda documental da cidade (e, independente desse cuidado existir ou não, os diários que ainda circulam mantêm toda uma infra-estrutura que lhes assegura a organização e preservação da sua história, e conseqüentemente, da sua memória); enquanto a imprensa operária foi objeto de inúmeros estudos que permitiram ao longo do tempo a organização dos jornais que circularam e a preservação das suas coleções, o pouco que sobreviveu da imprensa periódica criada nos bairros suburbanos, nesse mesmo período, é o resultado da preservação de uma coleção bem fragmentada e irregular.

A irregularidade das informações sobre os jornais, assim como a duração efêmera de muitos títulos, nos leva a caminhar com alguns cuidados em nossa análise. É evidente que estamos trabalhando com um conjunto de materiais que em sua grande

---

<sup>18</sup> Verificar: FERREIRA, Maria Nazareth. *A imprensa operária no Brasil, 1880-1920*. Petrópolis, Editora Vozes, 1978, p.109; HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão!: Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

<sup>19</sup> Um dos dicionários é o organizado pelo historiador Cláudio Batalha. Verificar em: BATALHA, Claudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do Movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

maioria duravam pouco tempo o que em parte explica a existência de poucas edições disponíveis para consulta nas instituições de guarda documental. De todos os jornais e revistas localizados na pesquisa, apenas *O Subúrbio*, a *Gazeta Suburbana* (criado em 1910) e o jornal *Echo Suburbano* possuem uma quantidade significativa de edições disponíveis para consulta na Biblioteca Nacional. Além disso, na grande maioria dos casos não conseguimos informações sobre os responsáveis por sua edição e também não sabemos exatamente qual foi o período de circulação dos periódicos.

Um dos poucos títulos que temos referências sobre o período aproximado de circulação foi *O Subúrbio* (na segunda fase, entre agosto de 1907 até meados de agosto ou setembro de 1911), por conta da publicação de notas informativas em outros periódicos suburbanos que circulavam em 1911. No caso de o *Echo Suburbano*, informações esparsas, também verificadas em outros periódicos, indicam que este jornal circulou até pelo menos 1919, tendo chegado a 515 edições no dia 30 de abril desse ano. Em relação ao *Jornal Suburbano*, por exemplo, podemos afirmar com precisão que circulou por poucos meses, de junho a setembro de 1911, por conta da união com o jornal *Echo Suburbano*, produzido no mesmo bairro. Sobre a *Revista Suburbana* publicada em 1906 sabemos apenas que uma edição foi publicada, no dia 16 de maio. O jornal *O Echo Suburbano*, publicado em 1901 no bairro do Engenho de Dentro, possui edições preservadas entre agosto e outubro de 1901. Sobre a *Revista Suburbana* recriada em 1918 foram preservadas edições do período entre julho e novembro do mesmo ano. E por fim, temos apenas preservadas três edições da *Revista Suburbana* todas de 1922. O restante dos periódicos consulados possui, em geral, apenas a primeira edição preservada e disponível para consulta.

Mas terá sido essa fragmentação e pulverização o motivo do pouco interesse dos pesquisadores por esse material? Se os subúrbios da cidade do Rio de Janeiro se tornaram na virada do século XIX para o XX o espaço privilegiado para onde se deslocavam famílias de trabalhadores pobres em busca de moradias mais baratas, onde os grandes empreendimentos fabris eram instalados e até mesmo onde eram fundadas associações e organizações de trabalhadores, como a *União Operária do Engenho de Dentro*, por que estes espaços da cidade não mereceram, nas últimas décadas, o mesmo empenho de investigação por parte dos pesquisadores sociais? No entanto, é bom destacar que essa situação vem mudando. Nos últimos anos tem aumentado consideravelmente o interesse dos pesquisadores de diversas áreas pela história dos

subúrbios, talvez por conta da maior presença de estudantes moradores de bairros suburbanos nas universidades.<sup>20</sup>

Aqueles que investigaram estes espaços o fizeram com o intuito de compreender o processo de transformações deflagradas na cidade no período em que as relações de mercado se tornaram hegemônicas, exatamente no período em que se situa nossa pesquisa, na virada do século XIX para o XX, quando a atual paisagem urbana do Rio de Janeiro começou a ser desenhada.<sup>21</sup> Para aqueles que utilizaram essa imprensa em suas pesquisas, o interesse se explicava pela tentativa de mostrar como os habitantes dos subúrbios ou de um pedaço reagiram e se posicionaram frente a esse processo de segregação sócio-espacial em curso naquele momento.

O geógrafo Maurício de Almeida Abreu, no artigo publicado na *Revista Espaço e Debates*, foi quem utilizou, de forma pioneira, o conjunto desses periódicos como material de pesquisa em sua reflexão sobre a construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro no período entre 1870 e 1930.<sup>22</sup> O objetivo do pesquisador era mostrar como a população da “periferia de ontem” – os subúrbios da cidade margeados pelas linhas férreas –, acompanhou e reagiu ao processo de transformação daqueles espaços em áreas destinadas à moradia do proletariado. O autor analisou essa imprensa, por ele intitulada de “jornais locais” ou “imprensa de bairro”, em busca das críticas e das diferentes formas de reação dessa população frente ao descaso das instituições públicas,

---

<sup>20</sup> Dentro desse conjunto de trabalhos sobre os subúrbios, destacamos: SILVA, Jefferson Nazareno da. *A diversificação sócio-espacial no subúrbio do Rio de Janeiro*. Monografia, Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, UFRJ, 2004; LIMA, Romney Anderson Lemos de. “*Subúrbio, o refúgio dos infelizes?*” *O cotidiano no subúrbio. Um estudo de caso sobre Oswaldo Cruz*. Monografia em História. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004; FAZOLATO, Tatiana Peres. *Rio de Janeiro, século XX: os subúrbios e o deslocamento das indústrias*. Monografia em Economia. Rio de Janeiro, CCJE/UFRJ, 2004; MIYASAKA, Cristiane Regina. *Cotidiano dos moradores suburbanos do Rio de Janeiro através das páginas da imprensa (1913)*. Monografia em História. Campinas, UNICAMP, 2004; MIYASAKA, Cristiane Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Dissertação de Mestrado em História, Unicamp, 2008; MENDONÇA, Leandro Climaco. *Memória e vida cotidiana em Madureira, um bairro da cidade do Rio de Janeiro*. Monografia de conclusão de curso em História. UFF, Niterói, 2007.

<sup>21</sup> Sobre essas transformações sócio-espaciais na cidade do Rio de Janeiro, verificar: ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, Zahar, 1987; PECHMAN, Robert Moses. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, UFRJ/PUR, 1985; SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *Contribuição ao estudo da história do subúrbio do Rio de Janeiro (a freguesia de Inhaúma: de 1743 a 1920)*. Dissertação de Mestrado em História, Rio de Janeiro, UFRJ, 1987; SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *De freguesias rurais à subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em História Social, USP, 1996.

<sup>22</sup> ABREU, Maurício. “A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930).” *Revista Espaço e Debates*. São Paulo. NERU, Ano VII, vol. 1, nº 21, 1987. p.12.

que pouco investia em obras urbanas que dotassem aqueles espaços dos mesmos equipamentos públicos que outras áreas da cidade recebiam.

Rafael Mattoso, ao estudar as experiências dos moradores da freguesia de Inhaúma na cidade do Rio de Janeiro entre 1900 e 1903 em sua Dissertação de Mestrado, utilizou, dentre outros materiais, dois periódicos criados nessa freguesia. Declarando a intenção de abordar o processo de “evolução sócio-espacial” da cidade através de uma história “vista de baixo”, o autor utilizou os jornais para analisar os seus conteúdos, especialmente as partes referentes às reclamações e reivindicações que revelariam pistas “*sobre as estratégias de sobrevivência daqueles moradores*”.<sup>23</sup> Mesmo trabalhando com apenas dois títulos, *O Echo Suburbano* e *Progresso Suburbano*, Mattoso defende que o conjunto dos periódicos suburbanos foi criado para resistir ao processo de segregação em curso na cidade operado pelos agentes do Estado, levando-o a identificá-los como “mecanismos de resistência popular”. Ao refletir sobre os interesses dos responsáveis por estes jornais, o historiador concluiu que essa imprensa não se interessou em “dar a fala” diretamente aos diferentes grupos que compunham os subúrbios, o que teria contribuído para a criação de um “arquetipo” do suburbano:

*(...) Ao longo de nossa pesquisa pudemos perceber que, recorrentemente, os responsáveis por estes jornais não se propuseram a dar a fala diretamente aos distintos grupos que compunham os subúrbios, se auto proclamando porta-vozes dos interesses —suburbanos frente aos representantes políticos. Desta forma, acabavam por contribuir para a criação de um arquetipo do suburbano, forjado a partir da homogeneização do proletariado honesto, pobre e explorado, legitimando indiretamente o discurso vitimizador. Dando continuidade a esta lógica, os proprietários-editores também incorrem no erro de acabar por reconhecer e validar o papel das instituições político-administrativas, subordinadas as vontades dos novos prefeitos (...)*<sup>24</sup>

Cristiane Regina Miyasaka, assim como Mattoso, também buscou investigar o cotidiano dos trabalhadores que viviam na freguesia de Inhaúma.<sup>25</sup> Buscando responder sobre o impacto que as reformas urbanas realizadas pelo governo do Prefeito Pereira Passos desempenharam na vida dos moradores desta freguesia, a autora buscou respostas através da análise de processos-crime e também de alguns jornais criados nos territórios da freguesia de Inhaúma, como *Echo Suburbano*, *Progresso Suburbano* e *Commercio Suburbano*. No caso dos jornais, é perceptível a preocupação de Miyasaka

---

<sup>23</sup> MATTOSO, Rafael. *Echos de resistência suburbana: Uma análise comparativa das contradições sócio-espaciais cariocas a partir das experiências dos moradores da Freguesia de Inhaúma (190-1903)*. Rio de Janeiro/RJ. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2009, p.17.

<sup>24</sup> *Idem*, p.137.

<sup>25</sup> MIYASAKA, Cristiane Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2008.

em identificar os objetivos e interesses que incentivaram essa prática jornalística, no entanto, assim como Abreu e Mattoso, a autora argumenta que a “imprensa suburbana” era toda voltada para a defesa dos “interesses locais” sem, no entanto, matizá-los.

Cada um à sua maneira e utilizando uma fração desses periódicos chegou a conclusões que inferem uma homogeneidade entre essas experiências que para nós se explica por que, em primeiro lugar, nenhum se propôs investigar essa imprensa e suas redes de articulações; e segundo, porque analisaram esses periódicos com o intuito de mapear e arrolar o conjunto de reclamações e críticas direcionadas ao Estado, para posteriormente utilizá-las em suas pesquisas para exemplificar formas de reação dessa população frente ao processo de segregação e abandono pelos poderes públicos que aqueles espaços sofriam. Ou seja, usaram essa imprensa apenas como fonte de informações e de forma secundária na análise, tal como indicado por Marta Barbosa.

Ao decidir investigar essa imprensa tomando-a como eixo central de nossa reflexão, o encaminhamento de nossa pesquisa foi estruturado buscando a pluralidade dessas experiências. Como historiadores do social, acreditamos que as escolhas, valores e desafios propostos e expressos individualmente ou coletivamente por homens e mulheres em um determinado momento podem sofrer (re) significações. Essa indeterminação do social para nós significa um direcionamento da prática de pesquisa para a busca das relações sociais e disputas travadas no momento em que eram experimentadas. A análise dos diferentes órgãos de imprensa nos subúrbios nos permitiu reconstruir essas disputas.

Não compartilhamos com a interpretação de Rafael Mattoso para quem essa imprensa teria criado um “arquetipo” do suburbano modelado através da figura do “proletariado honesto, pobre e explorado” que a todo instante se coloca como vítima. Primeiro porque não trabalhamos com a noção de “arquetipo” para entender a ação humana ao longo do tempo, e depois, porque em nossa pesquisa identificamos inúmeros periódicos suburbanos que trabalharam intensamente para propagandear os interesses de membros da chamada “aristocracia suburbana” como definiu Lima Barreto, composta por homens de negócios, políticos, advogados e jornalistas

Se havia algo em comum entre todas essas práticas jornalísticas era o fato de serem vivenciados em localidades e bairros mais distantes do Centro, os chamados subúrbios. No entanto, os objetivos, interesses e sentidos que nortearam essas experiências não eram homogêneos. Nesse sentido, as reflexões de Heloísa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto sobre imprensa no artigo *Na oficina do*



*historiador: conversas sobre história e imprensa*, foram fundamentais para a maneira como entendemos e trabalhamos com imprensa. As autoras explicitam suas divergências em relação aos pesquisadores da chamada História da Imprensa que centram suas investigações na busca por origens ou pela tentativa de criar um conhecimento a partir de etapas evolutivas:

*(...) Nesta versão, a história da Imprensa é contada numa perspectiva linear que parece traçar uma reta de continuidade que une Gutenberg aos grandes conglomerados jornalísticos do presente. E mais: contada desse modo, a história da imprensa e dos meios de comunicação apresenta-se como momento derivado e paralelo, quando não, meramente acessório da grande história política ou social de nosso tempo.*

***Questão central é a de enfrentar a reflexão sobre a historicidade da Imprensa, problematizando suas articulações ao movimento geral, mas também a cada uma das conjunturas específicas do longo processo de constituição, de construção, consolidação e reinvenção do poder burguês nas sociedades modernas, e das lutas por hegemonia nos muitos e diferentes momentos históricos do capitalismo”***<sup>26</sup>

Ao trabalharmos com essa imprensa criada nos subúrbios, procuramos evidenciar quais as suas articulações sociais nos espaços onde foram constituídos e como ajudaram constituir historicamente os diversos bairros suburbanos. Através da análise dos artigos de apresentação, dos títulos e subtítulos empregados, dos assuntos privilegiados nas diversas seções que compunham os jornais, procuramos identificar as razões e motivações de cada grupo editor para o investimento de tempo e capital na prática jornalística. Ou seja, a perspectiva foi identificar em meio a quais embates ou disputas em prol dos “interesses” dos subúrbios e dos suburbanos cada um desses jornais e revistas foi criado.

O cuidado maior ao lidar com o conjunto de jornais e revistas criados nos subúrbios foi reconhecer aproximações e diferenças no interior deles, para compreender o sentido mais amplo daqueles que procuravam se constituir e afirmar como imprensa suburbana. Essa intenção – expressa em seus títulos e subtítulos – longe de expressar os mesmos interesses ou de representar os mesmos projetos no interior da sociedade suburbana, encobriam diferenças difíceis de identificar. Todos eles justificam sua razão de ser e existir para defender, propugnar e advogar pelos “interesses locais” ou das “zonas suburbanas”.

Logo, aqueles que se identificavam com os subúrbios ou com partes desse território escolhiam títulos e subtítulos que ou traziam o nome das localidades onde

---

<sup>26</sup> CRUZ, Heloísa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa.” *Projeto história*. São Paulo. EDUC, nº 35, julho-dezembro 2007, p.259.

eram criados ou circulavam, ou usaram recorrentemente a expressão subúrbio e suas derivações. Empenhados em denunciar a negligência e a omissão das instituições públicas em relação aos subúrbios, promover suas ações e do seu grupo em torno de iniciativas a favor da conquista de “melhorias” para aqueles territórios (como a luta por “melhoramentos” materiais), alguns desses periódicos se auto-intitulavam como os verdadeiros representantes dos suburbanos frente ao poder público.

Mas sob esse objetivo comum, procurei reconhecer interesses distintos que se expressavam na delimitação dos espaços e grupos sociais privilegiados, na definição dos temas, nas opiniões mobilizadas, nos consensos que procuravam construir e nos valores que divulgavam. Nesse processo de identificação de interesses e objetivos, buscamos ficar atentos aos temas mais recorrentes, pois isso nos permitiu reconstruir as redes sociais nas quais esses jornais e jornalistas se constituíam (e alimentavam) nos subúrbios.

Essa imprensa, independente dos seus propósitos, contribuiu para constituir os subúrbios e os suburbanos perante o restante da sociedade. Nesse sentido, assim como havia aqueles intrinsecamente voltados a defender interesses, práticas e projetos de potentados locais, outros se colocaram em combate contra os interesses dos poderosos. Ao investigarmos as seções jornalísticas, nos demos conta da necessidade de alguns se colocarem junto e ao lado dos trabalhadores operários suburbanos; do interesse em questionar a maneira como a representação política era experimentada na cidade; e mesmo de divulgar suas ações pelos subúrbios.

Os resultados reunidos na pesquisa foram articulados em torno de questões organizadas em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado *A imprensa nos subúrbios* busco mapear o alargamento espacial e social das experiências com periódicos nos subúrbios da cidade no início do século XX. Outro objetivo foi reconhecer esse periodismo suburbano, identificando quais eram os grupos produtores, os mecanismos de financiamento e circulação criados e como os diferentes periódicos se articulavam em cada área.

No segundo capítulo, chamado *Os subúrbios na imprensa* procurei acompanhar como esses jornais e revistas constituíram diferentes subúrbios e suburbanos, afirmando e negando imagens públicas sobre eles. Neste capítulo privilegiei as memórias produzidas por esses periódicos sobre os subúrbios, observando como cada um tentou homogeneizar descrições e imagens sobre os subúrbios/suburbanos.

No terceiro capítulo, *Jornalismo suburbano: entre a luta pelo progresso e a solidariedade aos fracos*, procurei discutir as avaliações que jornalistas e colaboradores elaboraram sobre o papel da imprensa e do jornalismo suburbano, demarcando aproximações e diferenças entre eles. Além disso, tentei estabelecer as redes construídas pelos jornalistas nos subúrbios através de inúmeras ações como a organização de associações, ligas e congressos reunindo lideranças locais como forma de articular as lutas pelas melhorias reivindicadas para os subúrbios.

## CAPÍTULO 1. A IMPRENSA NOS SUBÚRBIOS.

Ao mapearmos as experiências de moradores nos subúrbios da cidade com a edição de periódicos a partir das décadas finais do século XIX, percebemos que elas se deram de forma desigual e descontínua – tanto no tempo quanto no espaço – sendo mais intensa no chamado “subúrbio da Central”. Essa região, foi a primeira a sofrer o retalhamento das antigas chácaras e fazendas com a decadência dos grupos ligados à produção agrícola, no transcorrer da segunda metade do século XIX, e a possibilidade de realizar negócios lucrativos com as terras com o tráfego de trens a partir de 1858.

Com a inauguração da *E. F. Dom Pedro II*, os espaços entre a estação do Centro e a última estação existente até 1890, localizada em *Cascadura*, foram progressivamente ocupados, o que permitiu o surgimento de diversos bairros e o deslocamento inicialmente de uma população com empregos mais estáveis e remuneração mais elevada, como funcionários públicos, civis e militares, profissionais liberais e comerciantes, muitos dos quais se envolveriam com a criação de jornais e revistas nos mais diversos bairros. Analisando o surgimento de um mercado urbano de terras e a formação dos subúrbios na cidade do Rio de Janeiro, o urbanista Robert Moses Peckman, considerou que

*Se o deslocamento para fora do Centro histórico na direção sul é comandada pelas classes dominantes à procura de um isolamento maior, o deslocamento na direção dos subúrbios é de responsabilidade de uma “classe média” que começa a surgir na cidade. E que se não pode ter seus palacetes ou bangalows isolados do contato com outros grupos sociais, pode pelo menos comprar um lote e ser proprietária de sua própria casa (...)*<sup>27</sup>

A abertura de ruas e a construção de casas para aluguel, construídas próximas às estações de trens inauguradas incessantemente na segunda metade do século XIX e o início dos trens suburbanos para transporte de passageiros, permitiram a constituição de relações sociais mais complexas na medida em que foram criadas as possibilidades para o estabelecimento crescente de fábricas, oficinas e comércio diversificado,

---

<sup>27</sup> PECHMAN, Robert Moses. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro, UFRJ/PUR, 1985, p.15.

intensificando o deslocamento de trabalhadores e reproduzindo as relações de classe e poder também nos subúrbios.<sup>28</sup>

Entre as décadas de 1880 e 1890, temos notícias de jornais e revistas criados nas freguesias urbanas mais próximas da área central, a grande maioria em São Cristóvão – Com cerca de 6 títulos *O Espinho*, *O Terceiro Districto*, *A Luz*, *A Camélia*, *O Amor Perfeito* e *A União* –, além de Espírito Santo – *O Alfinete*, *O Trabalho* e *O Faustino* – e a Cidade Nova. São Cristóvão, um bairro que até o último quarto do século XIX se caracterizava por uma ocupação essencialmente residencial de origem aristocrática, que remonta à chegada da corte em 1808, era dotado de uma infra-estrutura urbana que o diferenciava do restante da cidade do Rio de Janeiro, passou por uma profunda mudança em sua composição social com a instalação de indústrias e a transformação de imponentes casarões em moradias coletivas para os trabalhadores fabris.<sup>29</sup> Próxima à área central e bem localizada em relação aos portos e à rede ferroviária, estruturas fundamentais para o transporte de matérias-primas e de mercadorias, a freguesia já abrigava na década de 1890, 241 unidades prediais destinadas às atividades industriais, representando 6% do total entre as unidades existentes com essa mesma função no conjunto das demais freguesias da cidade.<sup>30</sup> Por outro lado, o número de cortiços em São Cristóvão aumentou de 35 (com 639 habitantes) em 1868 para 100 cortiços em 1888, totalizando 2.250 habitantes nesse tipo de moradia.<sup>31</sup>

A transferência de famílias mais abastadas para outros bairros da cidade, especialmente para os arrabaldes aristocráticos situados no eixo Sul, não significou, pelo menos entre as décadas de 1870 e 1900 a total ausência de membros da classe proprietária no bairro. O jornal *O Espinho*, criado em 1882, por exemplo, era de propriedade de uma sociedade anônima e no editorial de sua primeira edição os responsáveis se dirigiam diretamente à burguesia do bairro. Na década de 1900, três novos jornais foram criados no bairro – *Folha do Rio*, *O Mignon* e *O São Christóvão*.

---

<sup>28</sup> Entre 1886 e 1896 foram construídas as seguintes estações na E. F. Central do Brasil: São Francisco Xavier, Rocha, Riachuelo, Sampaio, Engenho Novo, Méier, Todos os Santos, Engenho de Dentro, Encantado, Piedade, Dr. Frontim (atual Quintino Bocaiúva), Cascadura, Madureira e Sapopemba (atual Deodoro). Ao final do século XIX, o número de passageiros transportados totalizava 29.952.044. SANTOS, Noronha. “*Meios de transporte no Rio de Janeiro: história e legislação*”. 2ª edição, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Coleção Biblioteca Carioca. Rio de Janeiro, 1996.

<sup>29</sup> ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, Zahar, 1987, p. 45. Segundo o autor, o bairro possuía o melhor sistema de distribuição de água, assim como a melhor rede coletora de esgoto.

<sup>30</sup> ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*, Op. Cit, p.55.

<sup>31</sup> CARVALHO, Lia de Aquino. *Contribuição ao estudo das habitações populares, cidade do Rio de Janeiro: 1886-1906*. Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1986, p. 152.

Este último, segundo a única edição disponível para consulta, foi fundado em 1909. A partir desse momento e até a década de 1920, segundo as referências de que dispomos, nenhum outro jornal foi criado no bairro.

Chama a atenção que dos jornais surgidos em São Cristóvão – bairro próximo ao centro, elitizado e parte da zona urbana – nenhum associou em seus títulos qualquer referência ao subúrbio. *O São Cristóvão* inclusive propunha-se a lutar para que o bairro pudesse se nivelar aos bairros mais “adiantados” da cidade, e mantinha não só uma seção intitulada “Subúrbios” como vários representantes nos bairros suburbanos.

Enquanto nas décadas de 1880 e 1890 poucos periódicos foram criados nas freguesias suburbanas e nas Ilhas da cidade, entre as décadas de 1900 e 1920 houve não só um processo de alargamento espacial da experiência jornalística nos subúrbios como eles acompanharam a formação dos bairros, aspectos que podem ser observados no mapa com a localização de periódicos nos bairros ao longo das décadas de 1880 e 1920.

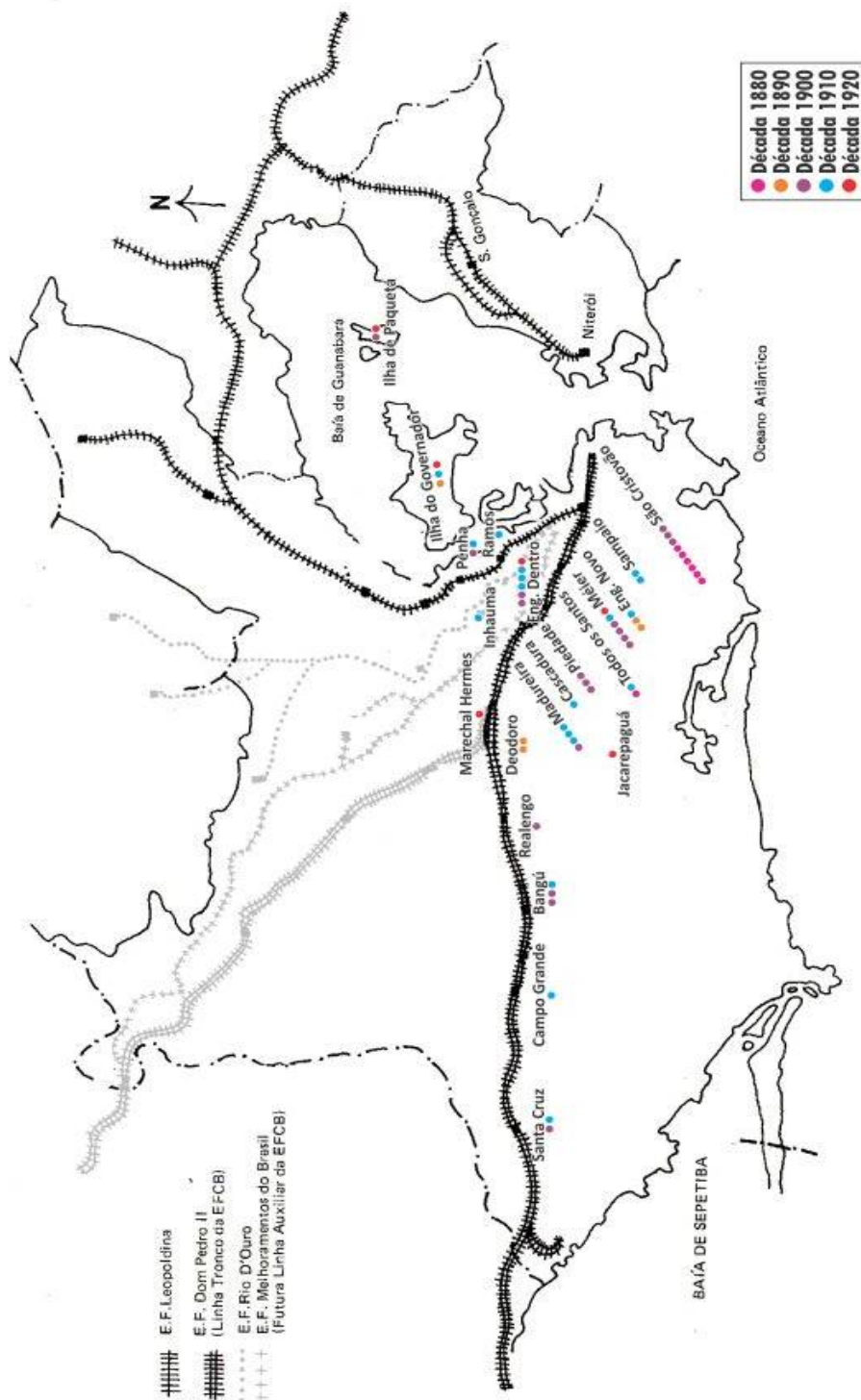
Mas por que a experiência com periódicos retraiu nas zonas urbanas da Zona Norte, mais próximas do Centro, e se expandiu entre as zonas suburbanas, especialmente nos bairros da Central do Brasil? Que tipo de mudanças e transformações ocorreu nesses espaços que permitiu o alargamento da experiência jornalística?

Seguramente, a inauguração da Estrada de Ferro em 1858 permitiu a aceleração do transporte de matérias-primas e mercadorias entre o interior e a área central, mas também possibilitou que uma maior ocupação populacional ocorresse nos espaços margeados pela linha férrea que contavam com estações destinadas ao transporte de passageiros. No ano de sua inauguração, a *E. F. Dom Pedro II* contava com as estações de *Campo* (atual Central do Brasil), *Vargem Grande*, no Engenho Novo, *Cascadura*, *São Cristóvão e Sapopemba* (atual Deodoro). A partir da década de 1870, com a utilização de mais dois trens diários até a estação de *Cascadura*, foi inaugurado um sistema suburbano de transporte de passageiros que intensificou o processo de transformação daqueles espaços, antes ocupados por fazendas e chácaras, em bairros residenciais. A década seguinte seria marcada pela inauguração de novas estações - *Engenho de Dentro*, *Piedade*, *Rocha*, *Derby Club*, *Sampaio*, *Quintino*, *Méier*, *Mangueira e Encantado*, o que segundo Maurício de Abreu, teria viabilizado a chegada de novos contingentes populacionais interessados na compra de terrenos e casas mais baratos.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*, Op. Cit, p.50.

## "MAPA: PERIÓDICOS POR BAIRRO E DÉCADA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - 1880-1920"



Mapa elaborado a partir de informações esparsas reunidas na pesquisa sobre original com a localização de estradas de ferro na região metropolitana do Rio de Janeiro. Fonte: ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*, op. cit., p.52.

Os bairros criados em torno desse eixo ferroviário na cidade, o primeiro a ser inaugurado, ou que se expandiram após sua abertura ficariam conhecidos posteriormente como “subúrbio da Central”, referência ao nome da *Estrada de Ferro Central do Brasil*, antiga *E. F. Dom Pedro II*. Na virada do século XIX para o XX, outras ferrovias passaram a cruzar o eixo norte da cidade em direção às demais regiões do Estado do Rio de Janeiro: *The Leopoldina Railway*, a *Estrada de Ferro Rio D’ouro* e a *Estrada de Ferro Melhoramentos do Brasil*. As estações existentes nos espaços margeados pela ferrovia mantida pela *The Leopoldina Railway*, a partir da década de 1880, como as de Bonsucesso e Ramos, inauguradas em 1886, possibilitaram o surgimento e crescimento de bairros que ficaram conhecidos como o “subúrbio da Leopoldina”, localizados à margem da Baía de Guanabara.

Setores dessa classe média suburbana identificaram a oportunidade de ganhar dinheiro investindo recursos na abertura de estabelecimentos comerciais e/ou oferecendo serviços voltados a atender as necessidades crescentes dessa população que se deslocava para as zonas suburbanas. A necessidade que muitos suburbanos demonstraram de intervir em debates, propor soluções e encaminhar ações na cidade resultou na criação de jornais, revistas e almanaques nos bairros do subúrbio da Central. Além disso, suas folhas também se transformavam em meios privilegiados para a publicação dos anúncios de empresas e profissionais instalados nos bairros. Como o jornal *O Suburbano* (1911-1920), no Engenho Novo, ou o *Almanaque Suburbano* (1911 e 1912), publicado em Sampaio e criados especialmente para propagandear serviços e produtos oferecidos pelo comércio suburbano. Jornais como *Progresso Suburbano* e *Commercio Suburbano* também já deixaram claro em seus títulos seu compromisso com a promoção do comércio de uma parte dos subúrbios, neste caso, o bairro de Piedade. Outros, por sua vez, foram desenvolvidos para militar a favor de propostas políticas. No mesmo bairro, em 1904 era criado o *Pequeno Pharol. Semanário Suburbano*, dirigido pelo militante republicano Raphael Henriques.

Dentre os bairros surgidos nesse processo de adensamento populacional dos subúrbios, o Méier foi o que apresentou a maior expansão das atividades mercantis e, também, abrigou, entre as décadas de 1900 e 1920, a maior quantidade de experiências com periódicos. Pelo menos oito jornais e revistas foram criados nesse período, muitos dos quais altamente dependentes da venda de espaços para anúncios e anunciantes, visceralmente comprometidos com a defesa das demandas e interesses da classe



mercantil suburbana. A intensidade e a variedade dos anúncios revelam um bairro que contava com padarias, restaurantes, tipografias, escolas, escritórios de advocacia, clínicas médicas, odontológicas, teatros e clubes recreativos.

A partir da década de 1920 o número de jornais editados nos subúrbios diminuiu consideravelmente evidenciando dificuldades crescentes para manter custos de produção de jornais e revistas que se mantinham com pequenas tiragens e publicidade e, também, da intensificação da concorrência de outras formas de imprensa cada vez mais estruturadas sob a forma de grandes empreendimentos comerciais.

### **1.1 Por que e para que produzir periódicos nos subúrbios?**

Em artigo de 1987, pioneiro na utilização desses jornais como fontes históricas, Maurício de Abreu buscou responder como se deu a conformação do espaço suburbano do Rio de Janeiro, chamado por ele de “a periferia de ontem”. Com base nesses jornais ele procurou compreender como o conjunto da população suburbana reagiu aos problemas vivenciados cotidianamente naqueles espaços da cidade, identificando uma imprensa de bairro que participou ativamente de todas essas transformações.

*(... ) Resultado do trabalho abnegado de alguns poucos cidadãos, que se dedicavam de corpo e alma à causa da melhoria da qualidade de vida dos subúrbios, os periódicos locais registraram, com diversidade de orientação ideológica e de forma muitas vezes passional, todo esse processo de transformação do espaço. As denúncias contra o capital e contra o Estado eram constantes, como também o eram as reclamações quanto à falta de união dos próprios suburbanos, que pouco faziam para mudar esse quadro de exploração. O tom utilizado era, de início, simplório e submisso. A conscientização de que esta postura não surtia os efeitos desejados logo deu lugar, entretanto, a um papel muito mais ativo, de incentivo à organização dos habitantes em associações de bairro para que melhor lutassem por seus direitos.*<sup>33</sup>

Ao avaliar esses órgãos de imprensa de cunho local e os homens envolvidos com sua produção, Abreu considerou que apesar de existir uma diversidade de orientação política e ideológica entre eles uma causa unia todos esses periódicos: a melhoria das condições de vida nos subúrbios. Aliado a isso, segundo ele existiriam dois momentos distintos que explicariam mudanças de posicionamento dessa imprensa. A princípio, no final do século XIX, haveria pouca conscientização por parte dos jornalistas sobre os problemas enfrentados pelos suburbanos, o que explicaria uma posição submissa desses

---

<sup>33</sup> ABREU, Maurício. “A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). *Revista Espaço e Debates*. São Paulo. NERU, Ano VII, vol. 1, nº 21, 1987, pp. 15-16.

periódicos perante os agentes do Estado e as empresas concessionárias de serviços públicos. Depois das reformas urbanas, no início do século XX, no entanto, essa postura passiva e alienada sofreria uma drástica transformação: nesse momento alguns homens “abnegados”, segundo Abreu, passariam a lutar “de corpo e alma” para denunciar a omissão do poder público frente ao estado de degradação das áreas mais distantes do Centro com o claro objetivo de conquistar, para os subúrbios, as mesmas melhorias concedidas para o Centro e bairros *chics* como Botafogo e Copacabana.

Em nossa pesquisa com esses jornais foi possível constatar a existência de diferentes projetos editoriais nos subúrbios, contrastando, portanto, com as conclusões a que chegou Maurício de Abreu. É possível afirmar que uma parte desses periódicos foi produzida motivada pela tentativa, por parte de setores de uma classe média há muito estabelecida nos bairros suburbanos,<sup>34</sup> de reproduzir um modelo de jornal que era feito pelas e para as elites que habitavam as áreas nobres da capital. Abordando os mais variados assuntos, desde notícias sobre atividades econômicas do bairro e da cidade (comércio, indústria, negócios em geral), notas sobre reuniões organizadas por lideranças locais até a publicação de textos literários, como poesias e folhetins, os criadores destes jornais trabalhavam pela construção de uma imagem pública que os ligassem ao bom gosto, ao refinamento, e ao culto das “belas artes”.

Havia uma preocupação em demonstrar a capacidade intelectual de uma elite local, cujos hábitos não seriam distintos daqueles vivenciados pelas elites que representariam o projeto de “civilização” existente na capital da República, cujo modo de vida a ser seguido encontrava-se no Centro e nos *arrabaldes chics* da Zona Sul.<sup>35</sup> Ou seja, busca-se a reprodução desta forma de viver elitista nos subúrbios como forma de afirmação e diferenciação social. Conclui-se isso a partir da leitura de jornais como *O Espinho* (editado no bairro de São Cristóvão na década de 1880), *O Alfinete* (editado na paróquia do Espírito Santo também na década de 1880), *Lux. Orgam Litterario, Humorístico e Noticioso* (editado no Méier em 1910), *O Condor* (editado em Madureira, 1900), e *O Scenario* (Méier, por volta de 1900). Jovens acadêmicos da Faculdade de Direito, membros de centros republicanos fundados nos bairros e de

---

<sup>34</sup> Segundo Maurício de Abreu, apenas com o estabelecimento efetivo do tráfego ferroviário suburbano, ocorrido na década de 1870, é que a ocupação dos subúrbios por trabalhadores se efetivou. Antes, afirma, predominava uma aristocracia que tinha condições de bancar os altos custos do transporte. Conferir em: ABREU, Maurício. “A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). Op. Cit., p.13.

<sup>35</sup> Expressão utilizada por alguns jornais suburbanos para se referir às áreas da cidade com melhor infraestrutura urbana.

grêmios literários constituíam uma fração dos habitantes dos subúrbios envolvidos na produção desses títulos.

Outros periódicos, por outro lado, surgiram nos bairros a partir de interesses distintos. Chama à atenção, em especial, a quantidade de títulos criados por indivíduos que tinham a necessidade de tornar visível a insatisfação com o estado de abandono a que os subúrbios estavam entregues. A defesa das melhorias “materiais e intelectuais” dos subúrbios, assentados na crítica de que o poder público, particularmente a Prefeitura, não vinha agindo no sentido de prover estes espaços das mesmas melhorias empregadas no Centro e bairros da Zona Sul, principalmente a partir da década de 1900, foi a razão essencial que motivou estas experiências com periódicos. O reconhecimento dessa diferença de tratamento do Estado alimentou um conjunto de iniciativas organizadas, dentre outros, por advogados, médicos, comerciantes, funcionários públicos (civis e militares) e membros do movimento operário que iam desde a criação de periódicos até a organização de associações locais, congressos e ligas com a finalidade de articular ações que resultassem na conquista dos “melhoramentos urbanos” para os subúrbios.

Se, para alguns, essa mobilização encerrava-se na conquista desse objetivo, para outros fazer jornal significava ampliar a mobilização para a conquista de direitos para aqueles que mais precisavam: os operários. Logo, será comum a existência, em alguns títulos, de seções voltadas para os interesses dos trabalhadores das indústrias que, em número cada vez maior, trabalhavam e tinham residência nos subúrbios da cidade. O resultado desse conjunto de preocupações se expressou na criação, dentre outros, da *Revista Suburbana* (que circulou em pelo menos quatro momentos distintos na cidade: em 1906, 1918 e 1922, no Méier e 1934), d’*O Echo Suburbano* (Engenho de Dentro, 1902), do jornal *Progresso Suburbano* (Piedade, 1902), *Commercio Suburbano* (Piedade, 1902), e *Echo Suburbano* (Madureira, entre 1910 e 1911).

Em menor número, mas representativo dessa multiplicidade de projetos de imprensa nos subúrbios, estavam os jornais criados por categorias profissionais ou por organizações coletivas fundadas por trabalhadores. No primeiro caso, chamamos a atenção para ação dos gráficos, que foram responsáveis pela publicação de pelo menos dois títulos nos subúrbios: *O Início. Periódico litterario e artistico*, editado no bairro de Deodoro em fevereiro de 1898, e *O Gráfico: Revista mensal de artes, sciencias, litteratura e variedades*, publicado no mesmo bairro em junho de 1898. No segundo caso, temos a iniciativa da *União Operária do Engenho de Dentro*, que fundada em

1899 para defender os interesses dos ferroviários e trabalhadores das indústrias têxteis, agiu na criação de um periódico. Intitulado *A União Operaria: Órgão da União Operaria de Engenho de Dentro*, foi criado em 1904, na gestão de Antonio Augusto Pinto Machado, recém empossado Presidente da organização em 1903 (sua administração se estenderia até 1909)<sup>36</sup>. Posteriormente, este homem irá se notabilizar como um profícuo colaborador da imprensa, em especial, nos órgãos editados nos subúrbios.

Faz-se necessário, portanto, apresentarmos de forma um pouco mais detalhada esse conjunto de jornais editados nos bairros mais distantes do Centro, tendo o cuidado de agrupá-los a partir das aproximações e diferenças existentes entre essas experiências. Começaremos explorando os periódicos que foram o resultado do envolvimento de setores das camadas médias dos subúrbios preocupadas em se afirmar como uma elite letrada que valorizava o mundo das letras e das ciências e, em seguida, apresentaremos um conjunto de periódicos criados a partir da ação de indivíduos envolvidos na luta por “interesses locais” e “suburbanos”, contra o estado de abandono em que se encontravam aqueles espaços da cidade. Por fim, apresentaremos aqueles que, a despeito da luta pelas melhorias “materiais e intelectuais” dos subúrbios, buscavam trabalhar pelos interesses do proletariado, seja abrindo seções específicas nas páginas do jornal e/ou pautando diversas matérias pela consecução das demandas dos trabalhadores. Nesses títulos, a defesa dos interesses dos espaços suburbanos está intimamente ligada aos interesses da classe trabalhadora.

## **1.2. Jornais produzidos pela e para a “ilustrada sociedade da zona suburbana”<sup>37</sup>**

Na paróquia do Espírito Santo, homens como J. de Andrade Neto e J. H. Carmo irão fundar um jornal em 1883, intitulado *O Alfinete. O órgão da Parochia do Espírito*

---

<sup>36</sup> Segundo dados do levantamento sobre o movimento operário do Rio de Janeiro do século XIX até a década de 1920, organizado por Cláudio H. M. Batalha, a *União Operária do Engenho de Dentro* foi fundada inicialmente por 71 sócios que, em sua maioria, eram operários das oficinas do Engenho de Dentro da Estrada de Ferro Central do Brasil (EFCB). Em 1921, a organização chegou a contar com 403 sócios, no entanto, devido à falta de notícias em outros meios, os responsáveis pela elaboração do levantamento acreditam que esta organização deixou de existir ainda na década de 1920. Conferir em: BATALHA, Claudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do Movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, pp. 280-281.

<sup>37</sup> Designação dada pelos responsáveis pelo jornal *A Penna* ao se dirigir ao seu público nos subúrbios no lançamento do primeiro exemplar em Jacarepaguá, em agosto de 1921.

*Santo*. Os responsáveis esclarecem no texto de apresentação que irão abordar todos os assuntos, de forma leve, sem o peso dos assuntos políticos. Querem que seu jornal seja lido por toda a população “ilustrada” da capital, pois irão abarcar os assuntos que interessam ao país. Para isso, não faltarão idas à Rua do Ouvidor, aos cafés literários, aos teatros, sempre “a rir”, pois como o próprio nome torna evidente, o recurso ao humor seria recorrente no tratamento das matérias. Em São Cristóvão, outro periódico também buscará abarcar todos os assuntos através da uma escrita leve, humorística, buscando atender aos interesses dos “pacatos burgueses” do bairro: *O Espinho. Jornal critico e de propaganda em S. Crhistovão*, fundado no mesmo ano de *O Alfinete*, em 1882. Os responsáveis por essa publicação, membros de um Clube Republicano do bairro, queriam servir a um público bem específico:

(...) *Não espera, delicado como é, rasgar as luvas e magoar os dedos d’aqueles, com quer travar relações, pois bem sabe que a flor que ama e protege, jamais será maltratada pelo distinto e fino high – life de uma freguezia tão nobre e altamente civilisada (...)*<sup>38</sup>

No decorrer das primeiras décadas do século XX, outros jornais com esta mesma feição e interesses serão produzidos em diversos bairros nos subúrbios da cidade. Habitantes de bairros como Méier, Madureira e Jacarepaguá irão fundar jornais literários, noticiosos e humorísticos. Notícias sobre a realização de encontros da sociedade letrada do bairro, publicação de poemas e poesias, reflexões sobre textos literários, seções de charadas, divulgação de peças de teatro, horários de missas e de filmes exibidos nos cinematógrafos, ganharão espaços nas páginas desses periódicos. Alguns títulos, como os mensais *O Condor* editado em Madureira (1908) e *A Penna*, produzido em Jacarepaguá pelo Grêmio Literário Olavo Bilac em 1921, eram órgãos exclusivamente literários. No jornal de Madureira, os “rapazes” editores, como se identificam, Colombo Mamede, P. Barbosa e A. Casado, buscam fazer um órgão de imprensa para inculcar nos moradores da localidade o gosto pela literatura, e enfatizam que em suas páginas não haverá qualquer elemento político. Em *A Penna* os responsáveis, membros de um grêmio literário existente em Jacarepaguá, buscam manter viva a obra do poeta Olavo Bilac, unindo forças com aqueles que se “esforçam pelas letras” na “respeitável sociedade da zona suburbana”.<sup>39</sup> No Méier, o jornal *Lux. Orgam Litterario, Humorístico e Noticioso*, de 1910, abordará outros assuntos além da

---

<sup>38</sup> *O Espinho*, São Cristóvão, Ano I, Novembro de 1882.

<sup>39</sup> *A Penna*, Jacarepaguá, Ano I, nº 1, Agosto de 1921.

literatura, mas os produtores deixam claro aos leitores que não esperem grandes pretensões do jornal, como o envolvimento em questões “palpantes”. O que os move é a luz do saber que “eleva um pouco o homem acima das misérias, e das banalidades da vida”<sup>40</sup>.

Os responsáveis por essas publicações deixam claro, logo na escolha dos títulos, a natureza das suas inquietações e motivações que os levaram ao envolvimento com a criação de periódicos nos subúrbios. Títulos como *O Alfinete* e *O Espinho* respondem ao objetivo de fazer um jornal humorístico; *A Penna* e *Lux* trazem a valorização que estes homens davam ao saber, ao conhecimento e a produção literária, vistos como imprescindíveis para o crescimento intelectual dos indivíduos e da nação. Em nenhum deles temos a utilização de termos como *subúrbio*, *subúrbios* ou *suburbano* que poderia marcar um maior envolvimento com questões ligadas ao viver nos subúrbios. O envolvimento com organizações locais, como vimos, ocorria em grêmios literários, centros republicanos, não existindo o interesse premente em participar de associações de caráter mais reivindicatório ligado às lutas por melhoramentos urbanos.

Mesmo com todo o processo de transformação pelo qual passavam os subúrbios na virada do século XIX para o XX, como o crescimento populacional e a falta de investimentos do Estado em infra-estrutura urbana, os objetivos dos grupos envolvidos com a publicação dos jornais acima trabalhados eram discutir as letras, abrir espaço para os poetas, tratar de temas amenos, evitando as pesadas discussões políticas. Ou seja, fazer jornal para esses homens não passava por uma luta pelas melhorias locais, ou pela defesa das lutas dos mais oprimidos ou necessitados. E esse tipo de jornal não ficará circunscrito ao final do século XIX, mas será uma realidade também presente ao longo das primeiras décadas do XX.

Por isso acreditamos ser necessário problematizar as afirmações de Maurício de Abreu sobre essa imprensa de bairro publicada nos subúrbios. Ao contrário do que afirma o autor, nem todos os jornais publicados nesses espaços foram criados para lutar por melhorias urbanas. Não há um mesmo objetivo, muito embora a grande maioria dos títulos fosse o resultado da necessidade de muitos suburbanos de arregimentar forças para uma causa que acreditavam ser de todos os habitantes daqueles espaços. E mesmo dentro dessa mesma luta haverá diferentes propostas e estratégias, do contrário um único jornal poderia ter sido criado, unindo forças e economizando recursos.

---

<sup>40</sup> *Lux*, Méier, Ano I, nº 1, Novembro de 1910.

Façamos, portanto, o reconhecimento dessas experiências, no tempo e no espaço, onde a busca pela transformação dos subúrbios foi o objetivo central.

### **1.3. Editado nos subúrbios e para os subúrbios: a defesa dos “interesses locais”.**

Seguramente, de forma reiterada, identificamos indivíduos, em diferentes espaços, desde a década de 1880, apresentarem-se perante o leitor informando que uma de suas principais missões encontra-se na luta por melhoramentos para os espaços em que vivem, trabalham e construíram suas vidas. Mas mesmo entre os jornais com objetivos aparentemente aproximados, podemos identificar diferenças significativas que se expressam, muitas vezes, na maneira como se vêem no meio jornalístico, no envolvimento ou não nos debates político-partidários, na opção ou não de uma escrita mais séria ou com mais humor, nas delimitações claras sobre o público para o qual se dirigem – de toda a zona suburbana, de um bairro específico, de toda a capital? E, claro, para qual grupo ou classe se reconhecem e/ou pretendem dialogar.

A necessidade do envolvimento na criação de periódicos nos subúrbios vinha logo estampada nos títulos e subtítulos escolhidos pelos seus fundadores. Ou decidia-se por nomes que trouxessem imediatamente uma identificação com os subúrbios, o que poderia significar uma tentativa de representar todos os subúrbios e os suburbanos ou apenas os habitantes de uma área específica dos subúrbios, presentes em títulos como *Tribuna Suburbana*, *Jornal Suburbano*, *Revista Suburbana*, *Progresso Suburbano*, *O Suburbano*. *Orgam dos interesses locais*, *Monitor Suburbano* ou escolhia-se o nome do bairro onde eram editados, como foi o caso de *O São Cristóvão*, *O Paquetaense*, *Jornal das Ilhas*, *O Santa Cruz*. *Orgao de propaganda do Tiro de Santa Cruz e dos interesses locais*, *Penha-Jornal* e *O Santacruzense*. O certo é que estas escolhas tornavam evidentes os objetivos dos seus proprietários e produtores. Bem diferente das escolhas de títulos como *O Alfinete*, *O Espinho*, *Lux ou A Penna*, que não traziam a marca de uma identificação ou envolvimento com os espaços onde eram produzidos. Nesses jornais, buscava-se o diálogo com todo e qualquer leitor, dos subúrbios ou não, pois os interesses dos responsáveis não passavam pelo envolvimento em lutas específicas travadas pelo e no bairro onde eram produzidos.

Escolhido os títulos e subtítulos, para muitos era importante destacar que o periódico, para existir, necessitava da colaboração e participação de todos os suburbanos para continuar existindo. Colaborar significava desde aceitar o recebimento

dos jornais mediante o pagamento das assinaturas, o envio de cartas ao jornal (em especial denunciando a precariedade material dos bairros), a realização de visitas de moradores e lideranças locais às redações, o envio de textos para serem publicados e também na compra de espaços para o anúncio de estabelecimentos comerciais e industriais e/ou para a oferta de serviços prestados por profissionais liberais (advogados, dentistas, médicos, etc). Os espaços dos jornais destinados aos anúncios poderiam ser ocupados tanto pelos comerciantes e profissionais liberais dos bairros suburbanos, quanto por aqueles que tivessem negócios estabelecidos no Centro da cidade. A grande maioria desses jornais se dirigia para todos os habitantes dos subúrbios, em especial para os residentes nos bairros onde o periódico era editado, ressaltando a postura de independência frente a partidos e a potentados locais e declarando que o interesse maior é a luta pelo desenvolvimento dos interesses locais: seja de toda a zona suburbana, ou de uma fração desses espaços, como por exemplo, da Ilha do Governador, da Freguesia de Irajá, ou de Santa Cruz:

*Nenhum grupo partidário achará pois nelle guarida para defender seus ideais, salvo na seção paga e com a competente responsabilidade.*

*Tratar do progresso da Ilha do Governador, pedir a atenção dos poderes competentes para suas necessidades, ser enfim **um órgão dos interesses de toda a população** insulana que, pode-se dizer, luta presentemente com todas as dificuldades; \_ eis o seu fim, que julgamos muito nobre e muito sufficiente para sua sustentação.*

*Afastada assim a política local, espera O Suburbano ser um jornal que, pela sua imparcialidade, mereça a aceitação de todos.*<sup>41</sup>

*Não nos emmaranharemos no cipoal da política, não nos intrometteremos nos seus meandros, porque sabemos, de antemão, que só encontraremos urzes, espinhos, decepções, desenganos e nenhum resultado pratico (...)*

*A nossa missão, pois, na vida que vamos adoptar, é **cuidar dos interesses locais e defendel-os** ardorosamente, até o ponto de obtermos tudo (...)*

*O nosso jornal e do povo, o povo que comprehenda o que deve fazer em prol de quem surge animado para defender-lhe*<sup>42</sup>

*Os que tomaram a si redigir este semanario, não trazem para a luta outra aspiração **senão elevar e engrandecer a zona suburbana**, notadamente a abandonada freguezia de Irajá, no seio da qual vivemos, nasceram nossos filhos e temos nossas famílias.*

*Não trazemos programma. Um programma não é obediência passiva, e nós não nos curvaremos a potentados, não applaudiremos senão o que merecer applausos, o que for bom e para bem geral (...)*<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> *O Suburbano*, Ilha do Governador, Ano I, nº 1, Março de 1900. Grifo nosso.

<sup>42</sup> *O Santacruzense*, Santa Cruz, Ano I, nº 1, Outubro de 1908. Grifo nosso.

<sup>43</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, Ano I, nº 1. Junho de 1911. Grifo nosso.



Por outro lado, veremos que para certos produtores de jornais o envolvimento com a política era uma necessidade. A abordagem de questões partidárias estará presente nas páginas de alguns títulos, havendo, inclusive, jornais que marcadamente eram produzidos por homens que militavam em favor dos interesses de lideranças políticas locais. O jornal *O Santa Cruz*, apesar do discurso de independência, tinha, entre os colaboradores um jovem estudante de Medicina chamado Oscar Pimentel, filho de um figurão da política local, o coronel Honório Pimentel. De forma recorrente, o jornal saía em defesa do político e na eleição para o Conselho Municipal de 1911 fazia questão de reiterar os laços do político, membro do Partido Republicano Conservador, com Santa Cruz. O discurso de posse no Conselho foi todo publicado na primeira página do jornal, que nesta edição saiu com fotos do político ao lado de sua família e amigos<sup>44</sup>. Na *Tribuna Suburbana*, criado em Madureira (1910), a discussão e cobertura de temas políticos eram considerados de extrema importância, em especial a defesa da República Civil. Para os responsáveis pelo jornal, a forma como a República vinha sendo tratada os levava para o:

*(...) terreno escabroso da politica, cujos partidos, em violentas constantes e terríveis lutas ameaçam sepultar de envolto com a ruína da patria o ideal sublime dos martyres da liberdade.*

*Teremos por objectivo a defeza intransigente da Republica civil; patrocinar ardentemente os interesses do povo, quando prejudicados violentamente pelo poder, trabalhar muito e muito pelo desenvolvimento material e intellectual da zona suburbana. Em synthese: queremos a liberdade para o povo, o desenvolvimento para a pátria (...)*

<sup>45</sup>

O diretor da *Tribuna Suburbana*, Raphael Henriques, era membro de um partido republicano, e um ano depois já estaria trabalhando como editor-chefe de um diário publicado na cidade de Santos, litoral de São Paulo, chamado *A Republica*.

No entanto, predominava entre os jornais produzidos nos subúrbios a idéia de que deveriam estar imunes a possíveis interferências de interesses de grupos políticos locais. Isso pode indicar uma preocupação em atingir o maior número possível de leitores, abarcando, dentre outros, simpatizantes e integrantes de diferentes partidos políticos que possuíssem base eleitoral nos bairros suburbanos ou de fato, procurar manter independência em relação aos poderosos e partidos. Nesse sentido, irão prevalecer nesses jornais notas informativas sobre o cotidiano e as condições de vida da

---

<sup>44</sup> *O Santa Cruz*, Santa Cruz, Ano I, edição 21 de Maio de 1911.

<sup>45</sup> *Tribuna Suburbana*, Madureira, Ano I, nº1, Janeiro de 1910.

população suburbana, que através de uma rede de representantes mantidos pelos jornais em vários bairros, coletavam cartas de denúncias contra a municipalidade, notícias sobre reuniões de associações estabelecidas nos bairros, sobre comemorações de aniversários, casamentos e formaturas de membros de famílias influentes, e também para a divulgação de inaugurações de escolas e clubes esportivos, informações sobre os horários de bailes organizados por clubes dançantes ou sobre os locais de encontros de grêmios carnavalescos.

Marialva Barbosa, que pesquisou a chamada grande imprensa carioca na Primeira República<sup>46</sup>, afirma que a busca para parecer imparcial foi uma das características do novo jornalismo praticado nesse período. Dentre as reformas implementadas desde o final do século XIX na imprensa carioca, que levaria a instituição de empresas jornalísticas organizadas com o objetivo da busca pelo lucro, estaria a separação dos espaços destinados a opinião e aqueles destinados às notícias. As páginas dos jornais serão invadidas por notas informativas, entrevistas, reportagens que valorizavam aspectos mundanos da vida na cidade. O leitor saberia exatamente onde encontrar os espaços destinados a opinião, tanto as do jornal quanto as referentes aos articulistas, em uma ação pela construção da imagem do jornal enquanto órgão independente.

E esses artigos de fundo também estarão presentes em alguns dos jornais editados nos subúrbios, principalmente na primeira página e com amplo destaque. Eram nesses espaços onde os responsáveis pelos jornais se posicionavam sobre os mais diversos temas, em especial, onde cobravam com veemência uma nova postura do poder público frente aos subúrbios e aos suburbanos, onde se defendiam de ataques desferidos por outros jornais ou grupos rivais, onde refletiam sobre o papel da imprensa feita nos subúrbios, onde encampavam campanhas para a criação de associações e escolas e onde enalteciam homens com atuação pública relevante nos subúrbios ou figurões da política nacional, como presidentes da República, ministros e secretários. As avaliações iam desde elogios a críticas ácidas à atuação de intendentess municipais, diretores de escolas, delegados até a tentativa de desmoralização de nomes importantes da política republicana.

---

<sup>46</sup> BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio*, op. cit, p.24.

#### 1.4. Outras alianças nos subúrbios.

Outros títulos, apesar de produzidos a partir do engajamento de indivíduos pelos melhoramentos urbanos dos subúrbios, viam também a necessidade de abrir espaço para a luta de um grupo social específico: os operários, que em grande número ali habitavam e trabalhavam, principalmente a partir da primeira década do século XX.

Jornais como *O São Christovão*, *Progresso Suburbano*, *Commercio Suburbano* e *Gazeta Suburbana* declaravam solidariedade pela causa operária. Nestes não havia uma seção específica destinada aos interesses dos operários, mas era comum a existência de declarações favoráveis de seus proprietários e diretores em relação às lutas dos trabalhadores, motivando, inclusive, a publicação de matérias sobre a questão operária.

*(...) Não somos exclusivistas; incluímos, no numero de nossos cuidados, os dignos operarios moradores nesta área immensa, e em geral, os que soffrem pela prepotencia de seus superiores ou pela inveja dos inuteis dos invalidos Moraes (...)*<sup>47</sup>

#### A QUESTÃO OPERARIA

*A manifestação expontanea do operariado do Districto Federal ao Sr.Marechal Hermes no dia 12 do corrente, obriga-nos a uma pergunta algum tanto ingênua.*

*- Que tem feito o governo em prol dos operários?*

*- A resposta não é difficil: - nada, absolutamente nada.*

*O operario, entre nós, continua a ser o objecto de toda a exploração (...)*<sup>48</sup>

Como há poucas edições para consulta de parte desses títulos, seja por conta de sua curta existência (caso do *Progresso Suburbano*, que durou alguns meses até se transformar em outro jornal) seja porque há poucas edições preservadas nas instituições de guarda documental (casos de *Commercio Suburbano* e *O São Christovão*), fica difícil estabelecermos o real nível de envolvimento desses jornalistas com a causa operária. No caso da *Gazeta Suburbana*, que circulou de 1910 até pelo menos 1920, haverá no período de um ano (entre 1919-20) a participação de José Roberto Vieira de Mello,

---

<sup>47</sup> *Commercio Suburbano*. Piedade, edição 15 de Maio de 1902.

<sup>48</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 30 de Maio de 1911.

antigo delegado da *União Operária do Engenho de Dentro* no Congresso Operário Brasileiro realizado em 1906<sup>49</sup>.

Outros títulos, por sua vez, como a *Revista Suburbana*, tanto a da fase de 1918 (dirigida por Vieira de Melo) quanto à de 1922, *O Echo Suburbano* de 1901 (Engenho de Dentro), e *Echo Suburbano* (Madureira, 1911), eram mais explícitos no envolvimento com a causa operária, tornando evidente que a defesa dos interesses dos trabalhadores das fábricas foram decisivos para a criação desses jornais.

A participação, como proprietários, diretores ou colaboradores, de homens como José Roberto Vieira de Mello (militante do movimento operário, foi redator do jornal *Correio da Noite*, diretor do jornal *Gazeta Suburbana*, e da *Revista Suburbana* que circulou em 1918), os irmãos Benjamin e Eduardo Magalhães (o primeiro foi advogado e o segundo tipógrafo, e ambos atuaram como jornalistas, assinando a coluna *Nos Subúrbios* do jornal *A Época*, e como proprietários do semanário *O Suburbano*, editado no Sampaio no final da década de 1910) e Pinto Machado em periódicos suburbanos significava o direcionamento para a criação de espaços voltados para os interesses da classe trabalhadora. Este último, em especial, era operário tecelão, socialista e foi presidente da União Operária de Engenho de Dentro entre 1903 e 1909. No bairro de Madureira, foi diretor do *Echo Suburbano* em 1911; foi o jornalista responsável pela seção suburbana do jornal *A Tribuna*, e editor da seção *Pelo Operariado* da *Revista Suburbana* publicada em 1918 no Méier. Também foi Capitão da Guarda Nacional e suplente de delegado de polícia, o que talvez explique o trânsito que tinha com lideranças locais que atuavam como profissionais liberais e eram envolvidos com a imprensa<sup>50</sup>.

Outro indício do envolvimento de trabalhadores e militantes do movimento operário em jornais editados nos subúrbios pode ser atestado pela criação, no bairro do Engenho de Dentro, do semanal *O Echo Suburbano. Propriedade e Redacção de Ernesto Nogueirol*. O jornal, aparentemente produzido apenas pelo dono, privilegiava encampar as lutas e demandas dos operários das oficinas da E. F. Central do Brasil, empresa onde tivera sido demitido depois de muitos anos de trabalho. A criação do jornal irá atender, inclusive, as denúncias que o diretor-proprietário desferia contra os

---

<sup>49</sup> BATALHA, Claudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do Movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p. 103.

<sup>50</sup> Sobre o envolvimento de Antonio Augusto Pinto Machado com o movimento operário, conferir: BATALHA, Claudio Henrique de Moraes. (org.). *Dicionário do Movimento operário*, op. cit., pp. 130-131.

administradores das oficinas, vistos como inimigos dos interesses dos trabalhadores. Assim como Pinto Machado, Ernesto Nogueirol também trabalhou em um jornal de circulação diária da cidade. No *Jornal do Brasil*, ele foi o responsável pela seção destinada aos interesses do operariado.

Essa diversidade de projetos envolvendo a produção de periódicos nos bairros dos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro em um momento onde se tornava cada vez mais presente a constituição de empresas jornalísticas de grande porte a partir das últimas décadas do século XIX e ao mesmo tempo onde a imprensa operária se ampliava e renovava nos permite estabelecer possíveis especificidades a essas experiências?

A princípio, devemos ressaltar que esse envolvimento com o periodismo foi extremamente importante no sentido de estabelecer espaços garantidores da visibilidade dos interesses, projetos e lutas por direitos de grupos populares, residentes em áreas distantes dos centros de decisão política da cidade, ou seja, dos centros do poder. As redações e oficinas dos diários de maior vendagem e influência política do Rio de Janeiro estavam localizadas, evidentemente, nesses espaços: o *Jornal do Brasil* esteve localizado na Rua Gonçalves Dias, e posteriormente, na Avenida Rio Branco; o *Correio da Manhã*, na Rua Moreira Cezar; a *Gazeta de Notícias*, na Rua Sete de Setembro; e o *Jornal do Commercio* nas ruas do Ouvidor, Quitanda e Travessa do Ouvidor, onde tinha imóveis. Jornais altamente capitalizados, resultado da ação de homens próximos aos centros de decisão política, tinham, muitas vezes, acesso facilitado a empréstimos concedidos por bancos públicos. Marialva Barbosa, em seu estudo sobre os grandes diários da cidade no período da *Belle Epoque*, destaca como a montagem dessas grandes estruturas foi facilitada por essa proximidade. Narrando sobre as transformações que esses diários vivenciavam no final do século XIX, a autora destaca a montagem da estrutura empresarial do *Jornal do Commercio* a partir de 1890 quando assume o controle do jornal o ex-correspondente nos Estados Unidos, José Carlos Rodrigues. Ao lado de 23 sócios, o novo proprietário consegue, junto ao Banco do Brasil, um empréstimo no valor de 2.600.000\$000<sup>51</sup>.

Todo esse dinheiro era visto como necessário, pois a nova realidade de competição no mercado de jornais da cidade em transformação exigia, cada vez mais, a montagem de equipes numerosas nas diversas áreas da empresa (redação,

---

<sup>51</sup> BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio*, op. cit., pp. 38-39.

administração, oficinas, circulação), a importação de maquinários que acelerassem e melhorassem a impressão, e a construção de uma logística de distribuição que contasse, por exemplo, com transportes e uma ampla rede de vendedores anunciando os jornais nas ruas da cidade. Tais características demonstram o poder de fogo dessa imprensa de circulação diária que, em 1900, segundo informações da época reproduzidas pela autora, chegou a ter uma tiragem global de 100 a 150 mil exemplares.

Ao lado de toda essa estrutura, estava a necessidade de ampliar o público consumidor de jornais, conquistando novos leitores a partir do atendimento de interesses diversos, em uma cidade onde a população crescia vertiginosamente. Paralelamente, havia o aumento considerável da população letrada, possibilitando a ampliação de todo um mercado destinado ao atendimento de demandas populares de textos impressos. Esse crescimento torna-se evidente quando verificamos os dados dos Censos que informam sobre a população existente na cidade a partir do final do século XIX em conjunto com o percentual de alfabetizados. A pesquisadora Laura Antunes Maciel cruzou os dados presentes nos Censos e concluiu que, a despeito do alto índice de analfabetos, o Rio de Janeiro, já no final do século XIX, tinha uma população majoritariamente alfabetizada. Reparem na evolução dos números: se em 1890, para uma população da ordem de 522.000 habitantes, havia 307 mil (58,8%) que declararam saber ler e escrever, em 1906 a população da cidade atingiu a marca de 818.113 habitantes, dos quais 490 mil (59,8%) eram alfabetizados. Em 1920, o percentual de leitores atingiu a marca de 61,1% da população da cidade.<sup>52</sup>

Outro aspecto que demonstra o crescimento da importância social do povo nesse período foi indicado pelo pesquisador Eduardo Granja Coutinho que ressalta como setores das elites, representados na imprensa burguesa da cidade nas primeiras décadas do século XX, já contemplavam e incorporavam demandas e anseios das massas. A criação de seções e colunas direcionadas para o conjunto dos trabalhadores, presentes em periódicos como o *Jornal do Brasil* (*Queixas do povo* e *O operariado*), *Correio da Manhã* (*Correio operario*), *A Rua* (*Operariado*), *O Paiz* (*Queixas e reclamações*), *Gazeta de Notícias* (*A voz do povo*), dentre outros, seriam indícios claros, segundo o autor, de uma motivação mercadológica. Mas podemos pensar, também, na importância de um sujeito coletivo novo que se constituía por meio da imprensa em diferentes

---

<sup>52</sup> DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996, pp.125-126. *Apud.* Maciel, Laura Antunes. “De “o povo não sabe ler” a uma história dos trabalhadores da palavra.” In: Maciel, Laura Antunes, Almeida, Paulo Roberto de; Khoury, Yara Aun. (Orgs.) *Outras histórias: memórias e linguagens*. São Paulo: Olho d’Água, 2006, p.283.

direções. Nessa busca pelos leitores, certos jornais, como o *Jornal do Brasil*, influenciados pelo modelo jornalístico norte-americano, empenhavam-se na construção de uma imagem que os ligassem aos interesses do povo, nem que para isso fosse necessário se indispor com o poder constituído<sup>53</sup>. Daí a necessidade do discurso da independência política.

Nesse sentido, abrir espaços para as demandas dos moradores dos subúrbios foi uma estratégia lançada por inúmeros jornais de circulação diária: O *Jornal do Brasil* e *A Tribuna* tinham a seção *Suburbios*; *O Paiz* e *Folha do Dia* mantinham a *Secção Suburbana*; n' *o Correio da Manhã* existiu a seção *Pelos Suburbios*; no *Diario de Noticias* foi produzido o *Diario suburbano*, e n' *A Epoca*, a coluna *Nos Subúrbios*. E mais, permeando a estratégia de construção de legitimidade perante os leitores, tornava-se imperioso para certos periódicos a contratação de homens residentes nos subúrbios para assinar estas seções, como ficou demonstrado pela participação de Xavier Pinheiro (*O Paiz*), Pinto Machado (*A Tribuna*), Miranda Rosa (redator-secretário d' *A Tribuna*), os irmãos Eduardo e Benjamin Magalhães (*A Epoca*), e Antonio Quintiliano (*Folha do Dia*) nesses periódicos.

Esses homens, no entanto, não irão restringir seu trabalho pelos subúrbios à participação nos jornais de circulação diária, onde os espaços destinados aos interesses dos subúrbios e suburbanos eram irregulares e insuficientes. Mesmo enfrentando sérias dificuldades para a montagem e manutenção de periódicos nos subúrbios, em um período onde a principal receita dos jornais era proveniente das assinaturas, inúmeras iniciativas surgiram para denunciar aos detentores do poder o estado vivenciado pelos habitantes desses espaços da cidade. Mas também, como vimos neste capítulo, para discutir textos literários, fazer humor, lutar pela causa operária, discutir e fazer política, anunciar os horários dos espaços de lazer existentes nos bairros, ou seja, as novas experiências sociais em constituição na cidade são incorporadas por essas novas formas de produção e representação próprias dessa nova imprensa que surge. Para a historiadora Heloísa de Faria Cruz, analisando a expansão do periodismo na cidade de São Paulo na virada do século XIX para o XX, “(...) *o próprio movimento de expansão*

---

<sup>53</sup> COUTINHO, Eduardo Granja. Processos contra-hegemônicos na imprensa carioca, 1889-1930. In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Comunicação e contra hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008, p.72.

*da imprensa periódica, o seu fazer-se, mostrava como faceta cultural mais importante do processo de formação/transformação da vida urbana”.*<sup>54</sup>

É neste sentido, portanto, que analisamos estes jornais. Partindo do pressuposto de que não são experiências hegemônicas, ligadas ao grande capital, onde produzir jornais significava grandes investimentos com contratação de equipes, uma redação numerosa e maquinários modernos. Logo, não eram grandes empresas. O que havia eram múltiplas experiências vivenciadas em espaços profundamente marcados por um preconceito de longa duração que historicamente construiu um conhecimento que marginalizou estes homens e mulheres da possibilidade de um reconhecimento ligado ao mundo letrado, e que, portanto, também é capaz, inclusive, de mascarar as relações de opressão e dominação existentes nestes espaços. Mas para que todas essas questões sejam desvendadas, não podemos negar esta realidade: os “suburbanos” produziam textos impressos, e isto os levou, de maneira inédita, a um novo posicionamento na cidade, onde suas histórias, lutas e experiências de vida, nos espaços em que viviam e se identificavam, contavam com um meio, a imprensa, que era utilizada no sentido de dar visibilidade aos seus projetos. No entanto, como demonstrado nesse texto, os “suburbanos” não constituíam / constituem um grupo homogêneo e estas diferenças, de classe, de interesses e de avaliações sobre a realidade em que viviam levou-os a fazer jornal a partir de motivações as mais diversas.

### ***1.5. Ninguém acreditava!***

Os investimentos em periódicos por homens residentes nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro eram sem sombra de dúvida a realização de uma tarefa árdua quanto a sua viabilização comercial. Através da leitura de artigos-programa, especialmente os publicados nas primeiras edições de cada periódico, somos informados sobre as inúmeras dificuldades vivenciadas por aqueles que se aventuraram na tarefa de produzir um órgão de imprensa nos bairros mais longínquos do Centro. Conscientes das limitações existentes para a manutenção de tão audacioso projeto apresentavam-se invariavelmente de forma tímida e reverencial aos demais órgãos da imprensa:

***Para muitos talvez se afigure bastante difícil a sustentação de um jornalzinho numa localidade como esta, em que presentemente faltam quasi todos os recursos.***

---

<sup>54</sup> CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta*, op. cit., p. 20.



*Esses talvez tenham razão.*

*Mas... é das dificuldades que nascem os milagres, disse Labruyere!  
Todo auxílio, por muito pequeno que seja, é sempre uma força para o mecanismo social.  
Tudo começa por ser pequeno (...)*<sup>55</sup>

*Apresentamo-nos, hoje, na arena da imprensa, **pequenino**, qual infante sahido das faxas maternas e pedimos a todos os colegas queiram receber-nos com aquelle sorriso e agrado que os caracterizam. Seremos um novo campeão engrossando suas fileiras (...)*<sup>56</sup>

E uma vez que o jornal consiga sobreviver, ultrapassando alguns meses de circulação, fazia-se necessário, para alguns, agradecerem ao público pela forma como recepcionaram a nova folha.

*“Está prestes a findar-se o nosso mandato, queremos dizer, a terminar o primeiro trimestre de existência do Espinho.*

***-Pois o Espinho já tem três mezes!!***

***-Admiram-se!***

***Quando nos atrevemos a publicar um jornal aqui no bairro, é porque já conhecíamos sobejamente este povo, e tanto assim que, de ante mão, contamos com a proteção que nos tem sido dispensada, a qual parece querer atingir á altura de ...de um verdadeiro sucesso!! (...)***<sup>57</sup>

#### O SANTACRUZENSE

*Heis nos no novo anno, com novas aspirações, com novas forcas para luctar em prol da massa produtiva que se chama: o povo. Cada vez mais animados pelo carinho generoso do povo do ramal de Santa Cruz, fizemos um esforço herculeo para nos, e fizemos do nosso semanario de hontem, o bi-semanario de hoje.*

*Esse esforço porem não seria vencedor, se não fosse o animo que nos trouxe o povo, esse povo ordeiro, pacato e honesto, do ramal de Santa Cruz. **Ninguem acreditava que um jornal em Santa Cruz durasse mais de um mez, e ate as pessoas que nos honraram com as suas assignaturas, duvidaram que nos agüentássemos (...)***<sup>58</sup>

Estas falas parecem sugerir certa incompatibilidade entre o viver nos subúrbios e a possibilidade de criação e manutenção de periódicos naqueles espaços. A cidade do Rio de Janeiro experimentou um aumento vertiginoso da população na virada do século XIX para o XX em meio ao crescimento da constituição de uma economia de mercado, que dentre outros serviços e mercadorias ofertados, estavam os textos impressos produzidos por uma ainda incipiente indústria cultural: livros didáticos, romances, contos, jornais, revistas, almanaques, atlas tornavam-se itens indispensáveis e

---

<sup>55</sup> *O Suburbano. Orgam dos interesses locais*, Ilha do Governador, edição 1º de Março de 1900. Grifo nosso.

<sup>56</sup> *Progresso Suburbano*, Piedade, edição 2 de Março de 1902. Grifo nosso.

<sup>57</sup> *O Espinho*, São Cristóvão, 11 de novembro de 1882. Grifo nosso.

<sup>58</sup> *O Santacruzense*, Santa Cruz, edição 3 Janeiro de 1909. Grifo nosso.

corriqueiros em uma urbe habitada por uma população majoritariamente letrada. A afirmação de periódicos estruturados e modelados como empresas jornalísticas na virada para o século XX levou-os a busca pelo atendimento desse crescente mercado, assumindo o papel de verdadeiras editoras. Passou a ser rotineiro o trabalho para terceiros, como a impressão de jornais e almanaques, facilitados pela disponibilidade de novas e poderosas máquinas de composição e impressão<sup>59</sup>.

Para muitos, portanto, era um verdadeiro “atrevimento” criar um jornal nos subúrbios, disputando espaço com outros órgãos de imprensa há muito estabelecidos na cidade cujo financiamento era menos inseguro. E mais, e isso talvez seja ainda mais elucidativo, a excitação com que alguns anunciam e comemoram a viabilidade comercial desses títulos reside no fato de serem editados em espaços da cidade associados à precariedade urbana e a falta de recursos, ou seja, associados à pobreza.

De qualquer maneira, vale ressaltar que todo o envolvimento com o periodismo nos subúrbios ocorreu exatamente no momento em que as empresas jornalísticas editoras dos grandes jornais diários eram constituídas e ampliavam mercados. Logo, mesmo que diversos títulos tenham sido de fato, em sua grande maioria, efêmeros, temos um quadro desse momento histórico marcado por uma ampliação considerável do lugar social e espacial dos produtores de periódicos na cidade do Rio de Janeiro.

A *Revista Suburbana* espelha bem essa irregularidade. Em pelo menos quatro momentos distintos entre as décadas de 1890 e 1930 diferentes grupos lançaram uma revista com esse título. A primeira referência existente sobre a revista data de 1906 e foi um empreendimento organizado pela empresa Clemente & Comp. dirigida por Ferreira Júnior. Em 1918, a empresa Costa & Mello, comandada, dentre outros, por J. R. Vieira de Mello, assume o título e lança uma revista quinzenal com redação no Méier, subúrbio da Central. Um ano depois, Vieira de Mello já estaria envolvido com outra publicação nos subúrbios, a *Gazeta Suburbana*, o que pode indicar o fim da sociedade. Em 1922, novamente a revista é relançada por outro grupo proprietário e por último, temos ainda referência sobre a existência de uma *Revista Suburbana* no ano de 1934.

Em Santa Cruz, os responsáveis pelo jornal *O Santacruzense* irão anunciar o fim da publicação após um ano completado. O mesmo acontecendo com outro periódico publicado no bairro, *O Santa Cruz*. Os responsáveis pelo primeiro, criado em 1908 alegaram a irregularidade no pagamento das assinaturas como a causa do fechamento do

---

<sup>59</sup> BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio*, op. cit., p. 38.

jornal, enquanto os produtores do segundo, fundado em 1911, simplesmente anunciaram que haviam conquistado os objetivos pelo qual haviam sido movidos a produzir um jornal, como a expulsão de “forasteiros” do bairro e a obtenção de melhorias como o reconhecimento do funcionamento do *Tiro de Santa Cruz*. Outros títulos, por sua vez, irão desaparecer a partir de acordos comerciais com outros proprietários de periódicos. Esse foi o caso, por exemplo, do *Jornal Suburbano*, fundado em junho de 1911 pelo advogado Victorino Tosta em Madureira. Após poucos meses de existência, o jornal se fundiu com outro existente no bairro há mais de dois anos: o *Echo Suburbano*, propriedade de J. Cardoso. Com o *Progresso Suburbano* ocorreu algo parecido. Criado em março de 1902 no bairro da Piedade, subúrbio da Central, durou até agosto do mesmo ano, depois de uma negociação de fusão com o jornal *O Parlamentar*, editado no Centro da cidade. Aqui temos uma fusão levada pela necessidade de mudança do perfil do jornal, agora centrado em temas mais abrangentes e não circunscrito a demandas ligadas ao viver nos subúrbios:

*Será esta o ultimo numero do nosso jornal sahindo com este titulo, pois resolvemos dar maior expansão ao nosso programma, que até o presente se achava circunscrito á zona suburbana. Resolvemos fazer fusão com a empresa jornalística O Parlamentar que sahirá no dia 6 de novembro proximo, sob a direcção do distincto moço o Sr. Napoleão de Azevedo sendo semanal a sua publicação.*

*Essa nossa resolução é motivada pelo desejo que temos de ser mais uteis ao publico e á aquelles que nos auxiliam, pois com um programma mais vasto, como o que vae apresentar-se O Parlamentar poderemos prestar melhores serviços.*<sup>60</sup>

Até mesmo a morte de homens-chave na produção de jornais poderia levá-los ao fechamento. Foi o que parece ter acontecido a partir da morte, em 1919, de José Fonseca, redator-chefe do semanário *A Tesoura*, editado em Ramos, no subúrbio da Leopoldina havia três anos<sup>61</sup>. Uma nota na *Gazeta Suburbana* informa que o jornalista Deodoro de Barros, também responsável pela publicação, diante da morte do colega, se afasta da publicação, levando-a ao fechamento. Imediatamente se informa que a folha não possui dívidas e que todos os assinantes serão ressarcidos pelo pagamento de assinaturas não cumpridas<sup>62</sup>.

Mas no conjunto do periodismo suburbano havia também casos de empresas jornalísticas que conseguiram manter-se por um longo período. Foi o caso da *Gazeta*

---

<sup>60</sup> *Progresso Suburbano*, Piedade, edição dia 24 de agosto de 1902. Grifo nosso.

<sup>61</sup> Na seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional, temos referência sobre esse jornal para o ano de 1909. A nota presente na *Gazeta Suburbana* afirma que *A Tesoura* era publicada em Ramos desde 1916.

<sup>62</sup> *Gazeta Suburbana*, Méier, edição 12 de abril de 1919.

*Suburbana, d'O Subúrbio e O Suburbano*. O primeiro durou pelo menos dez anos, de 1910 a 1920, e chegou a ter uma tiragem declarada de 5.000 exemplares. O segundo, na segunda fase, circulou entre 1907 e 1911, e o terceiro, segundo referências na Biblioteca Nacional, teria circulado pelo menos entre 1935 e 1941.

O sucesso e o empenho desses jornalistas em manter periódicos nos subúrbios ganhavam as páginas das suas folhas

Para o historiador cujo objeto privilegiado de pesquisa é a imprensa, o contato com as chamadas **edições comemorativas** constitui um material rico de análise. Nessas edições são publicados balanços produzidos tanto pelos jornalistas do órgão quanto de convidados. Na imprensa suburbana era comum a publicação de auto-elogios sobre o papel desempenhado pela folha na luta pelos interesses locais que serviam como um verdadeiro acerto de contas com o público leitor. Também era um momento em que se reafirmavam objetivos e intenções e reiteravam-se alianças e oposições. Além disso, os artigos nos permitem perceber claramente quem são os sujeitos históricos que buscam se afirmar nos subúrbios. Invariavelmente essas edições traziam as fotos dos jornalistas produtores estampadas na primeira página, vinham com um número maior de páginas para comportar os artigos especiais enviados por admiradores da folha e publicavam um número bem maior de reclames publicitários.

Coube ao ex-presidente da *União Operária do Engenho de Dentro*, o jornalista Pinto Machado, escrever sobre os redatores de *O Subúrbio* na edição comemorativa de um ano do jornal:

O ANIVERSARIO DO “O SUBURBIO”  
Ao Xavier Pinheiro

Os auctores nem sempre podem valorizar suas obras.

A obra sendo o reflexo do sentir do obreiro, é comtudo uma adaptação do meio em que ella é refundida.

**O Suburbio sendo criação tua, é um fructo do intelligente meio suburbano, tornando-se por justos motivos o mentor dos que nos suburbios sabem ler e comprehender. (...)**

Xavier Pinheiro. Filho do extraordinario poeta tradutor da “Divina Comedia” da Dante; poeta também e funcionario publico dos mais dedicados, tem o seu nome ligado ao jornalismo patricio sendo um dedicado e leal admirador de Floriano, sobre o qual tem escripto bastante.

Semi-calvo, nervoso, **o fundador do “O Suburbio” é um tenaz e um forte, não encontrando no seu caminho entraves que se opponham as suas idéas de elevar e engrandecer os suburbios, que lhe devem muito mais, que a maioria dos políticos que se disem representantes do povo, e só vêm os suburbios em vesperas de eleições. (...)**

A testa do seu jornal – que é semanal sae aos sabbados – n’esses dias a noite, risca com raiva a data na folhinha, e diz com uma alegria intima – mais um que se vae.

**É que nos suburbios nenhum jornal tem tido a existencia do “Suburbio”, que só a perseverança de Xavier Pinheiro, conseguia chegar até hoje, e afirmar que agora continuará para sempre.**

**É um benemérito dos suburbios, e por assim o julgarem, os habitantes locais têm em alta estima o prestigio do amigo dedicado que sabe ser, o homem a quem este jornal deve o que é.**

**CRUZ SOBRINHO.** Official superior da Força Policial do Rio de Janeiro, é o secretario deste jornal.

Jornalista feito e consagrado, é um militar à moderna, amigo dos seus, subordinados e respeitador das ordens superiores.

**A este moço deve “O suburbio” muita dedicação, pelo interesse que tomou pela zona onde habita, e da qual se tornou bello ornamento.**

**EDUARDO MAGALHÃES.** Funcionario dos Correios, combatente pelo theatro nacional, jornalista velho, é o gerente do “O Suburbio” que tambem sabe ser um dos redactores da bella revista o “Theatro”.

Eduardo Magalhães é um novo em idéas. Combatente pelas causas justas, apaixonado seriamente pelas questões que toma a peito.

Assim que entrou para a redacção do “O suburbio” comprehendeu as reformas a empregar, e ellas se têm accentuado de uma forma util ao jornal, e naturalmente agradável ao seu cargo de gerente.

**(...) Habitante suburbano, muito faz pela sociedade onde mora, e por isso elle é acatado e venerado pelos demais moradores, especialmente onde se cultiva a arte dramatica, assumpto em que se tornou um pontifice.**

**MAGALHÃES JUNIOR.** O ‘Mirante’ bella seção em concurrencia ao “Binoculo” do Figueiredo Pimentel, é creação d’este moço que vive da imprensa que tem sabido honrar.

**É moço ainda, sendo que a sua dedicação ao “Suburbio” é uma prova eloquente da sua estima pelo bairro que se orgulha em o ter como habitante.(...) <sup>63</sup>**

A comemoração do aniversário de um jornal criado e mantido em um bairro suburbano era, sem dúvida, motivo de muitas congratulações. O texto de Pinto Machado realça essa façanha ao homenagear os jornalistas responsáveis pela publicação. Suas histórias de vida tornavam-se públicas, especialmente a íntima ligação que haviam construído nos bairros em que residiam.

Nesse caso, a experiência com o periodismo possibilitava àqueles homens o reconhecimento social, construído a partir da íntima associação com o mundo das letras. Em uma cidade onde o número de iletrados era considerável, e onde os subúrbios eram já associados à precariedade material e intelectual, Pinto Machado relacionou o investimento de Xavier Pinheiro como “fructo do intelligente meio suburbano”, e o listou como mentor “dos que nos subúrbios sabem ler e comprehender”. E mais, para o líder operário, o trabalho do proprietário de *O Suburbio* era muito mais importante e relevante do que aquele realizado pelos políticos, que aos subúrbios só se dirigiam em épocas de eleições. Esse argumento reitera a crítica muito presente na imprensa suburbana acerca do desprezo e da falta de ação da Prefeitura e da Intendência

---

<sup>63</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 6 de Julho de 1908. Grifo nosso.

Municipal em relação aos subúrbios e reafirma a importância dessa imprensa na luta pelo progresso daqueles espaços da cidade.

Ao informar cuidadosamente a profissão de cada um dos produtores, surgem personagens ligados ao alto escalão de corporações militares, um funcionário dos Correios que combate a favor do teatro nacional e um redator de seção jornalística que concorria em competência com outro da imprensa diária, numa clara associação entre a prática jornalística exercida em periódicos de maior circulação e prestígio com aquela existente no subúrbio.

O aniversário de um ano de existência do jornal *Echo Suburbano* (Madureira), comemorado em 1911, trouxe uma homenagem ao tenente e advogado Victorino Tosta. O texto, sem assinatura, nos permite acompanhar sua trajetória de vida, as profissões exercidas e o envolvimento em diversas associações:

*(...) Contrahindo matrimonio em 1902 com a Exma. Sra. D. Julia da Silva Tosta, veio mais tarde a abandonar a referida repartição pela exiguidade dos vencimentos que então recebia, fazendo-se **solicitador e guarda-livros**, sendo bem quisto e conceituando-se pelo seu caracter nobre e serio.*

***É tenente secretario do 14 batalhão da guarda nacional, tendo obtido esse posto desde guarda, sendo brilhante a sua fé de officio.***

***Trabalhador incansavel, é o delegado central da Sociedade B. Protectora dos Animaes, bibliothecario e archivista da mesma Sociedade, secretario do Tiro Brasileiro de Irajá, secretario geral do Komitato Esperantista do districto Federal, fundador e presidente de uma das melhores sociedades recreativas de Madureira, representante da “A Tribuna”, sendo um dos iniciadores da Liga de Acção Suburbana e Presidente do Centro Republicano de Irajá.***

***A sua divisa é o desenvolvimento dos suburbios, muito especialmente da freguezia de Irajá, onde é proprietario, sendo também conspicuo chefe politico militante.***

*De uma força de vontade poderosa, sequioso, sempre, de elevar-se entre os que mourejam na luta pela aquisição de conhecimentos, é o tenente Victorino Tosta, que é advogado por uma das mais importantes universidades dos Estados Unidos da America do Norte, **acaba de fundar a assistencia Judiciaria d’A Tribuna**, e a desta folha, onde a população desprotegida da vasta zona dos suburbios encontra segura protecção e garantia dos seus direitos, quando conspurcados.<sup>64</sup>*

A publicação dessa pequena biografia do advogado residente em Madureira, futuro proprietário do *Jornal Suburbano* indica a extensão de suas relações sociais. Além de secretário do 14º Batalhão da Guarda Nacional, também exerceu a mesma função no *Tiro Brasileiro de Irajá*. Esteve diretamente envolvido na criação da *Liga de Acção Suburbana*, junto com Xavier Pinheiro, e chegou a ser Presidente eleito do

---

<sup>64</sup> *Echo Suburbano*, Madureira, edição 24 de Abril de 1911. Grifo nosso.

*Centro Republicano de Irajá* que reuniu, dentre outros, o proprietário do jornal *Echo Suburbano*, João Cardoso.

O homenageado também era representante do jornal *A Tribuna* em Madureira, tornando evidentes os laços que o aproximavam de Pinto Machado, redator da seção *Subúrbios* daquele jornal. Essa proximidade pode ter sido determinante para o sucesso de seu projeto de criar uma assistência judiciária para a população mantida pelo diário.

A criação de uma assistência judiciária mantida pelo jornal *A Tribuna*, cuja fama de órgão defensor dos interesses dos subúrbios era alicerçada pela manutenção de uma grande estrutura que mantinha representantes que atuavam como verdadeiros correspondentes nos bairros, todos comandados por Pinto Machado, nos parece mais um indício que demonstra as diferentes formas de ação coletiva construídas nos subúrbios.

### **1.6. Formas de financiamento e estratégias de circulação.**

Quais foram as estratégias de financiamento e circulação elaboradas e praticadas por essas pequenas empresas jornalísticas nos bairros suburbanos? Como levar adiante estes empreendimentos? Como torná-los viáveis? Podemos afirmar que todos aqueles que se propuseram criar um periódico buscavam torná-lo um negócio lucrativo? Como conquistar legitimidade frente aos leitores dos bairros, cada vez mais disputados por um grande número de folhas sendo vendidas nos espaços da cidade em mutação?

Os responsáveis pela criação de uma imprensa periódica editada nos bairros dos subúrbios da capital do país se valeram do que era comumente utilizado pelos principais jornais da época para atingir o público: a venda de assinaturas. A expansão do serviço dos correios sem dúvida possibilitou a ampliação desse tipo de serviço, oferecido ao leitor através da possibilidade de contratação de assinaturas a partir de períodos pré-estabelecidos: trimestral, semestral e anual.

Outra estratégia adotada pelos produtores era disponibilizar o jornal para a venda avulsa em espaços específicos dos bairros, como em pontos de bondes, mercados ou em diferentes estações do ramal suburbano de trens. A grande maioria irá disponibilizar espaços nas folhas para a venda de anúncios, voltados especialmente para comerciantes, industriais e profissionais liberais atuantes nos bairros dos subúrbios, e em menor número no Centro e em cidades vizinhas, como Niterói, por exemplo. Além disso, como veremos, será comum para diversos proprietários de periódicos a utilização do maquinário de composição e impressão dos jornais (para aqueles que os possuíssem)

no estabelecimento de um comércio de impressão e encadernação nos bairros. Praticamente todos trabalhavam com esse tipo de serviço, amplamente anunciado nas áreas destinadas à propaganda de suas folhas. A necessidade de imprimir teses, estatutos, relatórios, diplomas, cartões, jornais ou revistas, de pequeno ou grande porte, poderia ser solucionada através dos serviços tipográficos de empresas instaladas nos subúrbios, um poderoso indicativo do expressivo aumento das relações mercantis também nos espaços mais afastados do Centro.

Isso significa afirmar que havia um espaço para a atuação desses empreendimentos criados nos bairros mais distantes do Centro, ligados ao mercado de impressos, que convivia paralelamente com a presença das grandes empresas jornalísticas da cidade, que atuavam como verdadeiras editoras.

A presença de tipografias nos bairros suburbanos e a contratação dos serviços prestados por empresas instaladas no Centro garantiram, portanto, o florescimento de experiências ligadas à produção de periódicos, em sua maioria, voltados para a defesa dos interesses locais. Vejamos nas tabelas abaixo um quadro sobre os periódicos que possuíam maquinários e aqueles que não os tinham, segundo informações esparsas presentes nos próprios jornais e revistas:

<b>PERIÓDICOS COM MAQUINÁRIO PRÓPRIO</b>	<b>NOME TIPOGRAFIA</b>	<b>ENDEREÇO</b>
<i>O ESPINHO</i>	?	Redacção e Typographia – Rua Gonçalves Dias, n. 28 – Corte.
<i>O Suburbano – Orgam dos interesses locais</i>	Imprensa Gutemberg	Rua dos Andradas 16, Ilha do Governador.
<i>O São Christovão – Orgam defensor dos interesses locais.</i>	Typographia Popular	Redacção e Oficinas: Rua Bella de S. João, 108. São Cristóvão.
<i>Revista Suburbana</i>	Typographia Fluminense	Rua Dias da Cruz, 129
<i>O Santa Cruz. Órgão de propaganda do Tiro de Santa Cruz e dos interesses locais</i>	Possuía maquinários próprios.	Rua da Matriz, 12
<i>O Santacruzense. Órgão dos interesses locais</i>	Possuía oficinas próprias	Rua da Matriz, 12.
<i>Tribuna Suburbana</i>	Possuía oficinas próprias	Rua Lopes, 87, Madureira
<i>O Suburbano (comandado pelos irmãos Eduardo e Benjamin Magalhães)</i>	Possuía oficinas próprias	Rua Vinte e Quatro de Maio, 413, Sampaio



PERIÓDICOS SEM MAQUINÁRIO PRÓPRIO	NOME TIPOGRAFIA	ENDEREÇO
<i>A Penna</i>	Typographia do Clero	Rua Goyaz, 778 – Estrada Quintino Bocayuva – RJ.
<i>O Alfinete</i> . Jornal crítico e de propaganda em S. Christovão.	Tipografia Particular do Espectador	?
<i>O Scenario</i>	Officinas do Jornal do Brasil	?
<i>Progresso Suburbano</i> . <i>Órgão Noticioso</i> , <i>Recreativo e Litterario</i>	Praça da República, 17.	Typographia A. Gerard, 1902.

Muitas vezes, manter e operar esse aparato nos bairros mais longínquos do Centro resultava em problemas concretos, como a dificuldade no domínio da técnica necessária para a composição do jornal e a falta de mão-de-obra especializada disponível para trabalhar nos subúrbios. Ao decidir lançar um jornal no bairro de Engenho de Dentro, Ernesto Nogueirol, antigo colaborador do *Jornal do Brasil* e ex-funcionário das Oficinas da E. F. Central do Brasil parece ter encontrado dificuldades no início de seu trabalho como proprietário e redator do semanário *O Echo Suburbano*. A primeira edição, publicada no dia 3 de Agosto de 1901 concentrará um número significativo de erros, levando-o a pedir desculpas aos leitores na segunda edição:

*“Pedimos desculpa aos nossos leitores das incorrecções contidas no nossa (sic) primeiro numero. A falta de pratica junto ao tropelo do serviço para sermos pontuaes na publicação, nos levou a commeter estes erros; esperamos, porem ser d’ora em diante mais correctos.”*<sup>65</sup>

Em Santa Cruz, o problema enfrentado pelos responsáveis pelo *O Santacruzense* era a falta de profissionais interessados em trabalhar nas oficinas da folha editada em um dos bairros mais distantes do Centro, no limite do ramal de Santa Cruz. Isso inviabilizou, inclusive, que uma edição do bi-semanário, a de domingo, circulasse em Março de 1909, o que parece ter levantado rumores sobre o fim do jornal entre os habitantes e leitores que acompanhavam sua recente história no conjunto da imprensa da capital. A resposta veio em seguida, em um texto ácido que refletiu sobre as dificuldades em se manter um jornal em Santa Cruz:

<sup>65</sup> *O Echo Suburbano*, Engenho de Dentro, Ano I, nº 2, Agosto de 1901.

## OBSERVANDO

*Quando na quinta feira passada, lançamos um aviso onde declaramos que não podíamos (por motivos que explicamos) dar o numero de domingo, tínhamos a certeza que muitos dos nossos inimigos gratuitos e muitos dos retrogados que por ahi perambulam, haviam de prophetisar a morte d` “O Santacruzense”.*

*Esses que tal dizem, desconhecem por completo o quanto custa o confeccionar-se um jornal e não calculam que é preciso uma boa dose de boa vontade e de energia para manter um jornal em Santa Cruz.*

*Aqui não há compositores, os do centro da cidade não querem vir para Santa Cruz em vista de ouvir dizer d`ella cobras e lagartos, um d`elles allegou que não vinha nem por 15\$diarios porque isto era uma terra desgraçada.*

*Todos elles tem uma desculpa semelhante.*

*(...) O Santacruzense” tem sido feito ultimamente por dois homens só.*

*E preciso notar-se que um bisemanario da um trabalho ininterrupto quando tem como **redactores, gerentes compositores, impressores, dobradores e expedidores** apenas dois homens.<sup>66</sup>*

Outros, ao contrário, buscarão demonstrar para o público a excelência técnica envolvida na produção do periódico e nos trabalhos executados pelo serviço tipográfico mantido no bairro. Percebe-se nitidamente a utilização de estratégias típicas do crescente mercado de propaganda, destinado a promover o anúncio em diferentes espaços da cidade de mercadorias e serviços, voltados para afirmar uma noção de modernidade ao periodismo produzido nos subúrbios em contraponto a noção de precariedade ou arcaísmo.

*“Sexta-feira última a nossa modesta tenda de trabalho foi honrada com a inesperada visita do 1. Tenente Gomes Carneiro, que com phrases por demais lisongeiras, mostrou-se impressionado pela luxuosa montagem de nossas officinas, estimulando-nos a prosseguir na luta que hora empreendemos.”<sup>67</sup>*

### *Typographia Fluminense*

*(...) impressão de Theses, Estatutos, Relatórios, livros de qualquer natureza, trabalhos de luxo ou não, Jornais e Revistas, de grande ou pequeno formato, trabalhos de toda a espécie para associações e para o commercio em geral.*

*Machinas movidas a eletricidade, material moderno, pessoal tecnico competentíssimo e PREÇOS SEM IGUAL..<sup>68</sup>*

## ATENÇÃO

<sup>66</sup> *O Santacruzense*, Santa Cruz, edição 18 de Março de 1909. Grifo nosso.

<sup>67</sup> *O São Christóvão*, São Cristóvão, edição dia 12.12.1909.

<sup>68</sup> *Revista suburbana*, Méier, edição 15 de setembro de 1918.

*Nas oficinas d' esta folha à Rua dos Andradas 16, executa-se com perfeição e por preços resumidos qualquer trabalho typográfico, como sejam notas, facturas, cartões, estatutos, diplomas, etc.*<sup>69</sup>

*(...) A sua envergadura de jornal ilustrado não é de modelo arcaico e não pensam os seus proprietários incrementando o desenvolvimento material e o progresso suburbano, senão o de torná-lo defensor incondicional das classes menos favorecidas a acção do poder público.*<sup>70</sup>

De qualquer maneira, vale ressaltar que, em sua grande maioria, cada título envolvia diretamente um número reduzido de produtores que deveriam ter, invariavelmente, o domínio não somente da técnica jornalística, mas também do conhecimento necessário para o trabalho de composição e impressão. Logo, era comum ao dono do periódico ser também o diretor ou redator-chefe da publicação. Esse foi o caso de *O Subúrbio. Jornal independente, noticioso, literário e consagrado aos interesses locais* (Méier, 1908), jornal de propriedade de Xavier Pinheiro, diretor da folha; de *O Echo suburbano* (Engenho de Dentro, 1901), fundado e dirigido por Ernesto Nogueirol; do *Commercio Suburbano* (Piedade, 1902), de Manoel Marques Balbino. Em alguns casos, os proprietários chegavam a fundar uma empresa. Foi assim com *O Suburbano. Orgam dos interesses locais* (Ilha do Governador, 1900), propriedade de A. Rocha & Company, abreviatura de Antonio Hilário da Rocha, um dos diretores da folha; da *Revista Suburbana* (Méier, 1918), propriedade da empresa *Costa & Mello*, dirigido por J. R. Vieira de Mello; e da *Gazeta Suburbana. Semanário Critico, Literário, Dedicado aos interesses da zona suburbana* (Todos os Santos, 1910-20), propriedade de uma Sociedade Anônima. Vale ressaltar, porém, que nem todos os proprietários e produtores dessa imprensa produzida nos subúrbios se identificavam. Isso ocorreu, por exemplo, com o semanário *O Santa Cruz. Orgao de Propaganda do Tiro de Santa Cruz e dos interesses locaes* (1911), que somente trazia a informação “redactores diversos”, levando-os a assinar vários textos com pseudônimos; com a *Revista Suburbana* (Méier, 1922) e também com *O Espinho. Jornal crítico e de propaganda em São Christovão* (1882).

Mas o que prevalecia era a exposição dos nomes dos jornalistas envolvidos logo na primeira página, em destaque. Os cargos existentes na redação eram semelhantes, descontando a diferença de tamanho, às existentes nos diários de maior circulação, prevalecendo cargos e funções como a de diretor ou diretor-gerente, redator-gerente, redator-chefe, redator-secretário, e redatores. Os jornalistas responsáveis por essas

---

<sup>69</sup> *O Suburbano*, Ilha do Governador, edição 1º de Março de 1900.

<sup>70</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 20 de agosto de 1922.

funções muitas vezes não permaneciam muito tempo no cargo, prevalecendo uma intensa rotatividade. Manoel Marques Balbino deixou a secretaria do *Progresso Suburbano* para fundar o *Commercio Suburbano*. O tenente Victorino Tosta desistiu de publicar o *Jornal Suburbano*, no qual era o diretor (e possivelmente proprietário) para se tornar o gerente do *Echo Suburbano*. José Roberto Vieira de Mello participou, em diferentes cargos, da *Revista Suburbana* e da *Gazeta Suburbana*; o mesmo acontecendo com Pinto Machado (*Echo Suburbano*, *Revista Suburbana*). Outros largavam seus cargos alegando excesso de trabalho.

Essa irregularidade na composição da equipe de redação poderia trazer conseqüências como a mudança no endereço do escritório. A *Gazeta Suburbana*, por exemplo, cujas edições disponíveis para pesquisa na Biblioteca Nacional concentram-se entre os anos 1910-11 e 1919-20 trocou de endereço pelo menos três vezes: começou a funcionar na Rua José Bonifácio, 52, em Todos os Santos; depois foi para a Rua Dr. Bulhões, 11, no bairro de Engenho de Dentro, e nas edições de 1919 o escritório e redação estavam instalados à Rua Lia Barbosa, 13, Méier. A *Revista Suburbana* (1918) começou com a redação instalada na Rua Barão do Bom Retiro, nº 5, Engenho Novo, e posteriormente se mudou para a Rua Dias da Cruz, 129, Méier. Em Madureira, o quinzenal *Echo Suburbano* começou a ser produzido na Rua Araujo, nº 1, e depois foi transferido para a Rua Marechal Rangel, nº 5, no mesmo bairro.

Portanto, uma indicação importante para que possamos apresentar e discutir os mecanismos de financiamento desse irregular mais perene periodismo nos subúrbios no alvorecer do século passado refere-se à tentativa de parte desses jornalistas de instrumentalizar os periódicos criados em uma espécie de representante dos interesses da classe proprietária existente nos bairros. Nesse sentido, cabe destacar que quanto maior o envolvimento na defesa dos interesses locais, maior parece ter sido a receptividade de frações do setor mercantil e industrial suburbano, em franca expansão nas primeiras décadas do século XX. O resultado concreto foi o estabelecimento de reclames e anúncios nas páginas dessa imprensa anunciando os mais diversos produtos e serviços. Isso porque a defesa dos interesses da classe dos comerciantes estabelecidos nos subúrbios era, invariavelmente, uma das demandas colocadas por esses homens envolvidos com a produção de órgãos de comunicação. A criação do quinzenal *Progresso Suburbano. Órgão Noticioso, Recreativo e Litterario* em 1902 no bairro da Piedade é bem representativo dessas demandas:

*O Progresso Suburbano vem pugnar pelos interesses da população dos suburbios, dará o grito de alarma todas as vezes que fôr necessario para despertar as nossas autoridades e pô-las alerta.*

*Procuraremos por meio de publicações, tornar bem conhecido o nosso commercio suburbano, afim de lhe dar maior impulso e desenvolvimento para que possa nivelar-se do centro commercial (...)*<sup>71</sup>

Temos, portanto, a busca de um progresso que deve se materializar no crescimento e desenvolvimento do comércio suburbano que o permita nivelar-se ao existente no Centro da cidade. O *Progresso Suburbano*, estabelecido à rua D. Maria, nº 15, trabalhava com assinaturas semestrais, no valor de 3\$000 e também com a venda avulsa, em espaços como as estações de trem do Méier, Engenho Novo, Piedade, Cascadura e Central, no valor de 100 réis. Em agosto do mesmo ano, os responsáveis pelo jornal informam que a tiragem já havia chegado a 3.000 exemplares, um número significativo que demonstra a acolhida da folha entre os suburbanos. Nas páginas três e quatro, destinadas aos anúncios, temos a presença de farmácias, lojas de roupas, colégios, uma fábrica de cigarros, além de armazéns de secos e molhados, estabelecidos não só na Piedade como em outros bairros dos subúrbios, no Centro da cidade e até mesmo na cidade vizinha de Niterói. A presença de anúncios do comércio de outros espaços da cidade é o resultado da estratégia adotada por muitos jornais da época, pequenos ou de maior estrutura, de contratar representantes, em sua maioria composto por comerciantes, servidores públicos ou profissionais liberais, para atuar oferecendo os serviços do jornal, especialmente a venda de espaços para anúncios. O *Progresso Suburbano* possuía uma rede que contava com representantes em Niterói (Américo Torres, gerente da Alfaiataria Tesoura da Elegância), em Inhaúma (Joaquim Marques Cardoso) e no Méier (Francisco Barreto Pereira Pinto).

Um dos fundadores do *Progresso Suburbano*, Manoel Marques Balbino o deixará para lançar o seu próprio jornal, sugestivamente intitulado *Commercio Suburbano. Tudo pelo povo*, em Maio do mesmo ano. O título torna ainda mais explícita a relação dos responsáveis por este jornal com a classe proprietária do bairro (Piedade) e dos subúrbios. A necessidade era a mesma: possibilitar ao comércio suburbano alcançar o mesmo status do existente no Centro, espaço privilegiado da cidade, núcleo do poder, onde havia infra-estrutura condizente para a vida na *urb*. Experiente, Marques Balbino também utilizará os serviços de representantes em diversos bairros a fim de tornar conhecido o novo jornal e angariar anúncios para a folha. A estratégia permitirá a

---

<sup>71</sup> *Progresso Suburbano*, Piedade, Ano I, nº 1, Março de 1902.

presença de comerciantes de vários bairros, principalmente aqueles estabelecidos no Méier e em Piedade, sede do escritório e redação (Rua Amazonas, 3). Com o tempo, no entanto, será cada vez maior a presença de anúncios de empresas estabelecidas em bairros mais distantes, como Campinho, Madureira, Cascadura, Irajá, São Francisco Xavier, Engenho Novo e até mesmo no bairro da Penha, no subúrbio da Leopoldina o que indica capacidade de ampliar rede de representantes, vendedores de anúncios e quem sabe, de colaboradores. Além da venda de espaços para anúncios, a sustentação do jornal também era possível através da venda por assinaturas - anual (10\$000) ou semestral (6\$000) – da realização de venda avulsa (100 réis), além das rendas aferidas pelo comércio de trabalhos tipográficos.

Os acordos comerciais que permitiram a montagem de uma rede de representantes buscavam tornar conhecidos os jornais ou revistas lançados. Mas esse era apenas o primeiro passo. O esforço destes representantes, além de vender espaços para anúncios no jornal, como vimos, residia também na coleta de cartas dos habitantes dos subúrbios, que posteriormente abasteceriam o jornal com notícias publicadas em seções especializadas em abordar o cotidiano da população de diversos bairros. Logo, para muitos jornalistas, era necessário trabalhar para tornar o jornal um legítimo representante dos suburbanos, não só abrindo espaço para dar voz a essa população, mas fundamentalmente, agindo perante os agentes públicos no sentido de pressioná-los a resolver as demandas apresentadas pelos leitores. Mesmo títulos que levavam o nome do bairro onde eram editados, como *O São Christovão. Organ defensor dos interesses locais* (1909) e *O Santa Cruz* mantinham representantes em inúmeros bairros, muitos dos quais bem distantes do local de edição da folha. O primeiro, por exemplo, possuirá representantes em Todos os Santos (Ozório Gomes de Araujo), Méier (Gastão Vinhais), Bonsucesso (Paulo de Souza Carvalho), Deodoro (Tenente Nestor Travassos) e na Baixada Fluminense, em regiões como Belford Roxo e Tinguá (Locádio Martins). *O Santa Cruz* manteve uma rede de representantes circunscrita ao ramal da linha férrea de Santa Cruz, que margeia bairros formados a partir de Deodoro, entroncamento ferroviário que liga a Zona Norte à Zona Oeste da capital, além da Baixada Fluminense (ramal Japeri). Bairros como Campo Grande (acadêmico Azevedo Filho), Santíssimo (Urbano Correa Braga) e Realengo (Almerindo Valle de Meirelles) serão trabalhados pelo jornal *O Santa Cruz*.

Isso significa que espaços como lojas, padarias, bares, além de escritórios de profissionais liberais constituíam-se também como locais de confluência para a compra

de espaços para a realização de trocas mercantis envolvendo a propaganda em periódicos, mas também em espaços voltados para o diálogo com habitantes dos subúrbios, através de suas ações individuais e/ou coletivas.

Poderíamos, portanto, afirmar que esta imprensa produzida nos bairros buscava apenas dialogar ou conquistar o habitante dos subúrbios? Esse sem dúvida era o leitor em potencial, que combinado com outras ações desenvolvidas nos bairros, como a organização de associações e ligas de caráter reivindicatório, deveria aglutinar forças para pressionar os governantes na solução dos problemas enfrentados por essa população. Logo, o poder público, através de seus representantes nas atividades que afetavam diretamente a qualidade de vida da população suburbana (Municipalidade, Conselho, Intendência, Correios, E.F. Central do Brasil, etc) constituíam um leitor a ser forçosamente conquistado. O contrário poderia levar leitores a se posicionarem criticamente sobre a linha editorial do jornal. Foi o que observamos na segunda edição de *O Santacruzense*, através da publicação de um texto assinado por um colaborador anônimo (*Jac*) que incita o jornal a adotar estratégias que tornem mais consistentes a ação da folha para o atendimento das demandas do bairro frente ao poder público:

#### ACTOS E FACTOS

*Ou se diz a verdade e um jornal em Santa Cruz é um objetivo de utilidade, ou desperdiça-se o precioso tempo reclamando applaudindo protestando condemnando sem resultado algum.*

*(...) Seria irrisório berrar dentro de nossa casa, que a tanto pode ser comparado Santa Cruz, que caixa d'água não tem água e esta descoberta, e que tendo água também tem muitos mosquitos, nesta época em que se guerreia o mosquito; que as sargetas não escoam as águas e sim os retém; que, se as não tivéssemos, a infiltração das águas e detricos das latrinas, de que ellas são magníficos depósitos, se daria com mais facilidade e hygiene etc. etc...*

*Mas isso não passaria das quatro paredes de nossa habitação. Arrisco pois um conselho: Remeter-se, por qualquer preço ou mesmo sem preço, um exemplar d'O Santacruzense para as auctoridades no Rio, sempre que houvesse facilidade disso, mormente quando houvesse sollicitações em proveito deste lugar.<sup>72</sup>*

A tentativa de tornar visível aos grupos do poder tais demandas levou uma parte considerável dessa imprensa a estabelecer um diálogo com outros jornais e revistas produzidos fora da cidade e do Estado do Rio de Janeiro com o objetivo de torná-los conhecidos, e conseqüentemente suas bandeiras de lutas, para um público mais amplo.

---

<sup>72</sup> *O Santacruzense*, Santa Cruz, edição 11 de Outubro de 1908.

Este intercâmbio era realizado através do envio mútuo de exemplares de diversas edições, recorrentemente anunciados nas páginas dos jornais, e pela oferta de assinaturas para um público residente fora do Estado do Rio de Janeiro, demonstrado na tabela abaixo que apresenta os valores das assinaturas da *Gazeta Suburbana* e, surpreendente, até mesmo do exterior, como foi o caso verificado na *Revista Suburbana*.

GAZETA SUBURBANA (período 1919-20)	ASSINATURAS	
	POR ANO	POR SEMESTRE
DISTRITO FEDERAL	5\$000	3\$000
ESTADOS	6\$000	4\$000

REVISTA SUBURBANA (1922)	ASSINATURAS	
	POR ANO	POR SEMESTRE
DISTRITO FEDERAL	15\$000	8\$000
ESTADOS	20\$000	12\$000
EXTERIOR	25\$000	15\$000

O quadro geral apresentado até aqui nos permite conhecer uma imprensa que buscou trabalhar estratégias e mecanismos de financiamento que passavam, evidentemente, pela necessidade de se articular a rede de comunicação social existente no país com o objetivo de torná-los conhecidos para o conjunto dos leitores. Isso parece ter sido necessário, na medida em que estes veículos eram editados em espaços distantes do núcleo de decisão política da cidade, espaço privilegiado de atuação da imprensa burguesa, cujo poder de financiamento ia além dos comumente utilizados (venda avulsa, assinaturas e anúncios). A proximidade e as relações estabelecidas com o poder constituído levaram o conjunto dessa classe de proprietários a construir mecanismos de financiamento seguros que tornaram viáveis os custosos projetos de expansão de seus títulos. Será comum, portanto, a assinatura de lucrativos contratos com diferentes governos que resultarão na publicação de mensagens, portarias e balancetes, produzidos tanto pelo poder central quanto pelos estaduais<sup>73</sup>.

No conjunto do periodismo suburbano, a despeito da existência de relações políticas envolvendo jornalistas proprietários, os mecanismos de financiamento basicamente dependiam da “acolhida” de leitores e anunciantes, conforme demonstrado

<sup>73</sup> BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio*, op. cit., p. 53.



pela curta duração da maioria dos títulos. Logo, era extremamente necessário conquistar leitores e anúncios. A existência de uma parte significativa dessa imprensa vinculada aos interesses concretos da população suburbana, através do envolvimento em lutas pela via dos melhoramentos materiais (urbanos) e intelectuais (construção de escolas, por exemplo) organizada por setores ligados a classe proprietária, em especial a comercial, em conjunto com lideranças locais atuantes na esfera do serviço público, notadamente a militar, profissionais liberais e integrantes do movimento operário significou a construção de uma linha editorial que privilegiava o viver nos subúrbios, em suas várias dimensões, levando-os a constituir jornais e revistas *literarios, recreativos, de propaganda, humorístico, noticioso e científico*. O mapeamento dos interesses tratados nessa imprensa periódica suburbana revela interesses similares e também distintos em um período histórico caracterizado por grandes e intensas transformações na fisionomia espacial da cidade, bem como na sua composição social, estruturadas pelo estabelecimento crescente das relações de tipo capitalista, em contraste com a lenta mudança verificada até a década de 1870 no conjunto de toda a extensão física da capital.

## CAPÍTULO 2: OS SUBÚRBIOS NA IMPRENSA.

Neste capítulo, buscaremos explorar a experiência jornalística nos subúrbios em toda a sua diversidade para compreender quais espaços e territórios dos subúrbios foram privilegiados e de que maneira esses periódicos deram visibilidade à vida nos subúrbios.

Jornais e revistas como *O Subúrbio*, *Revista Suburbana: órgão independente, ilustrado e de interesse geral*, *Gazeta Suburbana, semanário crítico, litterario, dedicado aos interesses da zona suburbana*, *Revista Suburbana* (Engenho Novo, 1918) e sob outra direção e em outro bairro a *Revista Suburbana* (Méier, 1922)<sup>74</sup> se posicionaram e trabalharam ativamente para transformar uma realidade que os incomodava: o abandono dos subúrbios pelos poderes públicos. No entanto, conforme veremos através dos próprios periódicos, a forma como essa crítica foi realizada e as soluções encaminhadas indicam uma diversidade de propostas e experiências históricas que nos levam a perceber que diferentes subúrbios e suburbanos se constituíram e foram constituídos através dessa imprensa periódica suburbana.

### **2.1: Vozes contra a exclusão: os periódicos suburbanos e as críticas ao abandono dos subúrbios pelos detentores do poder.**

Em agosto de 1922 novamente entrava em circulação na cidade do Rio de Janeiro a *Revista Suburbana*. O provável regozijo da equipe de redação, instalada no Méier sob a estação ferroviária, é imaginável e mesmo previsível. Na capa ilustrada da revista, o desejo e a intenção de tornar visível para os leitores o incômodo que havia entre aqueles jornalistas residentes nos subúrbios: abaixo do logotipo do jornal, disposto na parte superior da capa, o desenho publicado trazia uma senhora entregando uma longa lista de pedidos para aquele que, ao que tudo indica, era um burocrata do governo, sentado em sua mesa. O texto que acompanha a ilustração afirma categoricamente: *A população suburbana solicita melhoramentos*.

No interior da revista, com amplo destaque nas primeiras páginas reservadas ao conteúdo, foi publicado o artigo de apresentação (sem assinatura) que reforçava a mensagem que a capa estrategicamente já havia sinalizado: os subúrbios necessitavam

---

<sup>74</sup> Apesar do emprego do mesmo título – *Revista Suburbana* – as revistas citadas no texto foram produzidas em momentos distintos e sob a direção de proprietários e equipes de redação diferentes.

de maiores investimentos públicos em sua infra-estrutura urbana e a revista vinha a público para ‘solicitar’ melhoramentos. Para os seus editores, a precariedade material dos espaços suburbanos era o resultado direto da omissão criminosa dos poderes públicos instituídos.

#### *O Nosso Rumo*

*A “Revista Suburbana”, modesto hebdomadário, surge hoje, num dos pontos mais adiantados dos subúrbios – o Meyer - núcleo humano de quasi uma vida à parte, em meio de uma grande quietude bucólica.*

*Neste fresco refúgio, pouco distante do “brouhaha” da nossa opulenta cidade, “sub tegmeni fagi”, viverá longos dias a novel publicação ilustrada.*

*Tudo lhe interessará nos pequenos núcleos que se vão convertendo em florescentes cidades, aparelhadas com o seu commercio, as suas indústrias, á margem da nossa mais importante via férrea.*

*A´ desídia e a incompetência imperdoáveis dos poderes públicos municipais, com raras exceções, cabem a responsabilidade desse crime contra a nossa incomparável beleza natural tão mal aproveitada, emoldurando vivendas sem luz, sem espaço, sem ar ozonado, privados, de exgoto e água, de sombras salutaras, de jardins florestais, sem enfim, o conforto da vida moderna, pittoresca e sã (...)<sup>75</sup>*

Mesmo apresentando uma série de deficiências urbanas, resultado da falta de cuidados da Prefeitura, um ponto dos subúrbios se sobressaía e diferenciava: o Méier, onde a revista era produzida e, onde podemos supor, os jornalistas mantinham residência, foi caracterizado como um dos pontos mais “*adiantados*” dos subúrbios, um “*fresco refugio*” pouco distante da “*opulenta cidade*”. Além do Méier, a revista também descreve toda a agitação dos pequenos núcleos que iam se formando “*á margem da nossa mais importante via férrea*”, caracterizadas como “*florescentes cidades*” que abrigavam uma intensa atividade comercial e industrial. Essa fala indica com quais subúrbios e suburbanos a *Revista Suburbana* se identifica e busca reforçar e dar visibilidade. Ao relacionar desenvolvimento do bairro com a expansão das relações mercantis, a revista torna evidente o seu comprometimento com os interesses da classe mercantil e fabril instalados naquela área suburbana.

Ao recuarmos no tempo, para o início da década de 1910, o jornal *Gazeta Suburbana*, *semanário crítico, litterario*, que se apresentava como *dedicado aos interesses da zona suburbana*, também caracterizou quais eram os subúrbios que defendia posicionando-se criticamente em relação à forma como esses espaços e sua

---

<sup>75</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 20 de Agosto de 1922, p. 3-4. Grifo nosso.

população eram tratados pela Municipalidade em seu artigo de apresentação intitulado “*Nosso Rumo*”.

*Nosso Rumo*

**(...) Com o progressivo aumento da população do Districto Federal, com o grande desenvolvimento do nosso commercio, os subúrbios, outrora abandonados e desprezados, tornaram-se ultimamente procurados e conhecidos.**

**Tudo tem augmentado nos subúrbios: a população, o commercio, a industria. Tão grande é o desenvolvimento actual da zona suburbana que, quase todos os jornais diários, viram-se na necessidade de, ao noticiário geral, accrescentar um supplemento consagrado aos subúrbios.**

**Apezar, porem, deste desenvolvimento patente, os subúrbios continuam desprezados da parte das autoridades municipaes, enquanto a renda da prefeitura é empregada em melhoramentos da zona urbana e dos arrabaldes chics, os subúrbios vivem no mais completo abandono.**<sup>76</sup>

Diferente da *Revista Suburbana*, que hierarquizou os territórios suburbanos ao enaltecer o bairro do Méier, a *Gazeta Suburbana* não apresentou diferenciações ou se identificou com áreas específicas dos subúrbios. Ao contrário, as distinções existentes na cidade que realmente incomodavam o jornal eram outras. A crítica presente no artigo publicado na primeira página do periódico evidencia o desconforto daqueles jornalistas com as escolhas feitas pelos governantes municipais, que claramente privilegiavam a região então considerada a ‘zona urbana’ e os chamados arrabaldes “chics”. Apesar de não serem identificados no artigo, esses espaços eram aqueles ocupados pelas elites da cidade, como Botafogo, Copacabana e Laranjeiras, nos quais eram empregados os investimentos em infra-estrutura urbana em contraponto aos subúrbios deixados “*no mais completo abandono*”.

Para o jornal, as diferenças identificadas entre a vida nas zonas urbanas e nas suburbanas não residia na existência de possíveis distinções entre hábitos ou capacidade de consumo entre os moradores dessas áreas, e sim a partir da percepção sobre os interesses que definiam as escolhas e a ação das instâncias de poder da cidade, cujo projeto hegemônico seria marcado pela crescente segregação espacial do Distrito Federal. Mas ressalte-se que este abandono se referia apenas à omissão do poder público, pois conforme afirma o jornal, propriedade de uma sociedade anônima administrada por Ernesto Mattoso, J. Luiz Anesi e Alcebíades A. Mello, os subúrbios eram cada vez mais “*procurados e conhecidos*”. Mais uma vez um periódico suburbano

---

<sup>76</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 8 de Setembro de 1910, p 1. Grifo nosso.

enaltece o crescimento e o desenvolvimento material ocorrido nos subúrbios associado à expansão das relações mercantis. Novamente é ressaltada a importância e a proeminência dos homens de negócios dos subúrbios, apresentados como os grandes responsáveis por essa transformação. Atividades associadas às áreas urbanas, como a existência de uma variedade de estabelecimentos comerciais voltados para o lazer e entretenimento – como confeitarias, restaurantes, cinemas – e a constituição de um amplo mercado consumidor de periódicos, resultado direto da existência de uma população letrada, eram também associadas ao cotidiano vivido nos bairros da zona suburbana. Para o periódico, nada mais indicativo desse desenvolvimento do que a criação, pelos jornais diários da cidade, de suplementos exclusivamente “*consagrados*” aos subúrbios.

O jornal *O Subúrbio* e a *Revista Suburbana* (1906) foram ainda mais incisivos em suas avaliações sobre a situação precária dos subúrbios e a responsabilidade que cabia aos poderes públicos. Ambos os periódicos argumentavam que o descaso dos governantes era um claro sinal de que os subúrbios, na prática, não eram reconhecidos como parte constituinte da cidade pelos poderosos. Em setembro de 1907, a Intendência Municipal debatia um projeto, enviado pela Prefeitura, de reforma de todo o sistema de carris urbanos da cidade. Como um dos pontos do projeto previa o aumento das tarifas cobradas pelas empresas, a discussão sobre o impacto que essa medida traria para os usuários perpassou entre diferentes segmentos da sociedade. A proposta previa a obrigatoriedade das empresas realizarem um forte investimento de modernização no sistema, principalmente a substituição de todos os carris de tração animal (em sua maioria ainda utilizada nas linhas suburbanas) por *bonds* movidos à eletricidade. Em apoio ao intendente Luiz Ramos, representante dos subúrbios no Conselho Municipal, que apresentou um parecer favorável ao projeto enviado pelo governo, o jornal *O Subúrbio* publicou um artigo na primeira página intitulado *Em prol dos Subúrbios* defendendo as posições e argumentos do intendente Luiz Ramos. Para fazer isso, o jornal expressa suas avaliações sobre a situação dos subúrbios, o que nos permitiu entender o significado do progresso defendido pelos donos do periódico e ainda a sua avaliação sobre o papel e o objetivo de um jornal publicado nos subúrbios:

***O centro da cidade já está civilizado. Pelo menos já não é o botocudo que era, há meia dúzia de annos, apenas. É tempo de cuidar tambem um bocadinho dos pobres suburbios, (...)***

*Quem póde negar que o florescimento destas zonas, que aqui se acham como escravas aos pés da cidade, beijando-os; dessas zonas que bastante têm contribuido tambem para que a capital possa erguer, cheia de orgulho, a sua frontaria de palacios, uma vez que que seu sangue para o pagamento de impostos com que ella sustenta o seu luxo de grande senhora (...)*

*(...) quem com segurança póde dizer que a boa saude, o vigor, o bem estar desses vassallos, não contribuirão bastante para que a cidade floresça e gose e se erga mais alto ainda, do que se acha erguida.*

***Como se os suburbios não pertencessem à capital – e como se não fossem della um prolongamento!...***

***Não há quem seja capaz de sustentar o contrário: - O progresso da cidade póde não trazer, COMO NÃO TROUXE AINDA e não trará nunca! O progresso dos suburbios, se elles se deixarem ficar apodrecendo, mudos e tosquiados, como carneiros moribundos, esperando que a capital lhes atire uma esmola pelo amor de Deus (...)***

***(...) Mas não há negar, tão pouco, que se cada suburbio se tornar um ponto cheio de vida, onde o commercio escancare as suas portas ao publico, e onde a industria faça ouvir como um hymno de louvor à cidade, o rumor dos seus machinismos no seio das suas fabricas, essa prosperidade há de forçosamente refletir-se na Metropole, dando-lhe ainda maior impulso (...)***<sup>77</sup>

O artigo, provavelmente redigido pelo diretor e proprietário da folha, o servidor público militar Xavier Pinheiro, não questionava as reformas ou os “melhoramentos” realizados pelos poderes públicos no Centro da cidade. O jornal defendia esse projeto, visto como um avanço da “civilização” para aquele território da cidade, com toda a sua “frontaria de palácios”. O que o jornal do coronel defendia era que esse mesmo tipo de “progresso” chegasse também aos subúrbios, na medida em que esses territórios seriam um prolongamento da capital. Segundo sua lógica, se isso ocorresse a Prefeitura também lucraria, pois seriam construídas as bases necessárias para o incremento das relações mercantis naqueles espaços, permitindo que novos estabelecimentos comerciais abrissem suas portas nos bairros e que novas oficinas e indústrias expandissem sua produção. Esse era o progresso almejado e defendido por *O Subúrbio*, e, a conquista dele seria a razão da existência desse jornal. Afinal, a solução para minimizar o abandono dos subúrbios pelas autoridades era tornar pública essa insatisfação manifestada entre os suburbanos que compartilhavam desse mesmo projeto por meio das páginas do jornal.

---

<sup>77</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 7 de Setembro de 1907, p.1. Grifo nosso.

Em 1906, a *Revista Suburbana* que se definia como *órgão independente, ilustrado e de interesse geral* também deixava evidente seu desconforto e contrariedade com a situação vivida pelos suburbanos. Assim como *O Suburbio*, esse periódico, criado pela *Empreza Typographica Suburbana*, propriedade da *Clemente & Comp.* questionava as escolhas das instâncias de poder que direcionavam prioritariamente as rendas públicas para investimentos nos *arrabaldes chics*. No entanto, diferente dos demais periódicos criados nos subúrbios, essa revista defendeu uma proposta radical e sem precedentes: a necessidade de transformar os subúrbios da Capital em um *Município Suburbano Federal*, independente e autônomo da Capital. A defesa desse projeto separatista vinha estampada no alto da primeira página abaixo do espaço onde se publicava o endereço da revista. Ao invés da escolha mais usual de “Capital Federal”, “Município Neutro” ou mesmo “Rio de Janeiro”, a revista identificava o local de publicação como “Cidade do Meyer”, o que indica a centralidade que os donos do jornal reivindicavam para esse bairro no interior dos subúrbios e a posição pretendida para ele num improvável governo autônomo. Através do artigo-programa foi possível entender melhor as razões para a defesa desse tipo de encaminhamento pela revista:

#### *Satisfação*

***O presente órgão, cujo titulo exprime um programma, não pertence a partido algum politico da situação que applaude ou deprime o Governo da Republica nem a aggremações partidarias, mas a uma empreza particular, que se propõe, com grande sacrificio, por meio da palavra escripta e fallada, arrancar uma região feracissima e saluberrima, qual a suburbana, promovendo sua justa independencia, ou autonomia, no sentido de constituil a em um Município Suburbano Federal.***

*Uma zona vastissima, ziguezagueada, repleta como está de milhares de habitantes de todas as classes sociaes, operarios principalmente, sustentando já verdadeiras cidades e villas mais ou menos em progresso activo, com sua vida relativa, graças á iniciativa particular, além disto contribuindo, como a propria capital da União, para as rendas municipaes e federaes, - sem merecer a justa recompensa de que tanto necessita ou as vistas a atenções daquelles que por ella deviam interessar-se (...)*<sup>78</sup>

Ao perceberem que os seus interesses, individuais e de grupo, não eram levados em consideração pelos governantes, mais preocupados em atender os interesses dos habitantes de outros espaços da cidade, a ‘iniciativa particular’ escancara por meio da *palavra escripta e fallada* a sua insatisfação com o sistema de representação política existente na cidade do Rio de Janeiro. Afinal, o principal argumento da revista para a defesa da separação era o fato de os suburbanos pagarem pesados impostos que

---

<sup>78</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 16 de Maio de 1906, p.1. Grifo nosso.

posteriormente não retornavam como investimentos para suas localidades, na velocidade e volume esperados pelos que produziam e sustentavam o crescimento dos subúrbios. Ao associar o progresso dos subúrbios ao conjunto de iniciativas particulares, novamente é possível perceber a centralidade, o vínculo e o nível de pertencimento que a revista estabelece com todos aqueles que de alguma forma produziam, seja como proprietários ou como trabalhadores.

Mas a revista não se limitou apenas a defender esse projeto mais polêmico e de difícil apoio entre os detentores de poder. Ainda no primeiro número foi publicado outro artigo, também sem assinatura, que defendia uma solução menos radical, mas ainda assim de difícil aplicação naquele momento, para os problemas enfrentados pelos suburbanos – a defesa da criação de uma Sub-Prefeitura para a zona suburbana:

#### *Sub-Prefeitura Suburbana*

*A cidade do Rio de Janeiro, aumentando para a periphéria, se foi desdobrando em pequenos núcleos de população com intensidade de vida própria, commercio e industrias seus, e hoje as populações da zona chamada suburbana nada têm de commum com os bairros aristocraticos e arrabaldes de luxo, sendo até diferentes os costumes, o modo de trajar e mesmo a gyria popular.*

*A capital da Republica é, pode-se afirmar, uma federação de cidades. Nos outros centros de população de grande desenvolvimento, como Londres, Berlim e New York, um phenomeno diferente se deu. Cidades circumvizinhas foram aos poucos sendo absorvidas e entrando no vasto recinto das grandes urbs. Taes – Brooklin e Long-Island-City, absorvidas por New York, e Hachnoy, Holloway, Clapham, Paddington incorporadas a Londres (...)*

*A vasta zona suburbana que, em cada estação da Estrada de Ferro, tem uma pequena cidade, não gosa os favores dos melhoramentos do que se ufanam Botafogo e Copacabana e mesmo S. Christovão. (...)*<sup>79</sup>

Diferente do jornal *O Subúrbio*, que via os subúrbios como um “prolongamento” natural da capital, a *Revista Suburbana* acreditava que o crescimento para a periferia havia promovido o surgimento de pequenos núcleos de população “*com intensidade de vida própria, commercio e industrias seus*” que foram formando verdadeiras cidades autônomas. No entanto, esses núcleos, que foram se formando às margens da linha férrea – pode-se deduzir que os jornalistas se referiam aos bairros que margeiam a *Estrada de Ferro Central do Brasil* como o Méier, onde a revista era publicada –, não gozavam dos mesmos “favores” que alguns espaços e bairros da cidade usufruíam, tais como Botafogo, Copacabana e São Cristóvão. Ao identificarem que esses bairros mais

---

<sup>79</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 16 de Maio de 1906, pp.2-3. Grifo nosso.



bem cuidados abrigavam uma população de hábitos e costumes diferentes daquela que habitava os subúrbios, visíveis no tipo de vestimenta e na maneira de se expressar, os jornalistas da *Revista Suburbana* parecem demonstrar que estavam atentos ao tipo de ocupação que vinha prevalecendo naqueles bairros da cidade desde o século XIX, majoritariamente composta por famílias de maior renda e posses. Em momento algum, no entanto, a revista descreve os hábitos e costumes suburbanos de forma pejorativa ou enaltece a vida nos arrabaldes *chics*.

Já a *Revista Suburbana*, a que foi criada e dirigida pelo jornalista José Roberto Vieira de Melo, antigo membro da direção da *União Operária do Engenho de Dentro*, também questionou o descaso dos poderes públicos da cidade em relação aos subúrbios através de uma seção intitulada *Melhoramentos Suburbanos*. De acordo com o responsável pela coluna, o médico, jornalista e político Ângelo Tavares, qualquer observador mais atento ficaria impressionado com o desenvolvimento que se observava nas localidades que se desenvolviam próximas às estações ferroviárias “acima” de São Francisco Xavier. No entanto, assim como os demais periódicos fizeram questão de apontar, o articulista ressalta que esse “progresso”, especialmente no Méier, era fruto exclusivo das iniciativas particulares de seus moradores e homens de negócios.

#### *Melhoramentos suburbanos*

**(...) *Quem conhece as estações acima de S. Francisco Xavier e sabe do movimento de população ali existente, fica admirado do desenvolvimento assombroso que se tem operado nessas estações, graças, principalmente, á iniciativa particular.***

***O Meyer que, com justiça, se classifica de Capital do suburbio, desenvolve-se exclusivamente á custa de seus moradores, proprietarios e do commercio local.***

*Quem examina suas ruas, porém, verifica o descaso da Prefeitura pelos seus contribuintes do imposto predial desta estação.*

*Há ruas completamente construidas que têm calçamento dos tempos coloniaes.*

*A sua iluminação é ainda de gaz incandescente.*

***Piedade, Encantado, Engenho de Dentro, centros de população condensada, nem esgoto têm.***

***A Estrada Real de S. Cruz – por onde poderiam trafegar automoveis da Cidade até S. Cruz – acha-se nas primitivas condições de conservação. Em tempo de sol forte – o pó é asphyxiante; em tempo de chuva – o lameiro impede o transito.***

***Esse descaso da Prefeitura é consequencia da falta de reclamações dos subúrbios?***

***Não (...)***<sup>80</sup>

Ângelo Tavares já havia sido intendente e em 1911 concorreu novamente para uma cadeira no Conselho Municipal, alcançando o primeiro lugar entre os eleitores do

---

<sup>80</sup> *Revista Suburbana*, 6 de Julho de 1918, Engenho Novo.

2º Distrito, que abrangia as zonas suburbanas.<sup>81</sup> Isso deve ter pesado na escolha da *Revista Suburbana* para manter uma seção destinada a cobrar “melhoramentos” para os subúrbios. O jornalista-político cita em sua seção diversas localidades, todas próximas ao Méier, e enumera um conjunto de deficiências estruturais que precisavam ser sanadas pelo poder público para que a população suburbana ‘contribuinte do imposto predial’ pudesse desfrutar de uma melhor qualidade de vida. No entanto, o jornalista faz questão de ressaltar que a falta de solução para aquelas ruas muito antigas, que ainda apresentavam um calçamento dos tempos coloniais, iluminação precária ou falta de esgoto não eram o resultado da falta de reclamações.

Essa ressalva do jornalista parece indicar uma valorização da sua atuação como redator de uma seção destinada a cobrar “melhoramentos materiais” para os subúrbios, ao mesmo tempo em que parece enaltecer indiretamente o seu papel como liderança política com base eleitoral naqueles espaços dos subúrbios cuja responsabilidade, dentre outras, era pressionar e trabalhar para que os governantes atendessem os pleitos dos suburbanos por maiores investimentos públicos nas zonas suburbanas.

Para um político como ele, manter uma coluna nas páginas de um periódico suburbano era estratégico, principalmente em períodos eleitorais ou pré-eleitorais, quando os partidos se agitavam para a composição das chapas que iriam disputar as eleições. Em setembro de 1918 a *Revista Suburbana* onde Ângelo Tavares colaborava publicou uma matéria intitulada *A eleição senatorial e a intendente* informando que esse político, ao lado de Francisco Pinto da Fonseca, estava para ser escolhido como candidato pela Aliança Republicana para disputar novamente uma vaga no Conselho Municipal.<sup>82</sup>

Mas se relacionarmos o elogio que o articulista da *Revista Suburbana* faz dos empreendimentos particulares mantidos nas localidades que margeavam as estações ferroviárias do subúrbio da central aos veiculados entre os demais periódicos suburbanos anteriormente citados, é possível identificarmos avaliações comuns que constituem fortes indícios de uma identidade e interesses defendidos por uma classe proprietária em processo de aglutinação de forças em áreas específicas dos subúrbios da cidade. Todos esses jornais e revistas foram criados em subúrbios da Central – Engenho Novo, Méier, Todos os Santos –; todos se posicionaram, a despeito de diferenças

---

<sup>81</sup> Segundo o jornal *O Santa Cruz*, em matéria publicada na edição do dia 2 de Abril de 1911, o político alcançou 3.414 votos nessas eleições.

<sup>82</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 30 de Setembro de 1918, p.8.

pontuais, contra a maneira como a Prefeitura tratava os subúrbios; e, por fim, em todos havia o culto às iniciativas individuais privadas, especialmente as atividades comerciais e fabris, apresentados como propulsoras do progresso material trazido pelo avanço da ciência e das artes.

Ou seja, esses homens utilizaram a imprensa para se afirmar socialmente pelo valor do trabalho e da propriedade privada. Conforme suas falas indicam, buscava-se enaltecer os investimentos que a classe proprietária realizava nos subúrbios, vistos como o único sinal de desenvolvimento e progresso operado naqueles espaços da capital. Para eles, se havia pobreza e precariedade nos subúrbios, a explicação estava na incapacidade, omissão e negligência das diferentes instituições de poder da cidade que, mesmo arrecadando rendas através dos impostos pagos pelos suburbanos, permitiam a existência de um espaço urbano incapaz de atender as necessidades básicas daquela população.

Essa perspectiva crítica em relação ao papel que o Estado deixava de desempenhar naqueles espaços da cidade foi a tônica impressa por inúmeros jornais e revistas suburbanos, motivando a criação de colunas e seções que valorizavam o papel reivindicatório não só dos jornalistas envolvidos, mas do conjunto dos leitores/moradores dos subúrbios. Alguns destes veículos buscavam se constituir como os verdadeiros representantes dos subúrbios e dos suburbanos; outros como canais para dar visibilidade à lideranças locais e aos seus projetos para os subúrbios. O jornal *O São Christóvão* criou uma seção intitulada *Subúrbios*; no *Progresso Suburbano*, foi desenvolvida a seção *A vida nos Suburbios*; no *Commercio Suburbano* o diretor Manoel Marques Balbino declarou em uma edição a intenção de criar três seções específicas voltadas a atender o que qualificou como as ‘demandas’ dos suburbanos –de *Inhaúma, Irajá e Jacarepaguá*; *O Echo Suburbano* concentrava as matérias de denúncias dos moradores do Engenho de Dentro na seção *Noticiario*; a *Revista Suburbana*, como vimos, manteve a seção *Melhoramentos Suburbanos*, assinada por Ângelo Tavares e *Pelos Subúrbios*, por Sálvio Dias; na *Gazeta Suburbana* era publicada a seção *Queixas e Reclamações*; e no jornal *O Subúrbio* era publicada a seção *Pelas nossas zonas*.

O conteúdo publicado nessas seções não dependia apenas das cartas diretamente enviadas pelos leitores às redações ou entregues aos representantes. Entre os jornalistas era usual atuarem como repórteres que se deslocavam entre as diferentes zonas suburbanas. O resultado aparecia nessas colunas ora como a publicação de matérias denunciando o precário serviço prestado à população pelas empresas concessionárias de

serviços públicos (especialmente no que se refere ao trabalho prestado pelas empresas de bondes e trens, que resultavam em inúmeros acidentes); em reportagens policiais que alardeavam o aumento da criminalidade nos bairros, ou sob a forma de denúncias sobre o estado de ruas e calçadas, sobre a ausência de espaços de lazer ou sobre a falta de redes coletoras de água e esgoto.

Além dessas seções, os periódicos também se empenharam em abrir espaço para as ações coordenadas por entidades criadas pela classe proprietária suburbana, publicaram homenagens a comerciantes, industriais, políticos e jornalistas, e até mesmo acompanharam e se posicionaram politicamente frente a diversos pleitos ocorridos na cidade envolvendo políticos com base eleitoral nos subúrbios.

## **2.2: Periódicos suburbanos e o poder local.**

Em 1906, a *Revista Suburbana: órgão independente, ilustrado e de interesse geral*, anunciou, em seu artigo de apresentação, a intenção de produzir, periodicamente, edições especiais ilustradas com “retratos” e “traços biographicos” de negociantes, industriais e profissionais dos subúrbios.

### *Satisfação*

*(...) A Revista Suburbana, que será precedida sempre, ou periodicamente, de um suplemento ilustrado, com retratos e traços biographicos dos benemeritos e dos negociantes, industriaes e profissionaes dos suburbios, além de alegorias, criticas e descrições de estabelecimentos diversos, com as suas respectivas photogravuras (...).*<sup>83</sup>

Anos depois, o *Almanaque Suburbano para o ano de 1911* organizado pelo jornalista e tipógrafo Eduardo Magalhães publicou um artigo intitulado *Uma explicação aos leitores*, agradecendo a todos aqueles que lhe ajudaram na elaboração do produto. O primeiro nome a ser agradecido foi o do comerciante e guarda-livros Coriolano Rossi, mentor e proprietário da publicação e da Typographia Suburbana. Entre os seus colaboradores, o diretor do almanaque identifica os escritores suburbanos a quem agradeceu a colaboração e o envio de textos à redação e ao *generoso e adiantado*

---

<sup>83</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 16 de Maio de 1906, pp. 1-2. Grifo nosso.

*comércio*, que teria respondido ao chamado do jornalista para anunciarem no almanaque.<sup>84</sup>

Saindo com mais de cem páginas, a publicação reuniu uma infinidade de ‘informações úteis’ sobre os subúrbios da capital, como por exemplo, os locais onde funcionavam dezenas de estabelecimentos comerciais, escritórios de advocacia, clínicas médicas, órgãos de instituições públicas instaladas nos bairros, escolas, externatos, clubes, teatros e associações. Chamou-nos a atenção, em especial, o cuidado e o zelo com o qual foram produzidos inúmeros artigos biográficos publicados ao longo do almanaque que traziam as histórias de vida e fotografias de homens envolvidos em diversas atividades desenvolvidas nos subúrbios.

Buscando exaltar “*os que se impõem pelo seu mérito real*” dava visibilidade às histórias de militares, políticos, comerciantes, profissionais liberais, médicos, artistas, muitos dos quais envolvidos na prática jornalística e que eram moradores dos subúrbios. O Dr. Fonseca Telles, intendente municipal e capitalista foi retratado como alguém que “*(...) muito tem feito pela Freguesia de Irajá, onde reside e a qual já tem representado e representa atualmente no Conselho Municipal*”.<sup>85</sup> O também intendente Clarimundo de Mello foi descrito como um “*um médico ilustrado e um chefe político de valor. Reside na estação de Piedade*”.<sup>86</sup> O texto de homenagem ao médico e jornalista Ângelo Tavares chamou a atenção para a sua façanha de se eleger como intendente na primeira tentativa – “*(...) Um belo talento. Médico humanitário, tem popularidade, tanto assim que apresentando pela 1ª vez conseguiu ver seu nome sufragado pela maioria do eleitorado do 2º distrito. Reside no Méier*”.<sup>87</sup>

O jornalista Antonio Augusto Pinto Machado foi retratado como um “*batalhador pelo bem estar dos subúrbios. Socialista, ex-operário envolvido muitos anos em questões do movimento, é por isso mesmo um irrequieto, sempre de idéias novas (...)*”.<sup>88</sup> O almanaque prossegue sua galeria de homenagens destacando o nome de todos os periódicos nos quais esse jornalista português atuava naquele momento. Um deles era o semanário *O Echo Suburbano*, que sob sua direção passou a publicar uma seção intitulada *Suburbanos Úteis*. O primeiro homenageado dessa nova seção foi o ex-

---

<sup>84</sup> *Almanaque Suburbano para o ano de 1911*, Sampaio, 1911, p. 5.

<sup>85</sup> *Almanaque Suburbano para o ano de 1911*, Sampaio, 1911 p. 75.

<sup>86</sup> *Almanaque Suburbano para o ano de 1911*, Sampaio, 1911 p. 56.

<sup>87</sup> *Almanaque Suburbano para o ano de 1911*, Sampaio, 1911 p. 42.

<sup>88</sup> *Almanaque Suburbano para o ano de 1911*, Sampaio, 1911 p. 129.

comerciante e então advogado José de Almeida Marques, morador de Madureira, cuja história de vida ganhou a primeira página da folha.

Outra forma de apoiar e valorizar ações de homens e entidades pode ser observada na edição de 15 de setembro de 1918 da *Revista Suburbana* dando visibilidade às medidas organizadas pelos varejistas de secos e molhados dos subúrbios e pelo presidente da *Associação Beneficente Commercial Suburbana*, Antonio Francisco Correa, para enfrentar uma conjuntura de aumento dos preços dos alimentos que assolou toda a cidade naquele ano:

#### ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE COMMERCIAL SUBURBANA

*Em sua sede á rua Dr. Manoel Victorino n. 511, na Piedade e sob a presidencia do Sr. Antonio Francisco Correa, seu esforçado fundador e presidente, tem realizado varias reuniões no sentido de conseguir providencias governamentais que amenisem a situação dos varejistas, seus ou não associados, em face á carestia da vida e á resolução dos atacadistas. Parece assentado, finalmente, que essa associação organizará cooperativas com a capacidade precisa para o abastecimento das casas de seccos e molhados existentes nos suburbios. A resolução é louvavel e, por sabermos até que ponto chega a operosidade do sr. Francisco Antonio Corrêa, ao commercio suburbano apresentamos as nossas felicitações por esse facto.*<sup>89</sup>

Em outra edição a mesma *Revista Suburbana* noticiou, através da seção *Pelos Subúrbios*, o almoço oferecido por um comerciante estabelecido na localidade de Rio das Pedras, atual Oswaldo Cruz, no subúrbio da Central, a diversos jornalistas suburbanos, dentre os quais o próprio diretor da revista, J. R. Vieira de Mello. Segundo a reportagem, ao final do almoço foi expedido um telegrama endereçado ao líder da maioria no Conselho Municipal, o intendente Geremário Dantas, agradecendo o apreço que o político havia manifestado por aqueles que faziam a imprensa suburbana em ocasião de um almoço promovido em Madureira pelo deputado federal Otacílio Camará.<sup>90</sup> A preocupação em retribuir o elogio de um intendente municipal, líder da maioria, parece contrastar com as virulentas críticas dirigidas à Prefeitura e ao Conselho. O fato de muitos jornais externarem insatisfação com as instituições políticas não significa que todos evitassem se posicionar politicamente ou mesmo a estabelecer relações sociais com alguns políticos. Ao contrário, é possível perceber como jornais e revistas atuavam na promoção de uma rede de apoios aos políticos de suas relações, dando visibilidade às suas ações, biografias e projetos. Fosse por meio de seções ou

<sup>89</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 15 de Setembro de 1918, p.14.

<sup>90</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 30 de Setembro de 1918, pp.11-12.

colunas, ou de notas e reportagens os jornais e revistas promoviam uns e criticando outros, valorizavam algumas realizações e iniciativas e denunciavam supostas omissões e negligências. Como veremos em seguida, havia tanto jornais que declaravam suas preferências políticas quanto aqueles que parecem ter sido criados especialmente para batalhar pelas eleições de determinados políticos.

O jornal *O Subúrbio*, em diversas edições no ano de 1907, publicou, em forma de reclames, anúncios defendendo a eleição, para a junta comercial, do candidato Carlos de Suckow Joppert. Inclusive chegou a publicar, na primeira página, uma carta do candidato agradecendo o apoio dado pelo jornal à sua candidatura.<sup>91</sup>

No final de 1911, durante a campanha para deputado o jornal *O Echo Suburbano* assumiu publicamente seu apoio a dois candidatos, o coronel José Ricardo de Albuquerque e o Dr. Francisco Pinto da Fonseca Telles, pedindo o voto dos seus leitores para ambos. O apoio ao primeiro candidato pode ser explicado pela proximidade e afinidade de membros da equipe do jornal, especialmente o diretor Antonio Augusto Pinto Machado, com o tipo de ação política desenvolvida pelo coronel nos territórios da antiga Freguesia de Irajá, onde estava sua base eleitoral e onde o jornal era produzido. O coronel, ao lado de Pinto Machado e outros nomes “proeminentes” daquela zona suburbana (militares de alta patente, comendadores, farmacêuticos, procuradores) criaram uma entidade chamada *Comitê Central de Melhoramentos em Irajá* com o objetivo de reivindicar, junto à Prefeitura, melhorias para aquela zona do subúrbio. Coube ao político presidir a organização e à Pinto Machado a função de 1º secretário.<sup>92</sup>

Ainda em 1911, o jornal *O Santa Cruz: órgão de propaganda do Tiro de Santa Cruz e dos interesses locais* foi mais incisivo no apoio a um candidato, dessa vez para a disputa eleitoral voltada a preencher os nomes que comporiam o Conselho Municipal. O periódico foi utilizado a todo o instante para homenagear e promover os interesses da família Honório Pimentel, cujo patriarca, Honório dos Santos Pimentel, já havia ocupado uma vaga de intendente no Conselho por duas legislaturas consecutivas. Ao longo de todo o ano eleitoral de 1911, a família foi tema recorrente do jornal em diversos momentos. Logo na primeira edição, o periódico, ao se apresentar perante os leitores afirmou que um dos seus maiores objetivos seria fazer propaganda e defender os interesses do *Tiro de Santa Cruz*. Para isso, uma das primeiras medidas tomadas pelo

---

<sup>91</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 24 de Agosto de 1907, p.1.

<sup>92</sup> *O Echo Suburbano*, Madureira, edição 17 de Dezembro de 1911.

jornal foi dar publicidade aos membros dessa entidade, publicando os nomes de todos os sócios. Na lista, surgem nomes como o do coronel Honório dos Santos Pimentel, o acadêmico e tenente Honório dos Santos Pimentel Filho, o acadêmico Olympio dos Santos Pimentel e Oscar Santos Pimentel.<sup>93</sup> Ainda nessa edição o jornal publicou um texto intitulado *O Santa Cruz e seu preço* assinado por Hilário Pimentel, outro membro da família, fazendo propaganda do jornal para os leitores e chamando a atenção para o baixo custo de sua assinatura. Em sua primeira página o jornal prestou homenagem, com direito a foto, a Oscar dos Santos Pimentel por ocasião de seu aniversário:

#### OSCAR DOS SANTOS PIMENTEL

***Publicamos hoje o retrato do illustre moco Oscar Pimentel, cirurgião-dentista diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quasi pharmacêutico pela mesma faculdade, candidato a matricula no Curso Medico, 3 official da Secretaria do Conselho Municipal, official do 17. Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, secretario do tiro Brasileiro de Santa Cruz e um dos sustentaculos da imprensa local, onde brilhantemente collabora.***

*Haje dia de seu anniversario natalicio, O Santa Cruz aproveita a occasiao para render uma justa homenagem ao talentoso moco, ao filho amantíssimo (...).*

***Inserindo o seu retrato em suas columnas, O Santa Cruz presta assim homenagem a um dos moços trabalhadores e estudiosos, uteis a si e a seus semelhantes e que muito tem feito em prol da localidade de que somos órgão.***<sup>94</sup>

Destacando a formação erudita e todos os títulos conquistados por Oscar dos Santos Pimentel que, dentre outras atividades, também atuava como seu colaborador, o jornal *O Santa Cruz* não economizou adjetivos a “*um dos sustentaculos da imprensa local*”. A presença de um membro da família Honório Pimentel na produção do jornal parece ter suscitado dúvidas entre membros da sociedade “santacruzense”. Em diversos momentos o jornal se defende de acusações ou críticas, aparentemente sobre sua parcialidade, alegando que não era um órgão da família.

*“(...) a redaccao d`O Santa Cruz compoe-se de um grupo de inteligentes rapazes desta localidade, os quaes com independencia, energia e criterio pugnata pelo desenvolvimento desta importante parochia do Districto Federal.”*<sup>95</sup>

#### AVISO

<sup>93</sup> *O Santa Cruz*, Santa Cruz, edição 1 de Janeiro de 1911.

<sup>94</sup> *O Santa Cruz*, Santa Cruz, edição 29 de Janeiro de 1911, p.1. Grifo nosso.

<sup>95</sup> *O Santa Cruz*, Santa Cruz, edição 29 de Janeiro de 1911, p.1. Grifo nosso.



***Constando-nos que alguns individuos desta localidade tem ultimamente procurado convencer a alguém que “O Santa Cruz” é de propriedade do sr. coronel Honorio Pimentel e seus filhos, declaramos que estes distinctos cavalheiros não são proprietarios do nosso jornal e nada tem a ver com a orientação que seguimos. (...).<sup>96</sup>***

A pequena nota intitulada *Aviso* publicada em Junho foi apenas uma maneira tímida encontrada pelos responsáveis pelo jornal para se defenderem da crítica de ser um órgão político a serviço da família Pimentel. Criado em janeiro de 1911, o jornal publicou duas homenagens a membros da família, a Oscar e ao pai, Honório Pimentel, meses antes das eleições, realizadas em Março; acompanhou com atenção dedicada o resultado do pleito para intendente pelo 2º distrito, que resultaria na eleição do coronel Honório Pimentel em 7º lugar; publicou uma edição especial que trouxe inúmeras fotos retratando o vitorioso, longos textos cobrindo a posse do potentado no Conselho assim como sua chegada, junto com a família e amigos, à Santa Cruz. Posteriormente, ainda publicou edições com impressionantes 15 páginas dedicadas à reprodução de atas e relatórios produzidos pelo Conselho Municipal. O maior indício de que realmente o jornal foi fundado pela família Pimentel ou pessoas próximas para servir a fins eleitorais pode ser atestada pelo fato de o jornal ter deixado de circular no dia 23 de Julho de 1911, poucos meses após a vitoriosa campanha do político que o levou novamente ao Conselho.

Se o *Santa Cruz* foi criado especialmente para atender os interesses de uma raposa política do município do Rio de Janeiro, o jornal *Tribuna Suburbana* estava mais preocupado com os rumos da política desenvolvida em âmbito federal. Dirigido por Raphael Henriques, nome conhecido na imprensa periódica suburbana – fundador e diretor do *Pequeno Pharol* em 1904 –, o jornal fez propaganda pela candidatura do ex-ministro Ruy Barbosa para a presidência da República no pleito de 1910. Em diferentes edições, publicou artigos elogiosos ao político que enalteciam seu caráter democrático<sup>97</sup>, convocou os “civilistas” a recepcionarem o político na cidade do Rio de Janeiro após suas viagens de campanha pelo país<sup>98</sup>, foi enfático em criticar a forma como o governo do presidente Nilo Peçanha tentava esvaziar a campanha da oposição aos governos estaduais<sup>99</sup> e enumerou as razões que levavam a população a não votar.

---

<sup>96</sup> *O Santa Cruz*, Santa Cruz, edição 25 de Junho de 1911, p. 4. Grifo nosso.

<sup>97</sup> *Tribuna Suburbana*, Madureira, edição 17 de Janeiro de 1910, p.1.

<sup>98</sup> *Tribuna Suburbana*, Madureira, edição 22 de Janeiro de 1910.

<sup>99</sup> *Tribuna Suburbana*, Madureira, edição 25 de Janeiro de 1910, p.1.

Além disso, declarou publicamente que a redação do jornal estava à disposição de seus correligionários para dirimir quaisquer dúvidas referentes à legislação eleitoral.<sup>100</sup>

A recorrência de textos e imagens em apoio aos diversos candidatos a pleitos eleitorais, tanto na esfera local quanto federal, demonstram que esse também era um assunto relevante e estratégico para aqueles jornalistas e donos de periódicos e, também, a força da palavra impressa e das páginas desses periódicos para aglutinar apoios políticos nos ambientes suburbanos e entre moradores e (e)leitores. Esses indícios nos levam a questionar a análise da historiadora Cristiane Regina Miyasaka de que esses periódicos suburbanos não se interessavam em tratar de temas políticos e econômicos.<sup>101</sup> A autora chegou a essa conclusão porque não identificou esses assuntos nas edições que pesquisou dos jornais *O Echo Suburbano*, *Progresso Suburbano* e *Commercio Suburbano*, todos produzidos no antigo território da freguesia de Inhaúma. Como nosso trabalho inclui um número mais significativo de periódicos produzidos em todas as zonas suburbanas, foi possível identificar que essas experiências jornalísticas se constituíam não só como importantes instrumentos de articulação de novas práticas de aliciamento eleitoral como de criação de novas formas de dominação social e política. Os objetivos que levaram esses periódicos a se posicionarem frente aos diversos processos eleitorais ocorridos na cidade demonstram, conforme buscamos apresentar, escolhas guiadas por interesses distintos.

Afinal, tanto o jornal criado no extremo oeste da cidade, *O Santa Cruz*, quanto o jornal *Tribuna Suburbana*, de Madureira, foram estrategicamente criados para servir como veículo de propaganda política e a diferença, como vimos, estava nas forças políticas que eles representavam e/ou com as quais se identificavam. Enquanto o primeiro foi utilizado para perpetuar o poder de um potentado local com base eleitoral em Santa Cruz, o segundo foi empregado abertamente para questionar as forças políticas hegemônicas que controlavam a República brasileira. Para isso, o jornal apoiou o nome de Ruy Barbosa e sua campanha *civilista*, norteadas pela defesa da moralização do processo eleitoral e da vida política do país, notoriamente caracterizada pela utilização de mecanismos autoritários e corruptos no período da Primeira República. O *Echo Suburbano*, por sua vez, se posicionou politicamente a partir das relações sociais vivenciadas nos territórios onde seus jornalistas mantinham residência e negócios. O

---

<sup>100</sup> *Tribuna Suburbana*, Madureira, edição 17 de Janeiro de 1910, p.1.

<sup>101</sup> MIYASAKA, Cristiane Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2008, p.54.

vínculo com os candidatos a deputado foi construído através da ação conjunta em uma organização criada especialmente para defender os interesses da Freguesia de Irajá. O jornal, que circulou durante vários anos em Madureira, fez uma opção política que seguramente deve ter se repetido em outros momentos de sua história como órgão de imprensa.

Tanto o apoio a políticos quanto o enaltecimento a indivíduos ou grupos que detinham maior renda e posses nas localidades demonstram o interesse que esses periódicos expressaram em dar visibilidade às ações e histórias de vida daqueles que detinham poder nos subúrbios. Isso inevitavelmente ou necessariamente os incluía. Afinal, ser proprietário de jornal ou revista, ou fazer parte de uma equipe sem dúvida poderia contribuir para a conquista de prestígio e poder aos envolvidos nas práticas jornalísticas. Homenagear um comerciante ou industrial, por exemplo, era o mesmo que se homenagear, pois todos exerciam atividades próximas, se identificavam como proprietários e produtores de riquezas, que empregavam pessoas e também contribuía e aumentavam as rendas do Estado. Enaltecer o trabalho dos demais jornalistas suburbanos, por outro lado, era o mesmo que se auto-promover. Ao produzir biografias e páginas de homenagens os periódicos difundiam seus valores ao mesmo tempo que veiculavam imagens de um subúrbio habitado por “gente” importante e bem estabelecida socialmente. Detentores de uma formação letrada, esses jornalistas invariavelmente se posicionavam em defesa da expansão da educação primária; propagandeavam as iniciativas coletivas destinadas a recrear e a instruir a população; difundiam e alimentavam, enfim, os valores e perspectivas de uma parcela da população letrada em busca de formação e informação.

### **2.3: Cultura tipográfica e letrada nos subúrbios.**

No subúrbio de Inhaúma, a quarta edição do mensal *O Suburbano* publicou uma matéria intitulada *O que dizem de nós* trazendo a repercussão do lançamento de sua primeira edição entre os demais órgãos de imprensa da cidade. Um dos periódicos a repercutir a criação de mais uma folha nos subúrbios foi o jornal *A União*, que chamou a atenção para os objetivos declarados pelos colegas como missão jornalística:

*Com o título A União, apareceu a 4 de fevereiro deste anno, em Inhauma, suburbio desta capital, um periodico mensal, sob a direcção do sr. Esdras de Moura Magalhães, dedicado á defesa da causa publica e diffusão dos ensinamentos da Santa Madre Igreja Catholica, Apostolica e Romana, desejando mesmo ser orgão catholico official da Parochia de São Thiago de Inhauma. Porá o seu melhor empenho em favor do ensino primario nos suburbios, o que, estamos certos, fará de accordo com os ensinamentos que constituem a base do seu programma.*<sup>102</sup>

Conforme os responsáveis pelo jornal *A União* (que já existia com este título antes mesmo do lançamento do jornal de Esdras Magalhães que, inadvertidamente, empregou o mesmo título na primeira edição do seu jornal. Posteriormente, fez a substituição para *O Suburbano*) o jornal *O Suburbano*, dirigido por Esdras de Moura Magalhães, foi criado para difundir os ensinamentos da Igreja Católica e procurava se constituir como órgão oficial da paróquia de São Thiago de Inhaúma. O jornal também teria declarado, segundo *A União*, a intenção de se empenhar a favor do ensino primário nos subúrbios. A despeito de não sabermos de que maneira esse desejo efetivamente se concretizou, essa intencionalidade constitui um forte indício do tipo de preocupação que, principalmente a partir das décadas finais do século XIX (período em que houve um aumento significativo da produção fabril na cidade) animou homens da igreja e da burguesia da capital a se empenharem na organização de entidades filantrópicas destinadas a criar e manter escolas, tanto às de nível primário quanto às voltadas para o ensino de ofícios aos membros de famílias pobres.<sup>103</sup>

A defesa da expansão dos investimentos em educação nos subúrbios foi uma bandeira levantada por vários periódicos suburbanos, mas que ganhou contornos distintos em alguns deles e assumiu formas diversas em suas páginas. Em determinados momentos essa proposta surgia através da publicidade dada às demandas de moradores cobrando a subvenção de escolas para suas localidades; em outros, mediante a publicação de informes noticiando atividades de associações e escolas criadas nos subúrbios que mantinham projetos educacionais filantrópicos destinados à população pobre ou mesmo assumida na primeira pessoa pelos próprios jornalistas e seus periódicos propondo e defendendo a criação de escolas voltadas para a instrução dos trabalhadores e do “povo” suburbano.

---

<sup>102</sup> *O Suburbano*, Inhaúma, edição 10 de Maio de 1912, p. 3. Grifo nosso. Só existe esta edição disponível para consulta do jornal *O Suburbano*.

<sup>103</sup> Destacariamos a *Associação Promotora da Instrucção*, a *Imperial Sociedade Amante da Instrucção*, a *Sociedade Propagadora da Instrucção aos operários da Freguezia da Lagoa* e a *Sociedade Propagadora das Bellas Artes*.

O jornal *O Suburbano*, em nome *dos interesses locais* que afirmava representar publicou, na seção destinada ao noticiário, uma matéria repercutindo a intenção dos moradores da localidade conhecida como Praia das Flecheiras, na Ilha do Governador, de enviar ao Prefeito uma representação solicitando que a Municipalidade subvencionasse uma escola destinada a atender cerca de 70 crianças pobres daquela localidade.<sup>104</sup> Coerente com os interesses de seus proprietários – comerciantes de materiais impressos – o jornal definia como um de seus objetivos “*tratar do progresso da Ilha do Governador, pedir a atenção dos poderes competentes para suas necessidades (...)*”<sup>105</sup> e, por isso, garantia espaço em suas páginas para as cartas enviadas pelos leitores cobrando soluções para os seus problemas, uma clara estratégia de aproximação e legitimação do periódico frente aos moradores da ilha.

Os jornalistas d’*O Echo Suburbano*, no entanto, expressaram seu apoio às iniciativas educacionais organizadas nos subúrbios destinadas à instrução popular através da publicidade à mudança de direção ocorrida em uma instituição de ensino que funcionava em Inhaúma, o *Lyceu Popular de Inhaúma*, e às realizações iniciadas pelo novo administrador.

*Tomou a direcção interina do Lyceu Popular de Inhauma o conhecido professor nosso amigo Maia Maciel, o qual o tomar a direcção creou, as aulas de geographia e historia do Brazil. Os professores em exercicio (sic) são Maia Maciel, Fidelis Marques, Alfredo Monteiro, Bacharel Thomaz Augusto, Jesuino de Carvalho, Arsenio Quintanio, Bacharel Manoel de Moraes e Antonio Maia.*

*Estão funcionando com regularidade, todos os cursos. Este Lyceu tem prestado e continua a prestar relevantes serviços a instrucção popular dos suburbios.*<sup>106</sup>

Já a *Gazeta Suburbana: folha recreativa, noticiosa e de interesses locais* esteve atenta à movimentação de diferentes instituições de ensino mantidas nos subúrbios, articulando por meio de notas sobre encontros e reuniões promovidos por associações filantrópicas como a *Associação Propagadora da Instrucção Popular do Engenho Novo*<sup>107</sup>, informações sobre a reabertura das aulas de colégios privados como o *Collegio N. S.*

---

<sup>104</sup> *O Suburbano: orgam dos interesses locais*, Ilha do Governador, edição 1 de Março de 1900, p.2. As duas únicas edições disponíveis para consulta informam que o jornal era propriedade de uma pequena empresa particular – *A. Rocha & Comp* – que mantinha um estabelecimento voltado ao comércio de impressões na localidade conhecida como Andradas, na Ilha do Governador. Os diretores eram Antonio Hilário da Costa, Antonio de Mattos Ferreira, Pio Dutra da Rocha e Manoel Candido da Silva Castro.

<sup>105</sup> *O Suburbano: orgam dos interesses locais*, Ilha do Governador, edição 1 de Março de 1900, p.1.

<sup>106</sup> *O Echo Suburbano*, Engenho de Dentro, edição 10 de Agosto de 1901. Grifo nosso. Jornal dirigido por Ernesto Nogueiro, ex-empregado das *Oficinas da Estrada de Ferro Central do Brasil*.

<sup>107</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 2 de Fevereiro de 1884, p.2.

da Graça,<sup>108</sup> ou mesmo fazendo propaganda do *Collegio Vilella* por meio de uma reportagem elogiosa sobre o estabelecimento e seu fundador, proprietário e diretor, José Antonio Vilella.<sup>109</sup>

No distrito rural de Santa Cruz, no extremo Oeste da Capital, o jornal *O Santacruzense*, dirigido pelo Agente dos Correios, João Alves, e secretariado por Oscar Pimentel – filho do intendente Honório Pimentel, que posteriormente colaboraria para o jornal *O Santa Cruz* – não esperou ou reivindicou junto à Prefeitura a abertura de escolas no distrito, nem tão pouco se preocupou em noticiar o cotidiano de estabelecimentos mantidos na localidade. Assumindo maior protagonismo nessa área, o próprio jornal encampou desde a sua primeira edição, de outubro de 1908, o projeto de criação de uma escola noturna que pudesse servir para a instrução dos jovens que trabalhavam nas lavouras da região. O jornal buscou mobilizar os seus leitores, especialmente entre os negociantes estabelecidos em Santa Cruz, para apoiarem essa iniciativa. Um texto assinado pelo colaborador Silvino Gregório da Silveira, na quarta edição da folha, permite apreender algumas das intencionalidades que pareciam mover o jornal e os entusiastas desse projeto no distrito:

#### UMA ADHESAO

***O Santacruzense seguindo a trajectoria brilhante de pugnar pelos interesses do povo, de prestar os mais relevantes serviços, quer moraes, quer materiaes a esta florescente localidade, esta no direito de trabalhar para a criação de uma escola nocturna.***

***Em dois artigos despertou a atenção geral para que um grupo de negociantes se colligasse, ou que uma das oito sociedades existentes, chamasse a si esse util e nobre empreendimento que, alem de ser secundado pelo auxilio material, contaria com os votos e louvores de uma população reconhecida.***

***Existe nesta localidade grande numero de rapazes e meninos, que desde a mais tenra idade entregam-se ao labor insano da vida campesina, onde tiram os proventos para manter a familia.(...)***

*Concedei a esses rapazes que vem escoarem-se os annos da mocidade no analphabetismo, essa luz vivificante – a insctrução!*

***E indispensavel a criação da citada escola, onde competente professor, num movimento altruistico de civismo saiba acima de tudo incutir no espirito dos alumnos o conhecimento synthetico das leis que regem o nosso paiz.(...)***

*Adhiro a O santacruzense hypothecando a minha penna insignificante em prol dessa patriotica campanha.*

***Avante! Senhores negociantes! Sede os benemeritos desta terra!... prestai esse humanitario auxilio a mocidade – aos homens de amanha!***<sup>110</sup>

<sup>108</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 6 de Janeiro de 1884, p.3.

<sup>109</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 9 de Março de 1884, p.2.

<sup>110</sup> *O Santacruzense*, Edição 25 de Outubro de 1908, Santa Cruz, p. 1. Grifo nosso.

A presença de Oscar Pimentel, membro de uma família com poder econômico e político no distrito rural de Santa Cruz, na produção do jornal, pode nos ajudar a entender melhor o interesse do periódico pela criação de uma escola noturna. O autor do artigo, dirigindo-se especialmente aos negociantes e membros de sociedades já existentes no distrito, expôs com clareza as vantagens que esse tipo de iniciativa poderia trazer para aqueles que decidissem investir recursos na sustentação da escola, destacando os votos e o reconhecimento com os quais a população amparada retribuiria aos beneméritos. Isso indica que o jornal fazia parte de um projeto político mais amplo que procurava por meio da alfabetização da população pobre e trabalhadora de Santa Cruz arregimentar mais eleitores e votos aos políticos com base eleitoral no distrito.

Mas *O Santacruzense* não foi o único periódico suburbano a batalhar diretamente pela criação de espaços coletivos nos subúrbios destinados a “educar” o povo suburbano. Ainda que não seja possível identificar mais claramente seus interesses e vínculos, o jornal *O Subúrbio*, através da seção *Toques e Retoques*, assinada por N.S, deu publicidade a um projeto educacional desenvolvido nos subúrbios que tinha, dentre os realizadores, o seu próprio proprietário e diretor, Xavier Pinheiro. Contando com a participação de nomes recorrentes na imprensa periódica suburbana, como Pinto Machado, Cruz Sobrinho, Vieira de Mello e Augusto Menezes, o diretor da folha ajudou a criar a *Liga da Educação Cívica*, cuja finalidade era:

(...) *manter o culto dos servidores illustres do Brasil, formando o coração da mocidade no apreço aos benemeritos da patria (...) É pelo culto accentuado e intransigentemente seguido dos heroes, que os povos se engrandecem. Não seremos nós brasileiros excepção dentre os povos que amam o seu passado.*<sup>111</sup>

Ao acompanharmos várias edições do jornal, foi possível identificarmos alguns dos eventos históricos e possíveis “heróis” que esse projeto pretendia cultuar entre os suburbanos que freqüentaram a liga. Em diversas edições, o jornal publicou o *Histórico da Policia Militar*, assinado pelo secretário do jornal, Cruz Sobrinho, na época oficial da Força Policial do Rio de Janeiro, assim como Xavier Pinheiro. Esse texto narrava, em capítulos, a história da corporação desde o seu surgimento na época da chegada da família real portuguesa ao Brasil.<sup>112</sup> Também interessava ao jornal contar uma história dos subúrbios, através da seção *Cavações Históricas – Zonas Suburbanas* selecionaram

---

<sup>111</sup> *O Subúrbio*, Méier, Edição 19 de Setembro de 1908. Grifo nosso.

<sup>112</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 6 de Agosto de 1910, p.2.

histórias sobre as localidades que compunham o território suburbano e as narravam para os leitores. Em outros momentos, o jornal publicou textos elogiosos sobre eventos históricos ocorridos no país como a abolição da escravatura e a proclamação da República.

Mas independente de projetos de educação propostos por iniciativa desses jornais e/ou desenvolvidos nos subúrbios com seu apoio, o interesse por instrução era sem dúvida uma reivindicação crescente nas zonas suburbanas, em rápido processo de adensamento populacional. Os periódicos suburbanos se constituíram também como um meio de comunicação importante para os inúmeros estabelecimentos de ensino privados, que recorriam aos jornais, revistas e almanaques para anunciar os seus serviços. Se havia mais escolas nos subúrbios, o mercado voltado a atender as demandas de um público estudantil e letrado também se ampliava. Logo, além dos estabelecimentos de ensino, outras empresas do ramo, como livrarias e tipografias, passaram a propagandear seus serviços nos periódicos. O jornal *O Subúrbio* de Xavier Pinheiro foi um dos periódicos que mais abriu suas páginas para esse tipo de anunciante. Assim como a grande maioria dos periódicos daquela época, a folha do Méier destinava a última página de suas edições para a publicação dos anúncios. Eventualmente, se a quantidade de reclames fosse significativa, recorria a novas páginas, diminuindo o espaço destinado ao conteúdo ou simplesmente ampliava o número de páginas, o que era comum apenas em edições especiais, como as de aniversário do jornal.<sup>113</sup>

Ao acompanharmos os anúncios de produtos e serviços voltados para atender a população letrada dos subúrbios, identificamos desde externatos destinados exclusivamente para o público feminino, como o *Externato Meyer*, instalado na Rua Archias Cordeiro especializado na preparação das alunas para a *Escola Normal*, *Gymnasio Nacional* e *Colégio Militar*,<sup>114</sup> livrarias estabelecidas no Centro da cidade, como a *Livraria Bittencourt*, na Avenida Passos, 11, e a *Livraria Central*, cujo anúncio se dirigia diretamente aos estudantes: “*possue o sortimento mais completo possivel de livros collegiaes e academicos, que vende a preços baratíssimos, compra e vende livros novos e usados, Rua Uruguaiana, 62*”,<sup>115</sup> anúncios de livros que ocupavam uma página inteira, tais como *A Divina Comedia de Dante, o inferno e o purgatório*, traduzido para

---

<sup>113</sup> A edição comemorativa de aniversário publicada, no dia 6 de Julho de 1908, por exemplo, saiu com 12 páginas, repletas de anúncios.

<sup>114</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 19 de Setembro de 1908, p.4.

<sup>115</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 6 de Julho de 1908.



o português pelo pai de Xavier Pinheiro, F. P. Xavier Pinheiro, até tipografias como a *Typographia L. Miotto*, na Rua da Alfândega, 190.<sup>116</sup> Exemplos de que também nessa imprensa editada nos subúrbios se estabeleceu o “movimento de mão dupla entre a linguagem das mercadorias e a cultura impressa”, misturando interesses e práticas de venda de estabelecimentos comerciais – como os seus apelos ao consumo e estratégias de reclame e comércio – com as necessidades de sobrevivência e financiamento dos próprios periódicos, como indicou Cruz.<sup>117</sup>

Outras vezes, os empreendimentos comerciais já nasciam articulados como no caso do jornal *O Pequeno Pharol: Semanário suburbano, orgam Revisionista e Noticioso*, e o Externato Henriques em Piedade ambos, jornal e escola, propriedade de membros da mesma família. Não causa espanto, nesse caso, a ampla publicidade do colégio nas páginas do jornal, informando horários, turnos e custo das mensalidades dos cursos oferecidos, destacando sua *conformidade com o Gymnasio Nacional* e oferecendo professores para *lecionar em casas particulares*.

### **EXTERNATO HENRIQUES**

#### ***Curso primario e secundario.***

*O curso primario deste estabelecimento de ensino, de conformidade com o Gymnasio Nacional, acha-se dividido em tres series. As aulas do curso primario começam as 9 1-2 da manhã e terminam as 2 horas da tarde, tendo o intervalo de 12 a 1 hora para recreio e gymnastica. Curso Secundario. As aulas deste curso são das 8 as 10 horas da manhã, 12 as 2 e 4 as 6 da tarde.*

*Esta casa de ensino mantém ainda um CURSO PRIMARIO noturno para adultos. Este EXTERNATO dispendo de um numero sufficiente de professores aceita chamados para lecionar em casas particulares.*

*PAGAMENTOS. A mensalidade do aluno deve ser paga adiantadamente no acto da matricula. CURSO PRIMARIO 8\$000 e SECUNDARIO 10\$000.*<sup>118</sup>

O advogado e jornalista Raphael Henriques, diretor e proprietário do jornal, solicitava aos leitores que enviassem suas cartas para a Rua Martins Costa, n.3, mesmo endereço do externato. Além disso, as oficinas utilizadas para a confecção do periódico também eram utilizadas para o comércio de impressão no bairro, conforme se verifica pelo anúncio publicado na última página da folha. Isso significa que a família Henriques prosperou no bairro atuando em atividades que demandavam uma população letrada em busca de qualificação e ávida por consumir textos impressos.

<sup>116</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 28 de Setembro de 1907, p.4.

<sup>117</sup> CRUZ, Heloisa de Faria. *São Paulo em papel e tinta*, op. cit., pp. 153-157.

<sup>118</sup> *Pequeno Pharol*, Piedade, Edição 22 de Dezembro de 1904, p.3. Grifo nosso.

O interesse em atender as necessidades de uma crescente população letrada que habitava os subúrbios era parcialmente atendido pelos serviços de impressão mantidos por empresas tipográficas instaladas em diversas localidades das zonas suburbanas, como *O São Christóvão* com oficinas na Rua Bella de S. João, 108, em São Cristóvão, e a *Revista Suburbana: Órgão independente, ilustrado e de interesse geral*. Esta última se auto-intitulava, em 1906, como a única *Empreza Typographica Suburbana* instalada na Rua Dias da Cruz, n.B-8, Méier. Outra *Revista Suburbana* publicou anúncio de sua *Typographia Fluminense* que oferecia *impressão de Theses, Estatutos, Relatórios, livros de qualquer natureza, trabalhos de luxo ou não, Jornais e Revistas, de grande ou pequeno formato, trabalhos de toda a espécie para associações e o commercio em geral*.<sup>119</sup> *O Suburbano*, que oferecia aos seus leitores: *Nas officinas d' esta folha à Rua dos Andradas 16, executa-se com perfeição e por preços resumidos qualquer trabalho typográfico, como sejam notas, facturas, cartões, estatutos, diplomas, etc*).<sup>120</sup> Serviços semelhantes eram oferecidos por *O Santacruzense* cuja *Typographia Encarrega-se de todos os trabalhos concernente a esta arte. Preços módicos*<sup>121</sup> e também por *O Santa Cruz* que, em momentos distintos utilizaram a mesma estrutura tipográfica nas oficinas na Rua da Matriz, 12, Santa Cruz. A *Tribuna Suburbana*, em Madureira propriedade da *Typographia da Luz*, oferecia *impressão nítida e limpa, é a única na zona suburbana que se recomenda pela barateza de seus preços. 87, Rua Lopes Madureira*;<sup>122</sup> d'*O Suburbano* com oficinas instaladas na Rua Vinte e Quatro de Maio, n. 413, Sampaio e também da *Gazeta Suburbana: folha recreativa, noticiosa e de interesses locais* da *Typographia Hamburgueza*, instalada na Rua do Hospício, n. 149-51, em Todos os Santos.

Essas empresas, portanto, foram criadas por homens residentes nos subúrbios que dispunham de capital para atender a crescente demanda por textos impressos da população letrada das zonas suburbanas, ao mesmo tempo em que se constituíram como órgãos de imprensa, articulando e dando visibilidade aos diferentes elementos – negócios e produtos – dessa cultura letrada e tipográfica. Logo, além de agirem diretamente ou no apoio a diferentes projetos de educação desenvolvidos nos subúrbios eles também se constituíram como meios de comunicação privilegiados para a propaganda de empresas inseridas no mercado de consumo de textos impressos. Além

---

<sup>119</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 15 de Setembro de 1918.

<sup>120</sup> *O Suburbano*, Ilha do Governador, edição 1 de Março de 1900, p.4.

<sup>121</sup> *O Santacruzense*, Santa Cruz, edição 11 de Outubro de 1908, p.4.

<sup>122</sup> *Tribuna Suburbana*, Madureira, edição 17 de Janeiro, p.4.

disso, esses periódicos eram parte integrante de um mercado maior de bens culturais em processo de expansão na cidade, aproximando uma população interessada em se divertir, em assistir peças de teatro, em freqüentar sessões de cinematógrafos, em discutir e produzir textos literários, e por fim, também envolvida e interessada na organização de ligas responsáveis pela realização de campeonatos de futebol e a movimentação de setores da população suburbana envolvida com iniciativas voltadas para a oferta de eventos, lazer e divertimentos em diferentes espaços dos subúrbios.

#### 2.4: Páginas de ‘progresso’ suburbano.

Para um jornal como a *Gazeta Suburbana: folha recreativa, noticiosa e de interesses locais* o desejo de apresentar aos leitores, logo em sua primeira edição, os nomes dos grêmios, sociedades e clubes de todos os tipos (musicais, carnavalescos, dramáticos) mantidos em diferentes localidades do subúrbio da Central do Brasil parece indicar um interesse em mostrar o “progresso” conquistado por aqueles espaços dos subúrbios.

*O que é verdade*

***Que os subúrbios progridem isso é que não há contestar; e senão vejamos:***

***São christovão, tem sociedades de toda a especie.***

***Em São Francisco Xavier lá está o Club Dramatico Itamarati, que, funcionando n’um bellissimo salão theatro, proprio, e sob uma administração criteriosa dá mensalmente a sua recita baile.***

***Em Riachuelo, atesta-o o magnifico theatro construido em frente a estação, e outros pontos de reunião alegre familiar.***

***No Engenho Novo há um distincto Club, onde as horas vôão com os pares movidos por uma quadrilha de Mesquita ou uma polka de Callado.***

***Há também uma bôa associação musical, que graças á força de vontade e de bom gosto litterario de seu illustrado Presidente, secundado pelos demais dignissimos Directores e seus associados, constituiu-se, n’um momento, em associação, alem de musical, dramatica e onde tambem se dança, para a satisfação de todos os paladares.***

***Em Todos os Santos há a sociedade Gremio Dramatico Familiar S. João Baptista, onde se passão noites bem agradaveis.***

(...)

***No Engenho de Dentro sustenta-se uma magnifica sociedade dramatica; outra carnavalesca e ainda outra de musica (...)***<sup>123</sup>

Através de uma seção jornalística específica, a *Palcos*, o jornal divulgava os eventos e noticiava encontros realizados por essas entidades. Em uma de suas edições,

---

<sup>123</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 15 de dezembro de 1883, pp. 1-2. Grifo nosso.

por exemplo, o jornal noticiou a realização da primeira festa de aniversário do *Gymnasio Dramático Inhaumense*.<sup>124</sup>

No jornal *Progresso Suburbano*, a visibilidade conferida à *Sociedade Musical Estrella da Piedade* estava relacionada à divulgação dos nomes dos novos diretores da sociedade.<sup>125</sup> Eventos como batizados, casamentos e formaturas envolvendo famílias ‘importantes’ residentes em localidades próximas da redação do jornal, instalada em Piedade, eram noticiadas na seção *Comprimentos*. Postura semelhante tinha o jornal *O Echo Suburbano* que noticiava em suas páginas eventos envolvendo famílias residentes nos subúrbios, especialmente aquelas que se destacavam no Engenho de Dentro, através da seção *Felicitações*.

Periódicos como o jornal *O Subúrbio*, a *Revista Suburbana* e o jornal *Gazeta Suburbana* também criaram e mantiveram seções destinadas a noticiar e promover os eventos organizados por sociedades dramáticas, clubes, grêmios, associações e encontros sociais envolvendo membros de famílias conhecidas residentes nos subúrbios.

A *Revista Suburbana* criou a seção *Palcos e Salões*, mas pelo fato de termos apenas uma edição para consulta não podemos aprofundar a discussão sobre quais espaços de sociabilidade ganharam visibilidade na revista e a forma como essas atividades foram tratadas. Situação bem distinta da encontrada em relação aos jornais *O Subúrbio* e *Gazeta Suburbana*, que talvez pelo fato de terem circulado por mais tempo, tenham um número mais expressivo de edições preservadas nas instituições de guarda documental da cidade.

O jornal *O Subúrbio* manteve três seções dedicadas a acompanhar e noticiar os eventos sociais organizados nos subúrbios. Em nossa pesquisa com as edições disponíveis para consulta, identificamos que as seções *Palcos e Diversões* e *Pelos Theatros da cidade* foram publicadas com significativa frequência. Através dessas colunas, o jornal de Xavier Pinheiro divulgava as encenações de peças teatrais montadas em espaços como o *Club 24 de Maio*, *Gremio Dramático do Meyer*, *Gremio Jupyra*, localizado em Todos os Santos, *Club Fluminense* e *Parque Boca do Mato*, no Méier, prestigiando e divulgando os bailes promovidos por clubes freqüentados pela “*elite suburbana*”:

---

<sup>124</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 16 de Fevereiro de 1884.

<sup>125</sup> *Progresso Suburbano*, Piedade, edição 2 de Março de 1902, p.2.

*Club dos caçadores*

*Esteve bastante concorrido o baile desta nóvel sociedade do Campinho.*

***O salão apresentava magnífico aspecto, pois a elite suburbana estava ali representada por formosas senhoritas e respeitáveis senhoras.***

*Uma excelente banda de músicos da Força Policial executou as melhores músicas, que foram acolhidas com entusiasmo febril pelos adoradores de Terpsy-chore*<sup>126</sup>

Outra forma de prestigiar as atividades de clubes e grêmios recreativos era informando a programação dos mesmos. Através da seção *Canhenho do Engrossa*, o periódico felicitava aniversariantes, divulgava a realização de batizados, formaturas e noticiava a realização de festejos.

O interesse do periódico em propagandear o incremento das atividades culturais e a sociabilidade que se desenvolvia em diferentes espaços nas localidades do subúrbio da Central, ao mesmo tempo que parece revelar a intencionalidade expressa pela *Gazeta Suburbana* – associar-se ao progresso local e, ao mesmo tempo, propagandear-lo –, também pode ser um indicativo de uma nova estratégia comercial. Afinal, clubes, teatros e cinematógrafos instalados nos subúrbios recorriam frequentemente ao jornal para a publicação de anúncios pagos destinados a informar as suas respectivas programações:

***THEATRO LUCINDA, BREVEMENTE.*** *A burlata de grande espetaculo em 3 actos, 13 quadros, apotheoses e 40 numeros de musica, FON-FON, original de Alvaro Colás, música do maestro Assis Pacheco.*

***CINEMATOGRAPHO ENGENHO NOVO,*** *praça do Engenho Novo, última palavra em CINMETOGRAPHO PATHÉ.*<sup>127</sup>

A participação de um escritor de peças teatrais na equipe responsável por esse jornal também nos ajuda a entender o interesse em manter uma seção exclusivamente voltada para o acompanhamento e divulgação das peças teatrais e a conseqüente credibilidade conquistada entre os produtores artísticos, cujo resultado era a escolha d' *O Subúrbio* para a veiculação dos seus anúncios. O gerente da folha, Eduardo Magalhães, que também colaborava para a revista *Theatro*, mereceu os elogios do jornal, que em uma de suas edições publicou um artigo acompanhado de sua foto divulgando a peça

---

<sup>126</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 10 de Agosto de 1907, p.3. Grifo nosso.

<sup>127</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 1 de Janeiro de 1908, p.3. Grifo nosso.

escrita por ele e encenada pela Sociedade Dramática da zona do Riachuelo no *Modesto Club Dramático*, especialmente para comemorar o aniversário do jornal.<sup>128</sup>

Os festejos organizados pelo jornal para celebrar o seu aniversário de um ano de circulação, noticiados na edição do dia 6 de julho de 1908, se transformaram em assunto para as edições seguintes. A folha publicou uma matéria noticiando o evento e os convidados presentes, abriu espaço para a publicação de um artigo assinado por José Roberto Vieira de Mello homenageando o periódico. Ou seja, esse e outros eventos sociais promovidos pelo jornal e seus jornalistas no Méier eram assuntos que recorrentemente ganhavam as páginas da folha.

Transformar em notícia os encontros e eventos sociais que contavam com a participação dos periódicos e jornalistas suburbanos também era do interesse do jornal *Gazeta Suburbana* que através da seção *Risos e lágrimas*, divulgava festas de aniversário, missas, casamentos e falecimentos envolvendo membros desse grupo da sociedade suburbana. Em uma edição o jornal noticiou a festa de aniversário do alferes Horacio Annibal da Costa, identificado na matéria como um dos integrantes da *Gazeta Suburbana*. Também nesse dia fora noticiado a festa de casamento de um dos administradores do jornal, Ernesto Mattoso.<sup>129</sup> Em outra edição o jornal deu visibilidade a realização de uma missa que contou com a presença de inúmeros jornalistas, como Xavier Pinheiro, Annibal Costa e o tenente Paiva Filho, estes últimos integrantes da *Gazeta Suburbana*.<sup>130</sup> Além da seção *Risos e lagrimas*, o jornal também mantinha a seção *Pelos cinemas* dedicada a divulgar a programação dos cinematógrafos instalados nos subúrbios, comentar as sessões e seus frequentadores.

Posteriormente, ao longo do ano de 1919, o jornal, então dirigido por Manfredo Liberal, e contando com a colaboração, na redação (instalada, nesse período, no Méier), de José Roberto Vieira de Mello, daria amplo destaque às práticas esportivas, especialmente ao futebol. Através da seção *Vida Sportiva*, que invariavelmente ocupava uma ou mais páginas, a folha noticiava os resultados dos campeonatos de *foot-ball*, trazia notícias sobre os clubes e a programação dos jogos em todos os subúrbios. Desde o final da década de 1910, pelo menos, existia nos subúrbios uma *Liga Suburbana de*

---

<sup>128</sup> *O Subúrbio*, Méier edição 26 de Novembro de 1908.

<sup>129</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 8 de Setembro de 1910, p. 1.

<sup>130</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 15 de Setembro de 1910, p.2.

*Foot-Ball* e o jornal *O Subúrbio* chegou a noticiar o convite feito por ela à *União Sportiva Fluminense* para que ambas realizassem uma partida.<sup>131</sup>

Outros espaços de sociabilidade criados nas zonas suburbanas e que mereceram a atenção dos periódicos foram os aqueles voltados para a produção e discussão de textos literários. No distrito de Jacarepaguá, homens e mulheres fundaram o *Gremio Litterario Olavo Bilac* como espaço privilegiado para a criação artística e o debate de idéias entre os seus associados, destacando-se a produção e publicação de resenhas, poemas e poesias. Pelo menos desde o início da década de 1920 ele funcionou na Estrada da Freguesia, n. 1012 e, dentre outras ações, chegou a publicar um jornal de periodicidade mensal chamado *A Penna*. Criado para divulgar e promover os interesses e atividades do grêmio, a única edição disponível para consulta indica que o jornal buscou promover a iniciativa comandada pela professora Maria dos Reis Santos (pelo sobrenome, talvez companheira do presidente do grêmio, Vicente de Paula Reis), voltada a diminuir o número de analfabetos na capital, intitulada *Liga contra o Analfabetismo*.<sup>132</sup>

O jornal *Gazeta Suburbana* que se apresentava como um *semanário crítico, litterario*, dedicado aos interesses da zona suburbana também esteve atento à movimentação de suburbanos interessados na criação de entidades voltadas ao debate literário. Tanto que em Maio de 1919 noticiou a fundação da *Academia de Letras Suburbanas* se referindo aos organizadores como “um grupo de intelectuais comandados pelo professor Victor Hugo”, um médico veterinário formado pela Escola de Medicina e Veterinária do Exército.<sup>133</sup>

O jornal *Echo Suburbano*, ao publicar um artigo em homenagem ao advogado e jornalista Victorino Tosta, expôs as inúmeras funções e atividades profissionais desempenhadas pelo homenageado, residente em Madureira. Uma delas era a de delegado central, arquivista e bibliotecário da *Sociedade B. Protectora dos Animaes*.<sup>134</sup> A *União Operária do Engenho de Dentro*, criada para defender os interesses dos operários que trabalhavam para grandes empresas instaladas no Engenho de Dentro e arredores, também manteve uma biblioteca para os seus associados. O jornal *A União Operária*, produzido pela organização em edição única, fez publicidade da biblioteca

---

<sup>131</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 24 de Agosto de 1907, p.3.

<sup>132</sup> *A Penna*, Jacarepaguá edição de Agosto de 1921.

<sup>133</sup> *Gazeta Suburbana*, Méier, edição 31 de Maio de 1919, p.2.

<sup>134</sup> *Echo Suburbano*, Madureira, edição 24 de Abril de 1911, p.2.

para os leitores-associados, na época dirigida por uma mulher, Apolônia Thereza Leite da Silva.<sup>135</sup>

Ao analisarmos os diferentes espaços de sociabilidade privilegiados pelos periódicos suburbanos, parece evidente que a grande maioria se empenhou em promover entidades dirigidas ou freqüentadas por indivíduos da sua mesma classe ou grupo social, alguns deles ligados aos próprios jornais. Os fundadores da academia de letras eram professores e médicos descritos como intelectuais; as freqüentadoras de um clube dançante foram identificadas como senhoras da *elite suburbana*; os aniversariantes lembrados pelos jornais ocupavam cargos públicos (alferes, militares); os homenageados eram teatrólogos, bibliotecários, advogados e jornalistas. Homens e mulheres que se encontravam e compartilhavam bailes dançantes ao som de músicos da Força Policial, assistiam récitas encenadas em clubes dramáticos, iam às sessões de cinematógrafos e liam em voz alta seus poemas e poesias. E os trabalhadores pobres, também eram freqüentadores dessas associações recreativas?

Difícil responder, mas a publicação de uma matéria no *Jornal Suburbano* parece nos indicar uma resposta. Através da seção *Noticiário*, o jornal veiculou a intenção da direção da *União Operaria do Engenho de Dentro* de promover festas populares no parque das Oficinas. O objetivo, segundo o presidente da organização, seria sanar a falta de espaços de lazer no bairro operário do Engenho de Dentro.

#### *Noticiário*

*O Sr. Miguel Paes Barreto, prestimoso presidente da União Operaria do Engenho de Dentro em nome da instituição que dirige vae por em realidade muito brevemente um plano que virá sanar uma lacuna nessa localidade.*

*Pensa o estimado cavalheiro em dotar o Engenho de Dentro de festas de carater popular, no parque das Oficinas, entre as seis e 10 horas da noite, aos domingos, já contando para a realização do seu louvavel intuito com o auxilio d'alguns commerciantes locais.*

*Essas festas se constituirão de folguedos infantis, tombolas, pequenos pavilhões para a venda de frios e bebidas, concertos publicos, musicas etc.*

*Resta que o commercio e os operarios auxiliem a ideia que reputamos valorosa, por vir trazer a um logar que nada tem para distrahir o seu povo, um meio de atrahir para alli as familias moradoras nos subúrbios.*<sup>136</sup>

O desejo de organizar um espaço de lazer *de carater popular* nesse bairro, próximo a localidades como Méier, Engenho Novo e Sampaio, parece ser um indício de

<sup>135</sup> *A União Operaria*, Engenho de Dentro, número único, 1 de Maio de 1904.

<sup>136</sup> *Jornal Suburbano*, edição 8 de Julho de 1911, Madureira, p.2.



que a infinidade de grêmios, clubes e sociedades de todos os tipos mantidos nessas localidades não eram locais habitualmente freqüentados por trabalhadores de baixa remuneração.

Além do *Jornal Suburbano*, apenas *O Santacruzense* noticiou, em 1908, as atividades de um clube recreativo criado e freqüentado por operários no bairro de Bangu, chamado *União Enterpe Club*, formado a partir da união de duas sociedades já existentes a *Sociedade Recreativa Flor da União* e o *Club Enterpe*:

#### *União Enterpe Club*

*Seria talvez fastidioso traser para as columnas do “O Santacruzense” a utilidade que advém manter-se uma sociedade onde os seus numerosos sócios possam passar algumas horas em divertimentos familiares, quer dansando, palestrando ou lendo.*

***No Marco Seis, pois, acabam de fundir-se duas sociedades, graças aos esforços mutuos de seus sócios e onde será mantido não so um curso de dansa, banda de musica e posteriormente uma bibliotheca, como outras sortes de diversões que trarão destaque notavel na evolução dos factos e cousas Banguenses.***

*Pela fusao da Sociedade Recreativa Flor da União com o Club Euterpe surgiu o União Euterpe Club cuja directoria se encontra empenhada em fazel-o no mais alto grau de prosperidade (...)*<sup>137</sup>

Para o *Jornal Suburbano* pelo menos, o interesse em noticiar a intenção do centro operário em organizar festas populares estava inserido em um projeto maior de questionamento do poder e dos poderosos. Em diversos artigos a folha de Madureira se colocou contrária à manutenção de privilégios e a favor das demandas dos fracos e oprimidos na sociedade. Isso parece sugerir uma intervenção política fundamental, para além dos limites da discussão partidária. Indica, também, uma forma de fazer e pensar a imprensa marcada pelo comprometimento com um projeto de mudança da sociedade, mais progressista e menos desigual.

Portanto, seria limitado defender que essa imprensa surgiu unicamente como uma reação de setores da sociedade suburbana ao estado de abandono em que se encontrava esses bairros, principalmente a partir das reformas urbanísticas que ganhavam força com a administração Pereira Passos. Os poucos estudiosos que utilizaram dessa imprensa para suas pesquisas, o fizeram explorando apenas alguns temas e conteúdos tratados em uma fração desse material, e acabaram concluindo que essa imprensa era toda voltada para a luta por melhoramentos urbanos. No entanto, a partir do reconhecimento da diversidade de iniciativas com imprensa nos bairros

---

<sup>137</sup> *O Santacruzense*, Ano I, Edição 6 de Maio de 1908. Grifo nosso.

suburbanos e a variedade de projetos articulados por meio deles, essa imagem não se sustenta.

Outra característica atribuída a esses periódicos que se propunham como “defensores dos interesses locais” ou da “zona suburbana” é o caráter limitado imposto pela natureza de suas demandas, o que evidenciaria certo provincianismo típico de quem vive em espaços marginais ao poder e à cidade. Como veremos a seguir, o encaminhamento de demandas locais muitas vezes estava inserido em lutas mais amplas, exemplarmente aferido nas críticas em relação à forma como a política era exercida, como também nos caminhos trilhados por indivíduos pertencentes ao movimento operário que enxergavam no envolvimento com a imprensa suburbana um meio de angariar apoio às suas demandas. A imprensa editada nos subúrbios, portanto, era um meio essencial que permitiu a visibilidade de indivíduos e projetos construídos cotidianamente nos espaços que conformavam esses pedaços da cidade do Rio de Janeiro.

### **CAPÍTULO 3: JORNALISMO SUBURBANO: ENTRE A LUTA PELO PROGRESSO E A SOLIDARIEDADE AOS FRACOS**

Dentre essas inúmeras experiências no campo jornalístico suburbano houve quem utilizasse a palavra em letra de fôrma para lutar por demandas populares, questionando o poder e a opressão vivenciada pela maioria da população pobre trabalhadora. Mas, qual a importância atribuída pelos jornais e revistas suburbanos à sua prática jornalística? Por que e para qual “missão” esses periódicos foram criados?

Neste capítulo, além de buscarmos responder essas questões, discutiremos como os periódicos e jornalistas se articularam nos e pelos subúrbios onde eram editados, acompanhando as motivações e articulações mais amplas de cada grupo de jornalistas. Outra intenção foi evidenciar quais jornais constituíram-se como “ingredientes” de demandas e lutas sociais coletivas travadas em diferentes localidades e zonas suburbanas, reconhecendo quais sujeitos e entidades eles instituíram nesse percurso. Por último, indaga em que medida eles pretenderam ampliar o espaço público ou participar da disputa pelo poder no interior de bairros e entidades.

Iniciaremos apresentando as diferentes perspectivas e objetivos que motivaram suburbanos a se tornarem jornalistas procurando os sentidos que atribuíram à prática do jornalismo nos subúrbios. Conforme já havíamos apresentado no primeiro capítulo, a grande maioria desses periódicos apresenta como sua razão de ser e existir a necessidade de defender, lutar e propugnar pelos “interesses das zonas suburbanas”. No entanto, há nuances e diferenças que precisam ser destacados, pois revelam intencionalidades que expressam laços de pertencimento e projetos políticos distintos que desnudam vínculos sócio-espaciais muitas vezes mascarados pelo discurso homogêneo de defesa dos subúrbios.

#### **3.1. Qual a *missão* de um jornal suburbano? Os significados da prática jornalística.**

As análises e reflexões sobre a importância e a necessidade de se manter um periódico nos subúrbios eram em sua maioria publicados nos artigos de apresentação das edições inaugurais, mas também era comum que em diferentes momentos de suas trajetórias jornalistas publicassem artigos enaltecendo o papel da imprensa. Isso, no entanto, não significava a ausência de críticas sobre a prática jornalística. Era comum a

publicação de artigos que traziam avaliações sobre a forma como os grandes diários faziam a cobertura dos subúrbios e dos modos de vida dos suburbanos mas, também, ao tipo de estratégia empregada por outros periódicos suburbanos para pressionar os governantes e também quanto ao comportamento daqueles que eram o público alvo desses jornais e revistas, os leitores suburbanos. Veremos porque mais adiante.

Para muitos suburbanos, o estreito vínculo com a localidade ou a zona suburbana onde se vivia e o desejo de transformar aqueles espaços, torná-lo mais digno e mais condizente com a vida urbana, era um fator determinante para a decisão de criar um periódico. Para os responsáveis pelo *Jornal Suburbano* o interesse em criar e fazer um jornal se explicava pelo desejo de “(...) *elevant e engrandecer a zona suburbana, especialmente a abandonada freguesia de Irajá (...)*”<sup>138</sup>, conforme anunciaram aos leitores no artigo de apresentação. Residentes em Madureira, o advogado e diretor da folha Victorino Tosta e os secretários J. Cardoso e Henrique Dias da Cruz se apresentaram nesse artigo como jornalistas roceiros, possível referência ao fato de que a freguesia de Irajá localizava-se na divisa com o Estado do Rio, logo, mais distante do Centro e por ainda abrigar espaços destinados para a produção agrícola. Preocuparam-se, também, em esclarecer aos leitores que a empresa jornalística por eles criada naquele momento não seria uma mera e simples mercadoria posta à venda para a obtenção de lucro. Para eles, fazer jornal era bem mais que isso:

*De chapéu na mão*

*(...) Pobres, sem querermos mesmo obter grandes lucros da empresa que agora fundamos, reservamos o direito de dizer as cousas como as cousas são, sem peias do convencionalismo tacanho.*

***Resta-nos esse consolo ao menos, a nós que vamos combater seriamente para que alguém tome a serio a existência d’esta parte dos subúrbios – Irajá, e toda a zona que se divide com o Estado do Rio (...)***<sup>139</sup>

O que eles buscavam era tornar visível o cotidiano e as demandas da população da zona suburbana de Irajá frente aos poderes públicos, de maneira que o menosprezo e a invisibilidade das “cousas” e “existência” dessa *parte dos subúrbios* finalmente acabassem ou diminuíssem.

Para os idealizadores do jornal *O Suburbano* que se apresenta como *orgam dos interesses locais*, o sentido da prática jornalística estava em garantir a transformação

---

<sup>138</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, edição 28 de Junho de 1911, 1911, p.1.

<sup>139</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, edição 28 de Junho de 1911, 1911, p.1. Grifo nosso.

material da Ilha do Governador. Através do artigo de apresentação, o jornal deixava evidente que uma de suas funções seria pedir a atenção dos poderes públicos para as necessidades de *toda a população insulana*:

*(...) Tratar do progresso da Ilha do Governador, pedir a atenção dos poderes competentes para suas necessidades, ser enfim um órgão dos interesses de toda a população insulana que, pode-se dizer, luta presentemente com todas as dificuldades; \_ eis o seu fim, que julgamos muito nobre e muito suficiente para sua sustentação. Afastada assim a política local, espera O Suburbano ser um jornal que, pela sua imparcialidade, mereça a aceitação de todos (...)*<sup>140</sup>

Assim como os jornais diários, *O Suburbano* procurava construir uma imagem de *imparcialidade* alardeando seu pretense afastamento da *política local* para poder conquistar a *aceitação* e apoio não só de toda a população insulana mas, também, dos *poderes competentes* aos quais pediria atenção aos problemas locais.

Já o ex-funcionário das *Oficinas da Estrada de Ferro Central do Brasil*, Ernesto Nogueirol, ao fundar o seu jornal, *O Echo Suburbano*, tornou público, através do artigo de apresentação publicado na primeira edição, o seu “(...) desejo de trabalhar pelo engrandecimento e prosperidade d’esta zona suburbana (...)”<sup>141</sup>. Ele se referia ao subúrbio da Central, e mais especialmente para a localidade onde residia e trabalhava: o Engenho de Dentro, onde estavam instaladas as oficinas da estrada de ferro:

*O subúrbios desta Capital de há muito se resentem da falta de quem advogue os seus interesses – sempre desprezado por aqueles que só se lembram dos seus habitantes em certos e determinadas epochas, esquecendo-se logo no dia seguinte do bem estar dos que os elevaram ao poder (...)*<sup>142</sup>

Para o diretor-proprietário do jornal, a falta de empenho e o desprezo pelas condições em que viviam os suburbanos pelos detentores de poder, que ali só apareceriam em época de eleições, era um motivo legítimo para a criação de um jornal no subúrbio. Neste caso, o jornal pretende ser um advogado dos interesses dos habitantes dos subúrbios, falar em seu nome e mediar as relações com os representantes do poder visando obter mais *prosperidade* para o Engenho de Dentro, mas sem questionar a forma de obtenção desse poder.

---

<sup>140</sup> *O Suburbano: orgam dos interesses locaes*, Ilha do Governador, edição 1 de Março de 1900, p.1. Grifo nosso.

<sup>141</sup> *O Echo Suburbano*, Engenho de Dentro, edição 3 de Agosto de 1901, p.1.

<sup>142</sup> *O Echo Suburbano*, Engenho de Dentro, edição 3 de Agosto de 1901, p.1.

Entre os responsáveis pelo *O Santacruzense* o sentido da prática jornalística estava associado tanto à defesa das necessidades materiais do distrito de Santa Cruz quanto para a obtenção da instrução para o “povo”. Através do artigo de apresentação, o jornal enaltece o papel da imprensa na sociedade, ressalta o poder e a influência de sua ação, vista como a “*artilharia do pensamento*”, e a vislumbra como o meio capaz de obter o desenvolvimento que Santa Cruz necessitava através da pressão junto aos poderes federal e municipal.

#### *A Nossa Missão*

***Santa Cruz precisava de quem defendesse-lhe as necessidades materiaes em letra de fôrma, de modo que os seus clamores fossem ouvidos, tivessem echo e como a imprensa constitui, por mais que se falle mal della, uma força poderosíssima, capaz de vencer todos os obstáculos e por ser na phrase de ROCHEFORD “a artilharia do pensamento”, é que resolvemos nos apresentar, abroquelados de que obteremos para o seu desenvolvimento e para as suas necessidades, tudo quanto podemos alcançar aos poderes federais e municipaes.***

*Seremos pela felicidade e tranqüilidade da zona de Santa Cruz e seus vizinhos, e nesse sentido quebraremos lanças, esgotaremos as nossas energias para a obtenção da instrução do povo, de meios práticos para que elle possa ter civismo, ser digno, tornar-se senhor de seus direitos, ser útil a si mesmo e capacitar-se de que a Pátria para ser grande, deve ter filhos que conheçam os seus direitos, as suas prerrogativas. A nossa missão, pois, na vida que vamos adoptar, é cuidar dos interesses locaes e defendel-os arduosamente, até o ponto de obtermos tudo (...)*<sup>143</sup>

Também neste caso o jornalismo é encarado como canal para intermediar relações com os *poderes federais e municipaes* e para encaminhar e fazer ouvir os *clamores da zona de Santa Cruz e seus vizinhos*.

Além desses, outros periódicos justificaram sua criação especialmente em nome da defesa dos interesses de zonas ou distritos específicos dos subúrbios: *O Santa Cruz: Órgão de Propaganda do Tiro de Santa Cruz*, conforme o seu subtítulo indica, era um órgão de propaganda de uma entidade militar mantida no distrito e, como vimos, também foi um instrumento para os interesses político-partidários de uma família poderosa na região e, em particular, de um de seus membros em campanha por uma vaga no Conselho Municipal; *O Suburbano*, órgão católico dirigido por Esdras de Moura Magalhães, voltado a propugnar pelos interesses da freguesia de Inhaúma; e *O São Christóvão*, dirigido por Carlos Taveira, criado para “engrandecer” o bairro de São Cristóvão.

---

<sup>143</sup> *O Santacruzense*, Santa Cruz, edição 4 de Outubro de 1908, p.1. Grifo nosso. O jornal foi fundado tendo como diretor João Alves, agente dos Correios em Santa Cruz, e como secretário o acadêmico Oscar Pimentel.

Outros periódicos, por sua vez, foram criados a partir do desejo dos seus idealizadores de defender e representar todos os subúrbios. Entre os responsáveis pela *Gazeta Suburbana*, criada em 1883 em Todos os Santos, o sentido da prática jornalística não residia somente no interesse de se constituir como o “advogado” dos arrabaldes, mas também na intenção de instruir e recrear aquela população, de forma independente e despretenciosa, conforme anunciado em artigo publicado em sua primeira edição:

*Com Licença*

*Illustres campeões do vasto, floreo e espinhoso campo da imprensa, e vós, ó povo, especialmente arrabaldino.*

*Eis-nos em vossa presença, de chapéu na mão esquerda, cabeça curvada e braço direito estendido, apresentando-vos a Gazeta Suburbana : - **tentamen jornalístico recreativo, despretencioso, inconventionalista e, por isso mesmo, independente, verdadeiro e sem compromissos.***

*Redigida por tres exquisitões, notabilidades roceiras, quasi coronéis da prisca guarda nacional; litteratos de 3 classe, ainda fóra do instittuto historico, e jornalistas a gancho....como muitos outros, é ella destinada a, tanto quanto possivel lhe seja, recreiar, instruir e advogar os interesses suburbanos, noticiando factos e pedindo melhoramentos.(...)*

144

A forma como os “*tres exquisitões*”, que preferiram não se identificar, se apresentaram aos leitores – *litteratos de 3 classe* e *jornalistas a gancho* – no momento em que se iniciavam no meio jornalístico são credenciais às avessas, afirmando a ausência de qualificações ou reconhecimento para a tarefa – *quasi coronéis, ainda fóra do instittuto historico*. Talvez ironizassem (e antecipassem), prováveis desqualificações dos *illustres campeões* do *floreo e espinhoso campo da imprensa* onde ousavam penetrar. De toda forma, eles definem para a folha a tarefa de advogar pelos arrabaldes, “pedindo” melhoramentos para aqueles suburbanos, demonstrando um tom conciliador e a pouca disposição para o envolvimento em disputas mais acirradas.

Para outros, no entanto, o mesmo objetivo de advogar melhoramentos para os subúrbios, adquiria um significado de disputa e conflito que revela o quão difícil para eles poderia ser o alcance desse objetivo. Ao (re)fundarem o jornal *Gazeta Suburbana* na localidade de Todos os Santos, em 1910, o presidente da *Associação Charitas*, Ernesto Mattoso, e seus colegas J. Luiz Anesi e Alcebíades Mello assumiram o compromisso de trabalhar pelos subúrbios de maneira que as tão desejadas reformas de “melhoramentos” urbanos chegassem até aqueles espaços. Essa era a finalidade do

---

<sup>144</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 15 de Dezembro de 1883, p.1. Grifo nosso.

jornal e as palavras empregadas no artigo de apresentação, tais como “empenho”, “sinceridade”, “energia”, “ação” e “justiça” reforçam e indicam o caminho e o rumo que o jornal buscava trilhar em sua caminhada.

*Nosso Rumo*

*(...) A Gazeta Suburbana surge hoje para trabalhar pelos subúrbios. Eis o nosso fim: conseguirmos para os subúrbios os melhoramentos e as reformas necessárias. Podem e devem contar com o dedicado empenho desta redacção, os que têm moradia e interesses nesta zona do Districto Federal, certos de que a sinceridade nos movimentará a energia na acção e a justiça na analyse (...)*<sup>145</sup>

A intenção de produzir um periódico engajado na busca pela transformação dos subúrbios também norteou a prática jornalística do *Echo Suburbano*, de Madureira. Em 1911, um ano após a fundação do jornal, o proprietário da folha, o advogado J. Cardoso convidou o jornalista e militante operário Pinto Machado para dirigir o seu periódico. Assim que assumiu a direção e a função de redator em julho de 1911, o jornalista publicou um artigo em primeira página, intitulado *Novo Rumo*, refletindo sobre as alterações no papel do jornal a partir daquele momento:

*(...) Jornal que se publica nos suburbios, que cogita do bem estar dos suburbanos, tinhamos uma vez convidados, a obrigação de acceder.*

*Cá estamos pois na estacada.*

*A nossa passagem por este posto, será uma missão de combate. Não temos outro intuito sinão dizer a verdade, sinão dizer as cousas como ellas são, sem obediencias passivas, sem que nos obrigue a calar.*

*A verdade antes de tudo.*

*N’uma época em que tudo parece atacado da mania de “muito elevar” ou muito “criticar”, o nosso modo de ver mudará por completo, por que não nos sujeitaremos a essas normas de achar tudo bom, onde estiver o mal; ou, de achar tudo máo, onde houver a parte boa e sã.*

*A estagnação não vae bem com a nossa vontade. Nascemos para a lucta, é em combates que nos sentimos á vontade, que nos creamos como que alma nova, vontade cada vez mais de luctar e vencer. (...)*

*Não somos desconhecidos na defeza da zona suburbana, e d’aqui em diante, novamente garantimos fazer o que até hoje temos feito – “tudo pelos suburbios”!*<sup>146</sup>

A sua missão à frente do jornal vinha respaldada pela experiência acumulada como diretor de uma organização operária - *União Operaria do Engenho de Dentro* - e também como redator da seção suburbana do diário *A Tribuna*, e colaborar d’*O Subúrbio*. Aos 33 anos o jornalista era responsável, pelo menos desde 1907, por um dos

<sup>145</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 8 de Setembro de 1910, p.1. Grifo nosso.

<sup>146</sup> *Echo Suburbano*, Madureira, edição 31 de julho de 1911. Grifo nosso.



maiores espaços destinados aos interesses dos subúrbios, e dos suburbanos, na imprensa diária da capital. Talvez por conta da experiência acumulada, ou por sua atuação no movimento de trabalhadores, fosse possível a Pinto Machado definir novo rumo ao jornal suburbano assumido como uma verdadeira “*missão de combate*” em prol da zona suburbana.

Os jornalistas da *Revista Suburbana* também se arrogavam uma missão enquanto jornalistas. Vislumbrando a imprensa como um meio de comunicação que abre portas à civilização e ao progresso, afirmavam empregar todos os esforços para desenvolver materialmente os subúrbios.

#### *O Nosso Rumo*

*Danças ao vórtice da publicidade um órgão ilustrado da natureza da “Revista Suburbana”, não é coisa de somenos importância.*

*Todavia, é como se abrissemos para intérminos horizontes uma nova porta à luz, à civilização e ao progresso. (...)*

*Nada os demoverá, nada os perturbará ou os vencerá, enquanto a sua missão revestir-se da solemnidade de um sacrifício, afastando-os do envolvente contacto das pestilências impurezas da politicagem suburbana. (...)*

*Para tentar essa integridade de vida em todas as suas relações de objectividade, a vossa “Revista” não regateará, em continuada campanha, esforços de natureza regional, que venham interessar, incrementando, o desenvolvimento material e progresso suburbano.*<sup>147</sup>

Assim como outros jornais locais, esta revista também declarou sua intenção de manter-se afastada da política mas, ao contrário dos demais, definiu mais claramente sua recusa não à política mas ao *envolvente contacto da politicagem suburbana*. Ou seja, pareciam recusar um modo específico de fazer política para tentar afirmar a *integridade de vida*.

Essa postura de aparente independência em relação a partidos e políticos, muitas vezes rendia elogios de colaboradores, como fez alguém que assinou apenas H.H, em artigo publicado N’ *O Echo Suburbano* cujo conteúdo trazia uma reflexão sobre a importância de se manter um jornal em um bairro tão populoso como o Engenho de Dentro.

*(...) Do artigo com que o apresentou ao publico o seu director, se infere ainda que o “Echo Suburbano” nada quer da politica. A nosso vêr, essa declaração positiva e cathegorica basta para elevá-lo no conceito do publico, cuja causa tanto mais sinceramente defenderá, quanto não estiver subordinado ao sempre intolerante espirito de partido.*

*Um jornal, num bairro tão populoso como o nosso e ao mesmo tempo tão infeliz, pela costumada incuria com que em nosso paiz são tratados os publicos negocios, representa*

---

<sup>147</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 20 de Agosto de 1922, pp.3-4. Grifo nosso.

*palpitante e indeclinável necessidade, porque, embora nada lhe seja dado conseguir dos que governam, ao menos, apontar-lhes-ha com franqueza os erros e abusos que praticarem*  
(...) <sup>148</sup>

Para o autor do artigo, o jornal era necessário para dar visibilidade aos interesses da população de Engenho de Dentro e apontar os erros cometidos pelos governantes e não para se envolver em disputas políticas. Essa postura, evidentemente, não era aceita por todos os jornalistas suburbanos, como vimos no capítulo anterior. Para jornais como *Echo Suburbano*, *O Subúrbio*, *O Santa Cruz*, por exemplo, era estratégico trabalhar para a eleição de políticos com base eleitoral nos subúrbios. Para o advogado e jornalista republicano Raphael Henriques, o sentido da prática jornalística estava fundamentalmente vinculado aos seus interesses de modificar a prática política corrupta e alheia aos interesses do povo que, segundo ele, predominava no período da Primeira República. Os dois jornais criados por ele nos subúrbios, *O Pequeno Pharol: semanário suburbano* e *Tribuna Suburbana* tinham como interesse, além da defesa dos interesses suburbanos, assumir posição frente a debates e disputas travados a nível federal. O primeiro encampou a defesa da reforma da Constituição Federal, formando fileira no movimento revisionista.

#### *A Nossa Folha*

*(...) Não é de hoje que nos batemos pela idéia salvadora da revisão. A 3 de março de 1904 publicávamos em S. Paulo “A Revisão”, semanario que ficou bastante conhecido em todos os estados da União.*

*Nos animamos em ver a corrente revisionista como se avoluma dia a dia! (...)*

***Os nossos homens de estado não podem actuar, no sentido de conter a corrente da opinião, mormente nestes últimos tempos que ella acha-se desgostosa, offendida em sua liberdade, e que só encontra a salvação da Pátria e a punição dos que lhe roubam assassinando a Republica, atraves da reforma da Constituição.***

***O contrario é ignorar a historia dos povos, cujos governos vêm-se sempre obrigados a retroceder impellidos pela vontade predominante da opinião.***

***Teremos por objectivo a revisão constitucional, patrocinar os interesses do povo e trabalhar pelo desenvolvimento material e intellectual da zona suburbana.***

*Eis o nosso caminho a seguir no jornalismo e pretendemos cumprir fiel e modestamente o nosso programma.* <sup>149</sup>

O segundo trabalhou ativamente para a eleição do candidato Ruy Barbosa no pleito presidencial realizado em 1910. O apoio do jornal à campanha civilista veio acompanhado de análises que denunciavam a forma como o governo do presidente Nilo Peçanha esmagava os opositores do governo nos estados. Esse inconformismo com os

<sup>148</sup> *O Echo Suburbano*, Engenho de Dentro, edição 10 de Agosto de 1901, p.1. Grifo nosso.

<sup>149</sup> *O Pequeno Pharol*, Piedade, edição 22 de Dezembro de 1904, p.1. Grifo nosso.

rumos da política nacional e a denúncia eram os motivos que moviam a prática jornalística de Raphael Henriques.

Para outros, porém, fazer jornal nos subúrbios significava trabalhar pelos interesses de um grupo social específico. Foi isso que motivou Luiz José de Vasconcellos, Augusto Pinto da Costa e Manoel Marques Balbino a fundarem um jornal voltado especialmente para a defesa dos interesses dos comerciantes suburbanos. Em 1902 o jornal *Progresso Suburbano* declarava em seu título e no editorial de apresentação, o seu desejo de propagandear os estabelecimentos comerciais instalados nos subúrbios para que estes se desenvolvessem e se nivelassem àqueles existentes no centro comercial.

#### *O Progresso Suburbano*

*É desnecessario descrever o nosso programma. O nosso titulo dispensa-nos deste trabalho, porque exprime de maneira cabal qual o compromisso e responsabilidade que assumimos.(...)*

***O Progresso Suburbano vem pugnar pelos interesses da população dos suburbios, dará o grito de alarma todas as vezes que fôr necessario para despertar as nossas autoridades e pô-las alerta.***

***Procuraremos por meio de publicações, tornar bem conhecido o nosso commercio suburbano, afim de lhe dar maior impulso e desenvolvimento para que possa nivelar-se do centro commercial.***

***Eis o nosso programma.***

*Procuraremos desempenhal-o cabalmente, assim cooperando para o progresso e desenvolvimento dos suburbios e engrandecimento da Pátria, nosso abençoado torrão. Não trataremos de política; procuraremos deleitar nossos leitores com boas poesias, contos amenos, sciencias, litteratura e diversões.<sup>150</sup>*

O jornalista Manoel Marques Balbino posteriormente lançaria o seu próprio jornal, o *Commercio Suburbano: tudo pelo povo*. Ao refletir sobre o papel da imprensa na sociedade através de artigo publicado na edição inaugural, o proprietário foi mais um jornalista a associar a imprensa ao progresso. Para ele, era a imprensa que noticiava ao mundo os avanços desenvolvidos na ciência, nas técnicas empregadas pelas indústrias e no mundo das letras. Logo, como a presença do comércio era visto como um sinal de progresso, nada mais natural do que a criação de periódicos “consagrados” a essa atividade e seus homens de negócios.<sup>151</sup>

O apoio às diferentes iniciativas particulares, privadas e filantrópicas, desenvolvidas nos subúrbios sem dúvida alguma norteou o trabalho jornalístico de vários periódicos suburbanos. Infelizmente, as poucas edições disponíveis para consulta

<sup>150</sup> *Progresso Suburbano*, Piedade, edição 2 de Março de 1902, p.1. Grifo nosso.

<sup>151</sup> *Commercio Suburbano*, Piedade, edição 15 de Maio de 1902, p.1.

nos impedem, muitas vezes, de avançar no sentido de avaliarmos de que maneira se materializava esse desejo de defender e propugnar os interesses dos subúrbios. A exceção a essa regra são os jornais *Gazeta Suburbana* e *O Subúrbio*. Ambos foram publicados durante um longo período por conta do bom desempenho comercial (eram procurados por muitos anunciantes) e talvez por isso mesmo tenhamos um número mais significativo de exemplares preservados e disponíveis para consulta. A preservação da edição comemorativa de um ano do jornal *O Subúrbio* nos permite acompanhar a auto-avaliação que a folha fez do seu trabalho e para que ou para quem o jornal propunha trabalhar:

*Uma Data e uma Victoria*

***“O Suburbio” tem a certeza que não desmereceu do apoio dos suburbanos, dos que habitam as longas terras do Districto Federal, porque executou com fidelidade o seu programma de pugnar pela hegemonia das zonas suburbanas, pela supremacia de seus direitos sobre a Cidade, pelo muito que concorre para o desenvolvimento do Districto.***  
*Nas suas columnas “O suburbio”, neste afanoso anno de existencia tratou da falta d’agua, de calçamento, de luz, de hygiene, de policia, de instrucção e de locomoção; foi esforçada sentinella para que o operario fosse considerado digno da communhão social, defendendo-lhe os seus direitos e os seus interesses calcados (...)*  
*pediu, com sinceridade e espontaneidade, em varios tons, o pão espiritual para as creanças entregues ao abandono, pugnando pela instrucção primaria tão somiticamente distribuida nas zonas suburbanas; clamou, com a sua voz debil, mas sonóra e clara, pelo desenvolvimento da pequena lavoura e solicitou a criação de favores especiaes para o lavrador que se vê de braços com a carestia de meios de transporte, pedindo aos poderes da municipalidade leis especiaes de protecção, censurando o modo exagerado, iniquo e sem criterio, dos fretes; foi, é e será o écho dos pequenos e dos fracos e contra a prepotência dos fortes; solicitou apoio para a iniciativa particular, o apoio dos governos federal e municipal.(...) <sup>152</sup>*

Para a folha do Méier dirigida por Xavier Pinheiro, o seu programa de *pugnar pela hegemonia das zonas suburbanas frente à Cidade* foi realizado com sucesso. Isso teria sido por abordar assuntos que afetavam a vida da população suburbana, noticiando e cobrando das autoridades públicas a solução para inúmeras deficiências materiais denunciadas pelos leitores (falta de água, de calçamento, de polícia, de transporte e instrução), defendendo os direitos dos operários, solicitando ajuda para as crianças pobres e para maiores investimentos na educação primária, dando espaço para os anseios dos agricultores. Fosse apenas exercício de retórica, o fato é que este jornal se coloca como *o écho da voz dos pequenos e dos fracos e contra a prepotência dos fortes*, disposto a cobrar das autoridades auxílio àqueles que mantinham negócios particulares. Ou seja, a despeito de o jornal manter diversas seções recreativas (literárias, históricas,

---

<sup>152</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 6 de Julho de 1908, p.1. Grifo nosso.

de humor, esportivas), o que lhe garantia respeito e credibilidade frente aos leitores seria o seu direcionamento para a busca de soluções para os problemas urbanos enfrentados pelos diversos grupos que compunham a sociedade suburbana.

Muitas vezes, os próprios leitores e/ou colaboradores se posicionavam frente às estratégias empregadas pelos jornais para conseguir os melhoramentos urbanos. Em artigo publicado na seção *Actos e Factos*, o colaborador do *O Santacruzense*, que usa o pseudônimo de *Jac*, aconselhou a folha de Santa Cruz a não se limitar a noticiar os problemas do distrito. Era necessário ir além:

*Actos e Factos*

(...) *Ou se diz a verdade e um jornal em Santa Cruz é um objetivo de utilidade, ou desperdiça-se o precioso tempo reclamando aplaudindo protestando condemnando sem resultado algum.*(...)

***Seria irrisório berrar dentro de nossa casa*** (...) *isso não passaria das quatro paredes de nossa habitação. Arrisco pois um conselho: Remeter-se, por qualquer preço ou mesmo sem preço, um exemplar d'O Santacruzense para as auctoridades no Rio, sempre que houvesse facilidade disso, mormente quando houvesse sollicitações em proveito deste lugar. Assim, seria expedido um jornal para o arcebispo e assim para todos.*<sup>153</sup>

Para ele, um jornal produzido em Santa Cruz não poderia perder tempo apenas reclamando, aplaudindo ou protestando. Era preciso que as demandas apresentadas pela população fossem levadas para fora do distrito, para aqueles que realmente tivessem o poder de solucionar os problemas. Por isso, sugere ao jornal que envie suas edições para as autoridades estabelecidas no Rio, ou seja, aos ocupantes dos órgãos da administração pública instalados na área central da capital. Para *Jac* esse era o sentido que deveria nortear a prática jornalística de um órgão de imprensa voltado para a defesa dos interesses locais. Além de dizer a verdade e não ter medo dela....

Buscando se diferenciar dos jornais diários que mantinham seções sobre os subúrbios, o jornal *Gazeta Suburbana: semanário critico, litterario, dedicado aos interesses da zona suburbana* publicou um artigo em sua segunda edição que afirmava a enorme inutilidade dessas seções.

*Em ar de conversa*

*Quasi todos os nossos jornais mantém uma secção suburbana, destinada aos interesses desta infeliz zona. Quem lê a tal secção notará logo a mais completa uniformidade: em geral é sempre isto: “e os moradores da rua tal... reclamam contra a falta de capinação”; ou então: “chamamos a atenção do delegado do districto contra a vagabundagem que se reúne todas as noites, na esquina da rua...”. E, ocupando um longo espaço, vem logo uma notícia de anniversario ou casamento, com o nome de todas as senhoritas presentes ao baile ou ao jantar.*

---

<sup>153</sup> *O Santacruzense*, Santa Cruz, edição 11 de Outubro de 1908, p.3. Grifo nosso.

***Qual é o resultado de tudo isso?***

***Ainda estou para ver. Quem deveria lê as taes secções finge não ter tempo.***

***Há tempos resolvi reclamar contra o estado da rua onde eu morava: mandei uma carta muito comprida para o redactor da secção suburbana de um de nossos diários, o illustre redactor resumiu minha carta em duas linhas; escrevi outra e o mesmo jornal na secção Correspondência respondeu: “Sr. F...já tomamos conhecimento da sua reclamação”. Julga o leitor que alguém tomou providencias?***

***A rua continua no mesmo estado ou talvez, peor, e nos dias de chuva sou obrigado a alugar um bote para poder sahir de casa (...)***<sup>154</sup>

O autor do artigo demonstra extrema insatisfação com o perfil das seções suburbanas produzidas pelos jornais diários da cidade. Ele critica o modelo uniforme que as estruturavam, baseadas na publicação de cartas “resumidas” dos leitores com “reclamações” diversas e no excesso de espaço destinado a noticiar eventos sociais como festas de aniversário e casamentos. A crítica à forma como essas seções eram editadas não expressa apenas sua visão como leitor dos diários, mas também na sua própria experiência como leitor-reclamante. O articulista relata que após o envio de uma extensa carta denunciando o estado de sua rua ao redator de uma dessas seções (o nome do jornal não é publicado), o conteúdo publicado se resumiu a míseras duas linhas. Como não houve a solução do seu problema, o jornalista questionou a real função daquela (e de outras) seção suburbana. Ou seja, se era apenas para abrir espaço à reclamação ou demandas ou noticiar acontecimentos sociais, para ser um mero conteúdo destinado a preencher espaços, o sentido maior dessas seções perdiam o seu significado.

Evidente que a publicação de um artigo desse tipo na primeira página de um jornal recém criado como a *Gazeta Suburbana* tinha a função de mostrar aos leitores que esta falta de empenho e compromisso de um jornal diário publicado no centro da cidade, não seria a prática de um jornal suburbano. Ou seja, sua fala é um indício de uma disputa sobre quem teria legitimidade para defender os suburbanos - os jornalistas, que mesmo residentes nos subúrbios, trabalhavam para os periódicos da ‘grande’ imprensa, talvez controlados por uma chefia de redação com poder de determinar o tipo de abordagem e o espaço destinado à seção suburbana ou os jornais e jornalistas suburbanos, que através dos seus periódicos determinariam a melhor maneira de abordar os assuntos?

A mesma intenção de se diferenciar dos jornais diários levou o responsável pela seção *Pelos Subúrbios* da *Revista Suburbana*, Sálvio Dias, a comparar o trabalho

---

<sup>154</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 15 de Setembro de 1910, p.1. Grifo nosso.

desempenhado pelos periódicos suburbanos com o tipo de cobertura sobre os subúrbios realizado pelas empresas jornalísticas que mantinham os jornais diários da capital.

*Pelos Suburbios*

***A imprensa na zona suburbana, continua a bater-se na legítima defesa dos interesses locais. Embora modesta, não sabe deter-se, nem mesmo permitida por dificuldades inúmeras, quase insuperáveis.***

*Impavida, sem vacillações, segue sua róta. Clamando sempre contra a desídia administrativa, guiada por sentimentos nobres e elevadas aspirações.(...)*

*Como prova disso, além d'A Tesoura, d'O Suburbano, da Gazeta Suburbana, do Monitor Suburbano e do Echo Suburbano, periódicos que se alteiam, conquistando sympatias, temos agora também a Revista Suburbana (...)*

*É um facto auspicioso que exalta os ânimos e merecer animadoras referências.*

***Pois, a imprensa, onde quer que levante a sua tenda, é uma força dominante, um aumento de vida e de progresso.***

***As idéias que aborda cedo ou tarde triumpham.***

*Enquanto, porém, assim age, como obreira do futuro, um facto que há muitos talvez, passe despercebido, prende nossa atenção.*

*Por conveniências diversas, fóra do perímetro urbano grande parte dos nossos jornalistas tem a sua residência; em localidades afastadas do centro (...)*

***Os jornalistas que moram nesta (...) zona, aproximados por interesses comum, quando não fosse por instinto de conservação, deveriam, portanto, em pensamento unidos e com vencedor esforço, despertar os legisladores e governantes municipais...***

*É necessário que essa gente acorde e faça alguma cousa em prol, ao menos, dos mais urgentes melhoramentos materiais suburbanos. Os outros virão depois.*<sup>155</sup>

Se para o jornalista Sálvio Dias a imprensa como um todo era uma “força dominante”, um verdadeiro símbolo do progresso, ao se voltar para a análise das práticas jornalísticas desempenhadas na cidade, o articulista vislumbra duas formas distintas de tratar e noticiar sobre os subúrbios. Os periódicos suburbanos, apesar das inúmeras limitações e dificuldades para a sua sustentação, são retratados como veículos comprometidos com a defesa dos interesses locais, sempre a postos para denunciar os erros e omissões dos governantes. São aqueles que se perfilariam pelos subúrbios, ao lado de seus moradores e em defesa de suas causas e necessidades.

Do outro lado, segundo o jornalista, estavam os jornais diários da cidade, que, com exceção do tipo de abordagem feito pela seção suburbana do jornal *O Paiz*, fariam uma cobertura sobre os subúrbios marcada pela publicação de matérias empolgantes e sensacionalistas, exemplificado pelo enorme interesse desses jornais em publicar matérias policiais. Esse tipo de jornalismo o incomodava, especialmente porque a grande maioria dos jornalistas da capital mantinha residência nos subúrbios. O fato de habitarem os mesmos espaços marginalizados da cidade deveria, segundo o jornalista da

---

<sup>155</sup> *Revista Suburbana*, Engenho Novo, edição 15 de Setembro de 1918, p.2. Grifo nosso.

*Revista Suburbana*, ser a razão mais que suficiente para que todos os jornalistas, independente do órgão de imprensa em que trabalhavam, se unissem para “despertar” os legisladores e os governantes municipais. Enfim, propunha uma ação conjunta de todos os jornalistas que moravam naqueles bairros e que tinham *interesses comuns* para reclamar os *urgentes melhoramentos materiais suburbanos*. Esse era o sentido que o jornalista Sálvio Dias conferia a sua prática. Era para isso que ele era jornalista.

A postura da *Gazeta Suburbana*, no entanto, difere das avaliações anteriores porque indica os dissensos entre jornalistas nos subúrbios, criticando o tipo de jornalismo praticado pela própria imprensa suburbana. Em virulento artigo publicado na primeira página, o jornal acusou estas folhas de não praticarem o que seria a verdadeira missão do jornalismo:

*A Nossa Missão*

***A missão do jornalista, por mais modesto que seja, é orientar a opinião pública dentro da ordem e da lei, ou melhor, do ritual da verdade, collocando acima dos seus próprios interesses geraes do publico para quem escreve (...)***

*Aos hebdomadários suburbanos, com as suas trajectorias de cometas, os seus perniciosos facciosismos e as suas inequívocas inclinações pessoaes, difficil se torna amoldar a existência aos princípios igualitários das reivindicações sociaes e raro é depararmos com um semanário onde não se acuse uma boa dose de personalismo egoísta. Oriundos do ferrenho autoritarismo do capital amontoado geralmente estes jornaes surgem à luz da publicidade immersos em alimentícias **verbas proteccionistas**, que são todo o programma e norteio da orientação futura e que obrigam a Penna que os treceja a (?) toda a sua acção à volta de individualidades vulgares que aneiam ver-lhe dirigido todo o vocabulário (...)*

*É assim que nós vemos a missão jornalística transformar-se em **operação financeira** e vemos os jornalistas fazer tirocínio junto aos cofres dos capitalistas a quem bajulam e a quem dedicam a sua trajectoria no mundo das letras (...)*

*Theocríto*<sup>156</sup>

Defendendo-se atrás de um pseudônimo, a folha do Méier defendia uma missão para o jornalista: orientar a opinião pública colocando o interesse público como objetivo e fim; mesmo que para isso fosse necessário muitas vezes se chocar com os interesses do público leitor, ou dos que financiavam a produção dos jornais por meio de publicidade. Jornalistas jamais poderiam permitir que os seus interesses individuais viessem a prevalecer sobre as *reivindicações sociaes*, ainda mais se estes interesses envolvessem ganhos financeiros. O jornal acusa alguns semanários suburbanos de agirem como cometas em ascensão, transformando-se em veículos visceralmente dependentes e vinculados aos interesses do capital e dos capitalistas locais. Os

---

<sup>156</sup> *Gazeta Suburbana*, Méier, edição 12 de Abril de 1919, p.1. Grifo nosso. Nesse período o jornal era dirigido por Manfredo Liberal e contava com a colaboração de José Roberto Vieira de Mello.



programas desses semanários seriam direcionados para o atendimento dos interesses daqueles que os sustentavam com as verbas publicitárias. Esse tipo de jornalismo, transformado em mera *operação financeira*, descompromissado dos interesses coletivos, parece ser diferente do programa definido pelos responsáveis pela *Gazeta Suburbana*, que defendiam uma prática jornalística independente das *verbas proteccionistas* e do *autoritarismo do capital*.

Ainda na primeira década do século, a *Revista Suburbana* que se definia como um *órgão independente, ilustrado e de interesse geral* já acusava a existência de periódicos suburbanos criados tão somente com esse intuito mercantil. Seus financiadores são retratados como pessoas “*pouco escrupulosas*” que enganavam os comerciantes e industriais vendendo assinaturas e espaços para anúncios em jornais de vida efêmera.

#### *Satisfação*

*(...) Não obstante os esforços empregados para garantir a durabilidade da presente Revista, os directores-proprietarios desta e da Empresa Typographica Suburbana que a edita, - devido, talvez, á exploração de que têm sido victimas os comerciantes, industriaes, e profissionaes da zona, por parte de pessoas velhacas ou pouco escrupulosas, que sempre procuraram enganar-os com pedidos de assinaturas e annuncios para jornaes de vida ephemera ou de suppostos periodicos, extorquindo-lhes assim diversas quantias, - luctaram, como era de se esperar, com innumeradas difficuldades para installar sua nova tenda de trabalho no futuro e já prospero logar do Meyer. Essas difficuldades foram vencidas e a prevenção, que dominava o espirito publico, desapareceu por completo (...)*

*Aquelles que, com razão prevenidos, se mostravam indifferentes a tão util emprehendimento, já dissiparam todas as duvidas e desconfianças e applaudem hoje nossas idéas, contribuindo com os seus auxilios espontaneos para consolidar, cada vez mais, a Empresa Typographica Suburbana, amparando, dest’arte o orgão que vae ser o vehiculo da garantia e defeza de um povo laborioso, o iniciador a propagandista acerrimo da verdadeira e merecida emnapição dos suburbios do Districto Federal.*<sup>157</sup>

Buscando se diferenciar destes veículos irregulares e sem propósito, o artigo de apresentação destacava a intenção da revista do Méier de se constituir como um duradouro órgão de imprensa voltado para a defesa dos interesses dos suburbanos. Defender o povo suburbano significava iniciar uma campanha voltada a defender a “merecida” emancipação dos subúrbios do Distrito Federal.

O que esses indícios demonstram é que a prática jornalística nos subúrbios não era semelhante. Mesmo se a criação dos periódicos suburbanos esteve vinculada em sua maioria ao interesse de indivíduos e grupos da sociedade suburbana de transformar a

---

<sup>157</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 16 de Maio de 1906, pp.1-2. Existe apenas esta edição disponível para consulta, portanto, não sabemos se a intenção da revista de permanecer circulando por um longo período logrou êxito. A falta de citações entre os demais periódicos suburbanos indicam que a revista pode não ter circulado por muito tempo.

forma como as instituições públicas tratavam os subúrbios, a maneira como isso foi feito e o tipo de encaminhamento e direcionamento adotado pelos periódicos revelaram diferentes maneiras de entender o jornalismo entre os suburbanos. Por isso mesmo, é necessário avançarmos a discussão para apresentar aqueles periódicos que questionaram o poder. Mas não só o poder representando e emanado pelas instituições do Estado, mas também aquele exercido pelos detentores de capital, os endinheirados da classe burguesa existente nos subúrbios. Ao acompanharmos os jornais *Echo Suburbano*, *Jornal Suburbano*, *O Echo Suburbano*, *Tribuna Suburbana*, *Gazeta Suburbana* e as *Revistas Suburbanas* (tanto a de 1918 dirigida por J. R. Vieira de Mello quanto a lançada em 1922), veremos de que maneira estes periódicos se constituíram no interior de um campo de forças mais popular.

### **3.2. Pelo operariado!**

Iniciaremos explorando a experiência jornalística de Ernesto Nogueirol à frente de *O Echo Suburbano* produzido no bairro do Engenho de Dentro<sup>158</sup>. Experiente na imprensa, após atuação na redação do *Jornal do Brasil* onde assinou uma seção destinada a debater os interesses do operariado, Nogueirol criou em 1901 um jornal que se destacou tanto pela defesa dos subúrbios quanto pela defesa dos interesses da classe operária do bairro. As demandas e lutas por direitos dos empregados das *Oficinas da Estrada de Ferro Central do Brasil (OEFCEB)* assim como suas denúncias contra as arbitrariedades cometidas pelos diretores da empresa estatal eram constantemente veiculadas nas páginas de sua folha, especialmente através da seção *Pelo Bem geral*.

#### *Pelo Bem Geral*

***Quando em toda a parte do mundo já está estabelecido oito horas de serviço para o operario, inclusivamente nos proprios Arsenaes, Alfandega e outros estabelecimentos publicos d'esta Capital, vemos aqui logo as 6 horas da manhã, quando o dia vem ainda na casa do Christo, correndo apressado o operario a começar o trabalho as 6 1-2 para só deixalo as 4 1-2 da tarde. Dez horas portanto de labor! É muito, é excessivo para o corpo humano!...Se ainda esse tempo fosse suavizado (...) se pudesse trabalhar calmamente, seria ainda assim um linitivoç (sic) mas, quando o operario transpoem o portão das Officinas, toma das suas ferramentas para dar começo ao seu serviço, vem-lhe logo á mente estas interrogações. – terminarei bem este dia?...Serei hoje victima da mesma pena violenta que sofreu hontem meu companheiro?...perderei alguns dias dos meus salários, - já ganhos com o suor do meu rosto, - em virtude de alguma multa? (...)***

---

<sup>158</sup> Em 1910 foi criado em Madureira outro *Echo Suburbano*, propriedade de J. Cardoso.

*As horas de trabalho, a hora de refeição, a proibição de fumar em serviço, as penas quasi deshumanas, e, principalmente, as celebres multas, em consequencia das quaes o operario se vê redusido nos seus salarios – já ganhos com o suor do seu rosto – serão por nós tratados com todo o critério. e esperamos que quando as nossas forças não consigam faser cessar este flegello do operario sejam ao menos o echo dos seus queixumes que vá demover os representantes do povo a tratar de fazer comprehender que o capital tem todo o direito de exigir a execução do trabalho, mas nunca se transformar o homem em verdadeira besta, de arrogar-se o poder de inutilisar os effeitos da aurea lei n. 3353 de 13 de maio de 1888, creando uma nova e mais degradante escravidão.*<sup>159</sup>

Nessa sua primeira edição, o jornal publicou as reivindicações dos trabalhadores nessa seção. A pauta incluía demandas históricas como a defesa pela redução da jornada de trabalho até a luta contra as arbitrariedades da direção da empresa, indícios da falta de regulamentação no campo das relações no mundo do trabalho que ainda vigorava na época. Mas longe de apenas relatar tais demandas ou de se aliar aos trabalhadores da empresa, Ernesto Nogueirol era um ex-empregado das *OEF*CB, tendo ali trabalhado durante quatorze anos de sua vida. Essa experiência acumulada, as relações pessoais construídas ao longo do tempo com os trabalhadores e no bairro (o jornalista residia no Engenho de Dentro), aliado ao desemprego o levaram a se arriscar como fundador de uma pequena folha. Através da seção *Inedictorial* o diretor expôs os motivos que o levaram a criar o jornal:

#### *Inedictorial*

*Devo, pois, explicar os motivos que me induziram á audaciada (sic) publicação d'este jornalzinho – como meio de vida – quando reconheço em mim a falta dos indispensaveis requisitos para o jornalismo.*

*No entretanto penso que, escudado na minha boa vontade e no valioso concurso dos meus amigos, tornar-se-ha mais suave á minha arriscadissima tarefa.*

*Todos sabem a lucta que tenho sustentado pela minha existendia (sic) e d'aquelles que me são caros, depois da clamorosa violencia praticada contra mim por um cerebro enfermo e que continua ainda a escrever illegalmente um lugar de sub-chefe de serviço nas officinas do Engenho de Dentro, cuja violencia, roubando-me proximadamente quatorze annos de serviços na E. de F. Central veio atirar-me quasi na miseria. Ninguem ignora tambem, por certo as difficuldades actuaes para a obtenção de qualquer emprego.*<sup>160</sup>

A fundação de um jornal em 1901 no bairro do Engenho de Dentro constitui um indício significativo das novas demandas que se apresentavam, individual e coletivamente, envolvendo os empregados que ali desempenhavam suas funções, especialmente nos grandes empreendimentos fabris. Cotidianamente, eram estabelecidas novas relações e experiências que ganhavam visibilidade em novas formas de

<sup>159</sup> *O Echo Suburbano*, Engenho de Dentro, edição 3 de Agosto de 1901, p. 1. Grifo nosso.

<sup>160</sup> *O Echo Suburbano*, Engenho de Dentro, edição 3 de Agosto de 1901, p.3. Grifo nosso.

sociabilidades e também novas formas de união da classe trabalhadora em seus espaços de trabalho, moradia, lazer no bairro. Ou seja, um espaço onde os próprios trabalhadores se constituíam e reconheciam como tal, a partir da identificação de interesses que os aproximavam. É no interior desse movimento que ganha sentido a criação d'*O Echo Suburbano* por Nogueirol: ao mesmo tempo que a criação do jornal expressa o acúmulo de sua experiência como trabalhador – ferroviário e jornalista – também indica a reelaboração e ampliação de sua condição e da forma de inserção no social agora como proprietário de um instrumento poderoso para divulgar mensagens e opiniões dos e sobre os trabalhadores suburbanos.

Mesmo antes da criação do periódico, as relações no mundo do trabalho em Engenho de Dentro (principalmente nas Oficinas da Estrada de Ferro) e no bairro vizinho de Piedade (*Companhia Tecidos de Seda Brasileira*) levaram os trabalhadores a criar uma organização coletiva que os representasse: a *União Operária do Engenho de Dentro (UOED)*, fundada em 1899 e dirigida, entre 1903 e 1909 por Antonio Augusto Pinto Machado <sup>161</sup>. Ele também foi presidente da *Liga do Operariado do Distrito Federal* e um dos ativos organizadores do Congresso Operário, do qual foi o secretário-geral, realizado em 1912, “sob os auspícios do governo do marechal Hermes da Fonseca”<sup>162</sup> e de seu filho “o primeiro-tenente e deputado federal Mário Hermes” <sup>163</sup>, esvaziado da participação dos sindicatos e organizações anarquistas que o acusaram de “peleguismo”, ilegítimo e pouco representativo dos interesses do conjunto dos trabalhadores. O período em que presidiu a *UOED* lhe garantiu visibilidade e credibilidade entre grupos de trabalhadores com uma prática de associação e luta mais reformistas, mas que pretendia falar em nome do conjunto da classe operária, tanto que participou como colaborador e/ou diretor de inúmeros órgãos da imprensa. Na imprensa operária foi o responsável pela fundação e/ou direção de periódicos como a *União Operária: Órgão da União Operária de Engenho de Dentro* (1904) *Semana Operaria* (1907) e *Voz Operaria* (1912-1914) <sup>164</sup>.

Ao mesmo tempo, o fato de Pinto Machado ser morador dos subúrbios e de atuar em uma organização de classe, imerso em uma cultura de contestação e combate, o

---

<sup>161</sup> BATALHA, Claudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do Movimento operário*, op. cit., pp.130-131.

<sup>162</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*, op. cit., p. 314.

<sup>163</sup> Para avaliações sobre a atuação de Pinto Machado na organização e condução do congresso, ver: RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969, pp. 319-323. Segundo este autor, Pinto Machado “não conseguiu ser deputado e tampouco o líder que sempre ambicionou ser”. Idem, p. 323.

<sup>164</sup> Cf. Claudio H. M. Batalha, (org.). *Dicionário do Movimento operário*, op. cit., p.130.

levou a colaborar em diversos órgãos da imprensa, tanto a diária quanto a suburbana. Atuou como redator da seção suburbana do diário *A Tribuna* e de *O Jornal*, assinou uma seção para o operariado na *Revista Suburbana* e durante um período dirigiu um outro jornal chamado *Echo Suburbano*, de propriedade do advogado J. Cardoso e criado em Madureira em 1910. Essa experiência como jornalista e militante do movimento operário nos permite entender as razões e os interesses que levaram o dono do *Echo Suburbano* de Madureira, a convidá-lo para dirigir sua folha. No entanto, o compromisso do jornal com os mais fracos e oprimidos da sociedade, desprezados por aqueles que detinham poder, é anterior e foi reafirmado por ocasião da comemoração de seu primeiro aniversário em abril de 1911, meses antes de o militante assumir a direção do jornal:

*O Nosso aniversário*

*(...) Tal fomos nós, e havemos de ser. Aqui encontrarão guarida todos que se virem lesados, feridos, ameaçados na sua vida, na sua liberdade, na sua honra; **todo aquelle a quem se negar a justiça ou não de ser quartel; todos os fracos, todos os pobres, todos os oprimidos.***  
(...) <sup>165</sup>

Em 1918, Pinto Machado foi novamente convidado a trabalhar em um periódico editado nos subúrbios. Desta vez, passou a assinar a seção *Pelo Operariado* da *Revista Suburbana*, de propriedade da firma Costa & Melo. Um dos sócios era José Roberto Vieira de Mello, que também acumulava a função de diretor da revista. Sua atuação como jornalista era significativa e incluía tanto o trabalho como redator no *Correio da Noite* e diretor da revista quinzenal operária *O Palinuro*, com redação no bairro de Engenho de Dentro. Amigos de longa data, desde os tempos em que compuseram os quadros diretivos da *União Operária do Engenho de Dentro*, ambos se envolveram na produção da revista em cargos e funções diferentes. Para a revista, parecia ser fundamental manter uma seção especialmente devotada aos interesses da classe trabalhadora que vivia nos subúrbios. Convite aceito, a segunda edição da revista publicou o artigo de estreia de Pinto Machado.

*Pelo Operariado*

*Justifica-se plenamente que a Revista Suburbana cogita com interesse do bem estar da classe trabalhadora.*

*Todos sabem que é na zona suburbana que vivem em sua maioria os operários das várias indústrias particulares e do Estado.*

*Por isso mesmo é que a direção da nova revista, composta de homens conhecedores das necessidades dos que produzem, determinaram desde logo, que esta secção surgisse,*

---

<sup>165</sup> *Echo Suburbano*, Madureira, edição 24 de abril de 1911, p.1. Grifo nosso.

***confiando-a a quem (póde ter pouco mérito jornalístico) conhece bem as necessidades do proletariado no Brasil.***

*A questão operária, já velha e sempre nova no Brasil, que no pensar de muitos legisladores não existe, nem tem razões, para existir; a questão operária, isto é, o combate por melhores dias para grande número de membros da turba malta dos sem nome, persiste e persistirá.*

*Agora, especialmente, o operariado se bate contra o maior dos males. A questão econômica do lar, a vida caríssima, a luta pela subsistência; estão a exigir providencias energéticas, capazes de resolverem o magno problema que diz com a alimentação de milhares de pessoas que sentem fome, que aguardam justiça, que esperam providencias. (...)*

*Pelo esboço que ahí fica, provado está que a questão não é só proletária, é humana; e agora, quando todos os industriais estão enriquecendo, é justo que olhem com um pouco mais de amor para aqueles que tão directa e tenazmente os ajudam a enriquecer.*

***Para auxiliar todos as conquistas nobres do operariado, para estarmos ao lado do trabalho, para a estabilidade da paz entre os homens, esta secção aqui está, entregue aos próprios interessados, que sobre assumptos que lhe digam respeito terão liberdade ampla, podendo atacar hábitos e costumes, sem, no entanto descerem ao terreno pessoal. (...)***<sup>166</sup>

Ao criar essa seção e entregá-la a um militante engajado em algumas causas e organizações de trabalhadores, a *Revista Suburbana* demonstrava que as demandas deles eram também as suas. Questionando o poder legislativo pela negligência com que vinha tratando os interesses da classe trabalhadora e os industriais por não repartirem os seus ganhos de forma mais justa com os trabalhadores, Pinto Machado estabelecia os limites da luta em nome dos trabalhadores: *o combate por melhores dias* e por *seu bem estar*. Além de criticar os poderosos, a coluna de Pinto Machado também aconselhava os trabalhadores suburbanos sobre quais eram os seus problemas e a melhor forma de enfrentá-los. Em sua segunda edição, ao abordar o tema da carestia, a coluna defendeu a necessidade de os trabalhadores se organizarem através de cooperativas como estratégia para minimizar os terríveis efeitos da subida dos preços dos alimentos. Segundo o jornalista, era necessário que os trabalhadores se organizassem em cooperativas e gerenciassem os serviços de que necessitavam na cidade.

#### *Pelo Operariado*

*Os operarios habitantes dos suburbios, mais facilmente do que os de outros bairros da Capital da Republica, poderiam desde muito ter cogitado da organização economica dos seus lares, por meio da acção cooperativista, única forma capaz de praticamente resolver o problema economico que lhes convém.*

***Todos os seus lucros que aos commerciantes vão ter, levados pela enorme familia operaria, poderiam reverter um pról dos proprios operarios.***

*Organizados os operarios moradores nos suburbios, estaria cada um com a quota combinada, - meios e fôrmas que me escuso de descrever, uma vez que existem hoje normas já adoptadas, que optimos resultados vão produzindo no terreno pratico, - determinando o ser aberto, a principio, um armazem em localidade central, onde seriam seus accionistas fornecidos em*

---

<sup>166</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 15 de setembro de 1918. Grifo nosso.

*generos de primeira qualidade, por preços menores que em qualquer outro armazem  
fornecedor e com a vantagem de os lucros serem ainda em seu beneficio.  
Depois, quando os lucros fossem produzindo capitaes e a pratica demonstrando a facilidade  
da engrenagem, iriam os interessados aumentando a acção, abrindo alfaiataria, barbearia,  
sapataria, armarinho e tudo mais que julgassem de utilidade, podendo até possuirem uma  
typographia e editar um jornal seu, para lhes defender os interesses.*<sup>167</sup>

A elevação do custo de vida verificado na cidade ao longo dos anos de Guerra e suas conseqüências para as condições de vida da classe trabalhadora preocupou outro colaborador da revista, o jornalista Sálvio Dias. A importância do tema para os leitores e moradores garantiu a publicação de seu artigo *Á Margem da carestia* na primeira página. Diferente de Pinto Machado que, em sua coluna se mostrou preocupado em garantir a *estabilidade da paz entre os homens*, Sálvio Dias responsabilizou os homens que detinham poder pela inexistência de uma política de valorização das remunerações pagas aos trabalhadores. Essa política, afirma, se explicava porque aqueles que ocupavam os cargos da administração pública, assim como os *gananciosos* e os *exploradores da miséria*, eram os mesmos que ocupavam o topo da pirâmide social.

#### *Á Margem da Carestia*

*Apezar das providencias governamentais, a situação econômica das classes laboriosas  
continua a ser penosa.*

*A remuneração do serviço, tanto de operarios como de trabalhadores, não teve ainda  
alterações compensadoras; mantem-se, como anteriormente, e sem tendencias animadoras.*

*No emtanto o encarecimento de tudo não encontra limites, tem sido geral, e elevando-  
se, de modo impressionante o preço de quasi todas as mercadorias (...)*

*(...) O pobre que lida ao sol e á chuva, concorrendo efficaamente para o bem publico e  
para o accrescimo da fortuna particular, sem augmento de salarios, vê-se na contingencia de  
reduzir, pouco a pouco, a parca ração diaria, enfraquecendo-se dia a dia, vencido pela fadiga,  
pelo desanimo e pela fome que o espera vigilante, como sentinella sinistra, impiedosa,  
ameaçadora...*

*A par disto, os gananciosos, os exploradore da miseria, em lugar de se compadecerem,  
parece que zombam ainda do soffrimento alheio, aproveitando a oportunidade para obterem  
maiores lucros (...)*

*Consideram a pobreza como inactiva, escrava, submissa, incapaz, portanto, de reagir,  
de levantar-se unida, num movimento digno de incontida indignação.*

*Isto, porém, acontece por que a direcção dos negocios publicos está entregue, quasi  
exclusivamente a quem nasce, cresce, educa-se e, galgando posição, em faustosa abastança  
vive, na ignorancia completa do que se passa nos lares desherdados da sorte (...)*<sup>168</sup>

Outra *Revista Suburbana* também decidiu criar uma seção jornalística para tratar dos interesses dos operários dos subúrbios: chamava-se a *Vida Operária*. A necessidade de criação desse espaço, segundo os redatores, residia no fato de que a revista era a

<sup>167</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 31 de Outubro de 1918, p.15. Grifo nosso.

<sup>168</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 6 de julho de 1918, p.1. Grifo nosso.

única, naquele momento, produzida nos subúrbios, que por sua vez eram os espaços da capital onde habitavam a maior parte dos operários da cidade e onde funcionavam inúmeros estabelecimentos fabris. A revista, inclusive, na primeira coluna publicada se auto-intitulou como um órgão oficial da classe operária suburbana:

#### *Vida Operária*

***Como somos o único órgão da Imprensa carioca, editado nos subúrbios e para os subúrbios, resolvemos discutir por estas columnas os interesses das classes obreiras.***

***Constituímo-nos por assim dizer um órgão oficial dessa mesma classe, pondo à sua disposição esta página, todos podem colaborar, expondo as idéias.***

***Pretendemos unicamente interessar o proletariado suburbano nesta seção, não permitindo que ninguém, individualmente seja atacado, mas que as associações de classe ou mesmo um núcleo composto de vários operários, ou cada um de per si, se defenda das violências ou arbitrariedades das autoridades constituídas.***

***Aqui, neste jornal terão todo o apoio. Terão o mesmo se fôr preciso a assistência judiciária prestada por um nosso qualquer companheiro de trabalho, ou a sua intervenção junto das autoridades policiais, quando isso se torna necessário.***

***Somos filhos do povo, por isso defenderemos com ardor esse mesmo povo que nos deu o ser(...) Enquanto nos outros países se tratava da questões social, nós, aqui elaborávamos uma lei que nenhum aproveitamento traz aos interessados.***

***Como este governo está a terminar o seu mandato, resta-nos agora a esperança que o futuro presidente da República faça qualquer coisa no sentido de defender às classes proletárias.***<sup>169</sup>

Além de abrir espaço jornalístico para que os trabalhadores, individual e/ou coletivamente, se posicionassem, apresentando suas demandas ou denunciando arbitrariedades cometidas pelos patrões, a revista, diferente de outros periódicos suburbanos, também se colocou à disposição para intervir, se necessário, ao lado dos trabalhadores envolvidos em disputas judiciais ou em conflitos policiais, disponibilizando o seu serviço de assistência judiciária às vítimas das arbitrariedades.

Assim como a *Revista Suburbana*, a necessidade de combater os interesses e o projeto político dos poderosos levou o *Jornal Suburbano* a criar a seção *Pelos Fracos*, a cargo do jornalista Baptista Leal. Publicada pela primeira vez na segunda edição (as únicas disponíveis para consulta), a coluna condenou a existência de uma sociedade de classes que seria mantida unicamente pelos interesses da classe burguesa em explorar os trabalhadores.

#### *Pelos Fracos*

*(...) Encontram-se pois aqui suas distinções, mantidas unicamente pela burguezia endinheirada e naturalmente rotineira cuja apparencia pretende significar aristocracia quando de facto não é mais do que uma (?) pretenciosas; consequencia balofa e desprezível.*

---

<sup>169</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 20 de agosto de 1922. Grifo nosso. A revista não publicou os nomes dos proprietários e jornalistas de redação.



*São estes ricos que medindo merito dos seus semelhantes, pelo contheudo da buria que elle possui, olham com desprezo as classes trabalhadoras cujos modestos salarios mal permitem o sustento diario da familia.*

*É a defeza destas que nos propomos iniciando o nosso trabalho com algumas considerações sobre o operariado que é certamente a maior das classes que os Cresos rotineiros cognominaram inferiores.*

*Contra o orgulho e o egoismo das castas privilegiadas que querem manter na dependencia as classes trabalhadoras, revolta-se indignada a consciencia humana que de há muito condemnou o poder do (?) e das distinções sociaes.*

*De há vinte seculos a esta parte que o trabalhador procura erguer a fronte e tem constantemente a azorragal-o o carrasco do capital que o obriga a curvar a cerviz, a calar no intimo d'alma o grito de revolta contra essa prepotencia que o reduz a um automato.*

*E comtudo o operario podia emancipar-se dessa tutella odiosa.*

*Instruindo-se, fundando associações de socorro mutuo, poderia em breve o operario occupar o logar que na sociedade lhe pertence de direito; aquelle que a todos pertence, segundo o preceito da Egualdade que Christo instituiu (...) <sup>170</sup>*

Além de uma seção jornalística especialmente voltada a defender os interesses dos *fracos*, o jornal também utilizou a primeira página para defender as demandas de determinadas categorias de trabalhadores. Publicado na segunda edição, o artigo intitulado *A Situação* cobrou tanto do administrador da *Estrada de Ferro Central do Brasil*, o engenheiro Paulo de Frontim, quanto dos senadores da República, uma solução para o projeto de reforma da previdência dos operários do Estado que se encontrava “adormecido” no Congresso Nacional:

#### *A Situação*

*(...) Não somos apaixonados em demasia, não somos ligados aos altos, e elevados que actualmente dominam, mas tambem não somos iconoclastas, eternos descontentes e atacantes.*

*Mas porque convivemos com a massa anonyma do proletariado, porque escutamos o pulsar do coração do povo, porque lhe conhecemos as aspirações e os anhelos (sic), é que, parte desse povo sofredor que somos, poderemos naturalmente steriotypar o sentir dos que labutam e cooperam para a grandeza da nossa pátria (...)*

*E dito ao que vem esta secção, entremos hoje a discutir um pouco o actual estado da Estrada de Ferro Central do Brasil.(...)*

*A reforma da Central do Brasil veio bulir em casa de marimbondo. Descontentou muita gente (...) que reforma foi esta?*

*O que a reforma na sua essencia continha de util, isso não passou ainda, dorme o eterno esquecimento nas pastas poeirentas do Senado Federal.*

*Referimo-nos à aposentadoria dos operarios do Estado, porque foi dos labios do actual director da Central que na Caixa do Pessoal Jornaleiro escutamos dizer: É preciso que futuramente esta sociedade deixe de chamar-se do “Pessoal Jornaleiro” para ter mais amplo o titulo – do pessoal da Central do Brasil (...) <sup>171</sup>*

O artigo, sem assinatura, reafirma o compromisso do jornal com a *massa anonyma do proletariado* ao se reconhecer como parte do povo sofredor. Por isso mesmo o veículo levou à sua primeira página uma discussão relevante para o conjunto dos

<sup>170</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, edição 8 de Julho de 1911, p.2. Grifo nosso.

<sup>171</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, edição 8 de Julho de 1911, p.1. Grifo nosso.

trabalhadores das empresas do Estado, especialmente para os empregados da *Estrada de Ferro Central do Brasil*.

A *Gazeta Suburbana*: semanário crítico, litterario, dedicado aos interesses da zona suburbana não criou colunas ou seções exclusivamente destinadas aos trabalhadores suburbanos. No entanto, utilizou o espaço nobre da primeira página para apoiar as manifestações realizadas pelos operários da capital contra o Presidente Hermes da Fonseca. O artigo destacou a necessidade de os operários se organizarem, na medida em que os governantes e legisladores ignoravam os interesses e necessidades da população pobre:

#### *A Questão Operária*

*A manifestação expontanea (...) do operariado do Districto Federal ao Sr. Marechal Hermes no dia 12 do corrente, obriga-nos a uma pergunta algum tanto ingênua.*

**- Que tem feito o governo em prol dos operários?**

***A resposta não é difficil: - nada, absolutamente nada.***

***O operário, entre nós, continua a ser objecto de toda a exploração.***

*Por ele nada se faz, e no entanto, é em seu nome que se grita, que se fala, que se escreve, com o único intuito de grangear mais sympathias e arrancar-lhe do bolso o pequeno salário grangeado com tanto esforço.*

***Os motivos do nada realizado em favor dos operários attribuímos a dois motivos: o primeiro proveniente do pouco caso ligado pelos nossos legisladores, aos pequenos, aos pobres, aos fracos; o segundo à pouca união existente entre o operariado.***<sup>172</sup>

A *Gazeta Suburbana*, mesmo se colocando ao lado dos trabalhadores que se manifestaram contra o presidente Hermes da Fonseca, entendia que a situação dos trabalhadores era fruto não só do descaso dos legisladores, mas também deles próprios que não seriam unidos. Na seção *Pelos Fracos* do *Jornal Suburbano*, Baptista Leal argumentou que as oligarquias só exploravam os operários “(...) porque elle não tem ainda a consciência do seu valor, não sabe ainda o alcance da sua força (...)”<sup>173</sup> Através da seção *Pelo Operariado* da *Revista Suburbana*, Pinto Machado acusou os trabalhadores se serem “(...) obedientes à ordem e à organização social.”<sup>174</sup>

A participação de homens ligados ao movimento operário nos órgãos da imprensa suburbana em momento algum significou a transformação destas folhas em órgãos radicais voltados para o questionamento geral da sociedade capitalista. A despeito das críticas dirigidas ao Estado pela sua omissão no tratamento dispensado aos subúrbios ou naquele destinado aos operários, buscava-se antes reformá-lo e não destruí-lo, uma evidência da não participação de membros de organizações anarquistas

<sup>172</sup> *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, edição 30 de maio de 1911, p.1. Grifo nosso.

<sup>173</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, edição 8 de julho de 1911.

<sup>174</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 15 de setembro de 1918, p.13.

na produção desses periódicos. E mesmo quando havia os espaços para o questionamento, estes eram circunscritos a seções específicas cuja publicação era em geral irregular. Diferente, portanto, de órgãos de imprensa operária cuja finalidade maior residia na tentativa de trabalhar exclusivamente pelos interesses de categorias profissionais ou organizações operárias.

Ao estudar a cultura e as instituições da classe operária no Brasil, Francisco Foot Hardman enfrentou essa discussão ao relacionar o discurso das lideranças operárias à cultura dominante. O autor desenvolve sua reflexão concordando com a interpretação de Eric Hobsbawm formulada em seus estudos para a história da classe operária inglesa. Naquele país, Hobsbawm localiza no interior da classe operária uma “aristocracia operária”, ambiciosa, que se auto-intitulava a “vanguarda consciente e militante” e sua busca por respeito perante o conjunto da classe e também frente aos olhos da classe dominante. Essa busca teria sido observada em diferentes momentos – tanto a partir da construção de estratégias que levavam a uma espécie de conciliação de classes quanto em momentos onde se verifica um potencial revolucionário. Hardman destaca as dificuldades em reconstruir o discurso da classe *em si* na medida em que a tradição oral não registrada encontra-se irremediavelmente perdida, restando para os pesquisadores da classe operária os discursos de suas direções.<sup>175</sup> Seria, portanto, através dos discursos e análises construídos em diferentes espaços por essas lideranças que os historiadores entrariam em contato com o universo da classe operária no Brasil. E é exatamente essa a natureza da relação que nós estamos verificando entre frações do periodismo suburbano e o campo popular. As demandas populares surgem trabalhadas pela ótica de certos líderes imersos pela experiência acumulada no interior de organizações coletivas dos operários.

Naquele momento histórico, as necessidades que levaram alguns jornalistas, advogados, militares e trabalhadores militantes do movimento operário a produzirem periódicos nos subúrbios, passavam, quase que obrigatoriamente, pelo reconhecimento de que aqueles eram espaços onde trabalhavam e viviam parcelas significativas de trabalhadores. Os jornais, portanto, precisavam se dirigir a eles, conquistar este leitor, ganhar sua confiança e fidelidade para poderem se candidatar ao posto de guias de suas opiniões e intérpretes de sua vontade, o que parece responder parcialmente a pergunta sobre para qual público estes periódicos se dirigiam.

---

<sup>175</sup> HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão*. São Paulo, Editora UNESP, 2002, pp. 58-59.

### 3.3: Pelos ‘melhoramentos suburbanos’.

Em alguns momentos é notório o posicionamento dessa imprensa em debates mais amplos ocorridos na cidade que envolvesse temas de grande repercussão entre os suburbanos e o conjunto dos trabalhadores. Isso ficou patente logo no início das atividades do semanal *O Subúrbio*. O proprietário e diretor do jornal, o servidor público militar, coronel Xavier Pinheiro, conhecido pelos cargos que ocupou no aparelho policial, como suplente de polícia no 19º Distrito, repercutiu amplamente em sua folha os debates travados entre a Prefeitura e a Intendência Municipal sobre a reforma do sistema de carris urbanos iniciada em 1906 envolvendo a *Light and Power*, empresa canadense que detinha a concessão pública de exploração desse serviço e, também, de energia elétrica. Já havíamos destacado, no segundo capítulo, que um dos pontos mais polêmicos da reforma residia na permissão do governo em conceder aumento no valor das tarifas, o que gerou polêmica na cidade, merecendo ampla cobertura da imprensa e debates na Intendência Municipal quanto ao impacto dessa medida na renda dos trabalhadores. Para os defensores da reforma o reajuste era fundamental, pois capitalizaria a empresa para a realização dos investimentos necessários à modernização de todo o sistema, incluindo a substituição progressiva dos carros movidos à tração animal pelos carros movidos à energia elétrica. *O Subúrbio* se posicionou a favor da reforma e das novas tarifas, colocando-se, portanto, ao lado do prefeito Souza Aguiar e da *Light* e contra os seus críticos.

Esse sem dúvida era um tema bastante sensível ao conjunto dos trabalhadores da cidade. Uma das críticas mais presentes na imprensa carioca da época era exatamente a péssima qualidade dos serviços prestados pelas concessionárias de transporte público, especialmente as empresas de carris urbanos (hegemonizada pela *Light*) e de transporte ferroviário, em especial a *Estrada de Ferro Central do Brasil*, linha por onde circulava a grande maioria dos que utilizavam esse tipo de transporte, em particular aqueles que moravam nos subúrbios. Não parece haver dúvidas entre os pesquisadores da área de ciências humanas sobre a importância e o peso do transporte ferroviário para o crescente adensamento populacional nos subúrbios a partir do momento em que foi criado um sistema regular de trens suburbanos nos anos 1870.<sup>176</sup> O mesmo vale para a implantação

---

<sup>176</sup> Sobre o papel desempenhado pelas linhas férreas construídas na cidade ao longo da segunda metade do século XIX para a ocupação e adensamento populacional dos subúrbios, verificar: ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*, op. cit.; PECHMAN, Robert Moses. *A gênese do*

do sistema de carris urbanos, especialmente empregado para a expansão da Zona Sul da cidade, mas que ao ser expandido para os subúrbios na virada do século XIX para o XX permitiu uma ocupação para além das ruas que margeavam as estações ferroviárias. Diferenças, no entanto, existem entre os pesquisadores quando a análise recai sobre o peso das tarifas dos transportes para a população suburbana e o quanto isso pode ter sido um facilitador ou não para a ocupação dos subúrbios pelas classes populares.

Para a historiadora Cristiane Regina Miyasaka a passagem de ida e volta cobrada pelos trens de 2ª classe da *Estrada de Ferro Central do Brasil* era, em 1907, de \$300. Isso significa que naquele ano o gasto mensal de um trabalhador com o transporte ferroviário chegava a 7\$800. A autora relacionou esse gasto com as informações existentes sobre a renda média diária de um trabalhador que atuasse nas indústrias de tecidos e algodão - por volta de 3\$400 para os homens e 2\$500 para as mulheres - e chegou à conclusão de que esse tipo de gasto consumia em torno de 8,8% da renda dos homens e 12% das mulheres.<sup>177</sup> Dialogando com a historiografia sobre as reformas urbanas realizadas pelo Prefeito Pereira Passos e suas conseqüências para a cidade, a autora concluiu que os gastos com o transporte ferroviário não foram um entrave para o deslocamento de trabalhadores pouco qualificados (pobres) do Centro para os subúrbios.<sup>178</sup>

O posicionamento favorável de *O Suburbio* à reforma do sistema de carris urbanos promovida pela administração Souza Aguiar foi publicado na segunda edição do jornal, no dia 3 de Agosto de 1907, com grande destaque, no espaço reservado ao artigo de fundo e trouxe à tona o debate sobre o peso do valor das tarifas do transporte de carris urbanos para o conjunto dos trabalhadores da Capital, especialmente para os operários. Ainda nesta edição o jornal reproduziu artigo assinado por Evaristo de

---

*mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*, op. cit.; SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *Contribuição ao estudo da história do subúrbio do Rio de Janeiro (a freguesia de Inhaúma: de 1743 a 1920)*. Dissertação de Mestrado em História, Rio de Janeiro, UFRJ, 1987; SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *De freguesias rurais à subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em História Social, USP, 1996.

<sup>177</sup> MIYASAKA, Cristiane Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Campinas, SP. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2008, pp.28-29. A informação sobre o valor das tarifas para o ano de 1907 foi retirada do livro *Memória histórica da Estrada de Ferro da Central*.

<sup>178</sup> A autora se refere especialmente às obras de BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical*. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992; e HAHNER, June E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil, 1870-1920*. Traduzido por Cecy Ramires Maduro. Brasília, Edunb, 1993.

Moraes <sup>179</sup> originalmente publicado na seção *Columna Operaria* do jornal *Correio da Manhã* no dia 20 de Julho:

*Columna Operaria*

**(...) Basta dizer que, nos carros de 2ª classe, torna-se possível vir dos mais longínquos subúrbios e arrabaldes ao Centro da cidade por 100 rs. E é isso que devem querer os pobres, os que ganham penosamente a vida e que não exigem carros de luxo para seu transporte. Quanto a frequência desses carros de 2ª classe, pareceu-me ao ler a cláusula XIX do contrato, que não procede a crítica feita e que o sr Huntress, gerente da Light, deu resposta cabal na carta escripta ao Jornal do Commercio (...)**

**Accresce ainda uma consideração. A população operaria que desce dos suburbios não é essa massa gigante que muita gente suppõe, em boa fé; pois, nos maiores centros fabris, como Bangú, Sapopemba, Vila Isabel, Laranjeiras e Jardim Botânico, residem milhares de operarios, que se dirigem a pé para suas officinas ou fabricas. Outra parte do proletariado, que se occupa em serviços marítimos e connexos procura morar no centro da cidade, embora com sacrificio da saude. E entre certas classes operarias como cocheiros, carroceiros, etc, a condução paga do bonde não é necessária. De maneira que, augmentado, como deve ser, em face do contrato, o numero de vehiculos (chamados de 2ª classe) e tornados mais frequentes, melhorarão as condições dos trabalhadores. E, para mim, por emquanto, isso basta.** <sup>180</sup>

Seria interessante se pudéssemos mapear como as organizações operárias concretamente se colocaram nesse debate, ou seja, se eram favoráveis ou contrárias ao aumento do valor das tarifas cobradas pela *Light*. De qualquer maneira, a postura de *O Subúrbio*, naquele momento talvez o único periódico produzido nos subúrbios, em sintonia com o posicionamento de Evaristo de Moraes, ambos favoráveis ao aumento das tarifas do serviço de transporte de bondes operado pela *Light* e defendido pelo projeto de reforma apresentado pela Municipalidade, é um bom indicativo de como a relação entre alguns periódicos suburbanos e demandas populares articulavam-se às pautas construídas por lideranças do movimento operário. Talvez a dúvida resida em saber não só como determinadas organizações operárias se posicionaram sobre esse debate de grande repercussão na sociedade (a cobertura do assunto pelos órgãos da imprensa como o *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio* e *O Subúrbio* atesta isso), mas como os trabalhadores não ligados aos quadros diretivos dessas organizações, desempregados ou populares mal empregados que exerciam *bicos* pela cidade reagiram ao aumento das tarifas de um transporte responsável pela grande maioria dos deslocamentos ocorridos na cidade.

---

<sup>179</sup> Antonio Evaristo de Moraes era um advogado criminalista e ativo militante da causa operária, tendo participado desde a década de 1890 de inúmeras iniciativas que buscavam a construção de partidos operários e posteriormente de organizações socialistas, como o *Partido Socialista Brasileiro* (1902). Sua atuação nas lutas operárias da cidade rendeu-lhe reconhecimento, levando-o a assinar, a partir de 1903, a *Coluna Operaria* do jornal *Correio da Manhã*. BATALHA, Claudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do movimento operário*. op. cit, pp. 106-107.

<sup>180</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 3 de Agosto de 1907, p.3. Grifo nosso.

O interesse de um periódico suburbano como *O Subúrbio* em acompanhar e se posicionar frente aos debates travados no Conselho Municipal demonstra o papel que estes periódicos desempenharam nos subúrbios. As ações dos órgãos de poder da cidade passaram a ser acompanhadas e a própria natureza e os mecanismos políticos que estruturavam o funcionamento destas instituições se tornaram alvo de reflexões críticas destes veículos.

Ângelo Tavares, em sua coluna *Melhoramentos Suburbanos* da *Revista Suburbana*, aproveitou o espaço para refletir sobre os motivos que levavam os Prefeitos a não investirem nos subúrbios. Para o jornalista e Intendente Municipal, o fato de os prefeitos viverem no Centro da cidade, em espaços freqüentados pelos homens do poder, como o Presidente da República e os “*altos representantes do clero e da nobreza republicana*” explicariam o descaso e o desprezo da Municipalidade em relação às zonas suburbanas.

#### *Melhoramentos suburbanos*

*O prefeito que ao assumir o cargo administrativo que a Constituição Municipal offereceu como presente régio ao seu Grande Hospede nas terras cariocas – voltasse suas vistas para a vasta e populosa zona suburbana e resolvendo transformal-a em uma bella e higienica “cidade sub-urbana” permittam-me o termo – teria seu nome equiparado ao do transformador da cidade – Capital – o glorioso Passos.*

*Não tem sido assim, desde que o Districto Federal parece se limitar aos arrabaldes aristocráticos e aos centros das elegancias cariocas e do alto commercio cosmopolita.*

***(...) Os Prefeitos vivendo no centro da Cidade tratam de demonstrar o seu valor, como administradores, sómente em logares vistos pelos olhos magnanimos do Presidente da Republica e dos altos representantes do clero e da nobreza republicana.***

***Neste segredo está o equilibrio de sua posição governamental.***

***É um erro.***

*Tratasse o Prefeito de uma remodelação dos suburbios e o éco de sua acção administrativa, fecunda, chegaria até o Cattete.*

*As populações suburbanas o elevariam ao apogeu da gloria e o Prefeito Passos teria um emulo, na historia do Districto Federal.*

*O suburbio, tenha esperanças, pode ter um dia o seu Remodelador.*

*É questão de tempo.*<sup>181</sup>

Além de utilizar a seção para criticar as escolhas e prioridades da Prefeitura, Ângelo Tavares também assinou uma matéria intitulada *Política do Districto*. Neste espaço o jornalista questionou o modelo institucional de escolha dos Prefeitos do Distrito Federal, ancorado em uma nomeação feita pelo governo federal. Os interesses

---

<sup>181</sup> *Revista Suburbana*, Engenho Novo, edição 6 de julho de 1918. Grifo nosso.

que definiam essa escolha, afirma, baseavam-se mais nas relações pessoais e políticas travadas entre caciques políticos do que pelo desejo de colocar um administrador competente e conhecedor dos problemas enfrentados pela população suburbana.

#### *Política do Districto*

***Sempre que se trata da successão administrativa do Districto Federal occorre a todos nós que nos interessamos pelo progresso e pela grandeza desta terra, uma hypotese desalentadora: a nomeação de um Prefeito completamente alheio ás nossas necessidades e que desconheça a engrenagem administrativa do Districto.***

*Tenho affirmado em varias oportunidades que quando isso se dá – ou o Prefeito, durante a sua adaptação ao cargo, é um Prefeito honorario e isso durante os primeiros annos de governo; ou essa autoridade começa logo a agir por conta propria, sem o aprendizado desse tempo, e dá por páus e por pedras com lamentavel resultado para as finanças municipaes e para o bom exito de uma administração.*

*Decorre do que fica escripto a necessidade de ser muito ponderada a escolha do Governado da Cidade, tendo em vista as responsabilidades de um cargo da mesma cathegoria de Governador de qualquer Estado importante da União porque o Districto Federal, a despeito de não ter a autonomia que lhe cabe, tem uma renda superior a quarenta e tres mil contos annuaes e improtantes departamentos administrativos que exigem uma direcção governamental sómente possivel com um verdadeiro estadista á frente dos seus negocios publicos e não com qualquer mediocridade protegida pela sympathia do superior governo da Republica.<sup>182</sup>*

Além da Prefeitura, a *Revista Suburbana* também esteve atenta aos trabalhos dos intendentes municipais. Sálvio Dias, através da seção *Pelos Subúrbios*, descreveu o que realmente interessava aos representantes do povo reunidos no Conselho Municipal: vantagens pessoais e políticas. Ao perceber que as promessas de melhoramentos feitas aos suburbanos não mereciam mais do que vagas e poucas lembranças nas sessões deliberativas do Conselho, Sálvio Dias aconselhou seus leitores a esquecerem a Assembleia como um órgão que poderia trabalhar pelos subúrbios.

#### *Pelos Suburbios*

*A população suburbana tem os olhos voltados para o Conselho Municipal, onde se recostam, em fôfas, confortáveis e macias poltronas os seus legitimos representantes.*

*Não o perde de vista, esperando, ainda, com paciencia nazarena, a realização das promessas feitas, dos compromissos assumidos por varios intendentes, em relação á melhoramentos materiaes que deviam ser lembrados ao menos por um desencargo de consciencia.*

*Esses melhoramentos figuravam em todos os programmas, acariciados pelo sopro da eloquencia, como bandeira de victoriosa ascensão.(...)*

***Das promessas feitas á zona suburbana nem ao menos vagas recordações echoam...***

*A sessões, de ordinario, se effectuam tumultuariamente, numa desordem lamentavel, demonstrativa da incompetencia ou da falta de compostura...*

---

<sup>182</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 15 de setembro de 1918, p.6. Grifo nosso. Na segunda edição a redação da revista foi transferida para o Méier.



*Quem as frequenta observa que os intendentes dividem geitosamente o tempo, quasi sempre, em duas partes: - na primeira insultando-se mutuamente, na segunda, preocupando-se com a melhoria da situação de amigos e parentes, sem desprezar o alargamento da porta por onde possa entrar mais, um cardume de gorduchos afilhados.*

*Deste modo as rendas do Districto parecem estar destinadas exclusivamente ao regalo dos pimpolhos municipaes, cujo numero augmenta de uma maneira assombrosa. (...)  
A população suburbana perde, pois, o seu tempo em ter os olhos voltados para aquella illustre assembléa (...)*

*Mas, se o culpado disto, como dizem, é o povo que se deixa levar pelo canto das sereias, é justo que soffra...*

*E que, confiando sempre na esperança de melhores dias, continue á bater palmas aos legitimos representantes...(...)*<sup>183</sup>

Através do trabalho desenvolvido pelos seus articulistas, a revista tornava evidente o descontentamento com a forma como se fazia política na cidade. Ao argumentar através das suas páginas que os prefeitos eram escolhidos mediante “conchavos” políticos, completamente alheios aos interesses maiores da população que eles deveriam representar e ao acompanhar atentamente as sessões deliberativas do Conselho e denunciar os interesses escusos que moviam os intendentes municipais, a revista buscava tanto informar seus leitores como também, e principalmente, formar a opinião dessa audiência acerca da lógica política que estruturava essas instituições.

Mas se a revista aconselhou seus leitores a não esperarem nenhuma ação benéfica para os subúrbios vinda do Conselho, em 1911, após as eleições que renovaram a casa política, o *Jornal Suburbano*, mesmo sendo um crítico do legislativo municipal, renovou as esperanças de que os novos intendentes pudessem, enfim, fazer algo de representativo pelos subúrbios. O artigo sem assinatura publicado na *Columna Popular* conclamou os suburbanos a pressionarem os intendentes, principalmente aqueles que haviam merecido o seu voto, para que cumprissem as suas promessas de levar os “melhoramentos” também aos subúrbios. Isso indica que para o *Jornal Suburbano* a defesa dos interesses populares passava inevitavelmente pela vigilância e cobrança daqueles que ocupavam cargos nas esferas de poder da cidade:

*Columna Popular*

*Por certo já os leitores perderam as esperanças como o diz o poeta patricio, de alcançarem os melhoramentos que vão ser dessiminados pelas diferentes zonas conforme projecto da Prefeitura.  
Tiverem razão de assim estarem.*

---

<sup>183</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 31 de Outubro de 1918. Grifo nosso.

*Tratando-se de melhoramentos suburbanos, precedem-nos sempre conferencias, abaixo-assignados, projectos, etc, ficando quasi sempre nessa ultima instancia...quando não lhe dão por sepultura uma intronada falta de verba.*

***Mas as coisas mudaram de face, e devem os que já perderam as esperanças, reanimar-se, procurando em vez de entregarem-se a lastimas e criticas acerbas, promoverem os meios de tornar patente o nosso direito de gozo medido nas circunstancias de concorrermos tambem para o augmento do erario municipal.***

***Mas deixem que digamos sem reboços – já que o Conselho Municipal tá constituindo, queiram os seus dignos memoros não descurarem daquillo que animou os suburbanos a lhes dar os seus suffragios: - o melhoramento da zona que defendemos e os suffragados representam.***

*Um novo ambiente já se respira na esphera politica e justo é que alguma coisa se faça em beneficio dos suburbanos, povo que tem a tradicionalissima e rara virtude de Job..*

*E cá estamos nós para applaudir embora modestamente...<sup>184</sup>*

Da imprensa suburbana também partiam críticas ao Congresso Nacional. O jornal *Tribuna Suburbana* publicou um virulento artigo na primeira página atacando os deputados, acusados de representarem apenas “*trapias estadoaes, apoiadas nas falcatruas eleitoraes*” e não na vontade do povo.

#### *Gamorra da Republica*

*Para o decoro da Republica, felizmente, estão encerrados os trabalhos d’isso que ahi está com o pseudo nome de Congresso Nacional.*

*Já os jornaes não nos dão tristissimas noticias de insultos envoltos em uma roupagem de vocabulario canalha, já banida do seio da capadosagem do bairro da Saude.*

***Vermes que rastejam aos pés do poder executivo, representantes das trapias estadoaes, apoiadas nas falcatruas eleitoraes, são o que elles são, e não do povo, victima sacrificada dessa republica de corrilhos, que ahi esta presidindo as orgias de infrenes bachanaes.***

*Coitada! Nascida nos quarteis, criada na tarimda, enchovalhada e envenenada pelos senhores do congresso gamorra, ainda corroida pela cyfiles em caminho dos hospitaes.*

*Felizmente, consideram-lhe treguas; os pseudos representantes do povo voltaram para os estados onde vão trabalhar nas mizerias das eleições de Março.*

*Emfim, a gamorra da rua da Misericordia esta em silêncio.*

*Graças a Deus.<sup>185</sup>*

O que esse e outros posicionamentos demonstram é que nos subúrbios da cidade do Rio de Janeiro que, ao longo do tempo receberam avaliações preconceituosas que os associaram a todo tipo de precariedade, havia, no limiar do século XX, indivíduos que se insurgiram contra a opressão a que estavam submetidos, e denunciavam sua condição de habitantes de espaços marginalizados pelo poder público. O reconhecimento, entre alguns jornalistas, de que faziam parte de um povo que sofria os desmandos dos

<sup>184</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, 8 de Julho de 1911, p.2. Grifo nosso.

<sup>185</sup> *Tribuna Suburbana*, Madureira, edição 17 de janeiro de 1910, p.1. Grifo nosso.

detentores do poder os levaram a reconhecer como suas as lutas dos trabalhadores ou dos demais moradores dos subúrbios. Se para uma parte dos suburbanos que se tornaram jornalistas, o papel da imprensa era “solicitar” e “pedir” obras de infraestrutura, assumindo para si o papel da subalternidade, para outros a prática jornalística foi o espaço encontrado para a luta e para o combate que, no limite, se inseria no desejo de construir uma sociedade mais justa e menos desigual.

O uso da imprensa para transformar o estado de opressão em que viviam as zonas suburbanas, marginalizadas pelo poder por conta da presença hegemônica das classes populares naqueles territórios, se revelou uma opção estratégica em uma sociedade de massas. Naquele momento era necessário falar para muitos, buscar apoio, firmar alianças. Em diversos momentos esses periódicos deram publicidade a inúmeras iniciativas coletivas desenvolvidas nos subúrbios. Especialmente se estas iniciativas envolviam os próprios jornalistas suburbanos. Em todas as folhas eram publicadas notas informativas, artigos analíticos e matérias que davam publicidade a esses projetos e tinham o poder de possivelmente legitimar estes homens como os verdadeiros representantes e interlocutores dos suburbanos frente ao poder constituído.

A proposta defendida pelo diário *A Tribuna* para a criação de um órgão deliberativo composto por suburbanos voltado para o debate das necessidades e demandas dos subúrbios, intitulado sugestivamente de *Congresso Suburbano*,<sup>186</sup> constitui um poderoso indício das possibilidades de construção de articulações entre os jornalistas e outros segmentos da sociedade suburbana. Os debates que surgiram a partir do lançamento dessa proposta acabaram gerando avaliações pessimistas no interior dessa imprensa sobre a real capacidade de o povo suburbano se unir ao redor de interesses coletivos. Respondendo à proposta de formação do Congresso lançada pela seção suburbana do diário *A Tribuna*, redigida por Pinto Machado, o jornal *Echo Suburbano* revisitou o passado para responder sobre as dificuldades que o projeto sofreria para se firmar no meio suburbano:

*Melhoramentos Suburbanos*  
*Uma campanha a travar*

(...) *Um dia pensamos em criar na zona suburbana a Liga de Acção Suburbana, e com Pedro Pinto de Miranda, Xavier Pinheiro, Augusto de Menezes, Vieira de Mello,*

---

<sup>186</sup> *A Tribuna*, jornal diário de propriedade de Antônio Azeredo e dirigido por Alcindo Guanabara, mantinha uma agência no Engenho de Dentro para coletar os assuntos referentes aos subúrbios. Na redação da coluna suburbana Pinto Machado tinha como ajudante Henrique Dias. “A imprensa nos subúrbios”. Coluna informativa publicada no *Almanack Suburbano para o anno de 1911*. Sampaio, 1911; e SODRÉ, Nelson Werneck, *História da imprensa no Brasil*, op. cit., p. 284 e *A Tribuna*, Rio de Janeiro, edição 5 de Julho de 1911, p.3.

*Mariano Garcia, Antonio Quintiliano e outros, chegamos mesmo a effectuar algumas reuniões. E o fim principal era o combate pela criação de uma Sub-Prefeitura nos subúrbios. Morreu a liga, ou antes, não se ligaram os suburbanos, porque o publico ainda continua inimigo de cogitar dos seus interesses.*

*Mas, de nós, do cerebro de quem redige este jornal, nunca sahiu esse pensar que julgamos de grande utilidade ao bem estar do publico suburbano.*

*E tanto não sahiu, que conseguindo vencer o torpôr que até agora tem reinado entre os suburbanos, ahi está em vias de organização, o Congresso Suburbano, onde quasi todas as localidades suburbanas se fazem representar por cavalheiros reconhecidamente interessados pelo seu progresso.*

*E n'esse congresso no qual toma parte o illustre jornalista Miranda Rosa, redactor secretario "d'A Tribuna", será por esse mesmo congressista defendida essa util idéa, defeza que se tornará brilhante olhando ao reconhecido talento do illustre membro d'essa assembléa que vae tomar a si tal incumbencia de reconhecida utilidade.*

*O Congresso agora em inicio poderá prestar optimos serviços aos subúrbios.(...)*

*Parecerá á primeira vista, que o Congresso Suburbano seja uma aggreiação de "parolagem". É. Mesmo porque é a única forma do publico suburbano se fazer lembrado, e á força de tanto gritar, naturalmente obterá alguma couza para ficar socegado, quieto e mudo..*

(...)<sup>187</sup>

Essa foi uma edição especial para o *Echo Suburbano* após o processo de fusão com o *Jornal Suburbano*, que mereceu, inclusive, uma mudança no logotipo do jornal. A folha continuava a ser propriedade de J. Cardoso, mas a gerência passou a ser ocupada por Victorino Tosta, o antigo proprietário e diretor do *Jornal Suburbano*, e a direção continuava nas mãos de Pinto Machado. Logo, é possível deduzirmos que o texto publicado passou pela aprovação tanto do gerente quanto do diretor do jornal, o que não chega a surpreender quando verificamos o seu conteúdo. Assim como fizera em momentos distintos, quando ao analisar o operariado ou o povo brasileiro concluiu que faltava a este a força necessária para agir contra a opressão, desta vez Pinto Machado retratou os suburbanos como incapazes de agir em defesa dos seus interesses. O texto resgata a tentativa de criação da *Liga de Acção Suburbana*, cuja principal proposta foi a defesa da criação de uma "Sub-Prefeitura" para os subúrbios, uma forma de descentralizar a administração municipal. Essa liga teria sido planejada, dentre outros, por Xavier Pinheiro, Vieira de Mello, Mariano Garcia (os três ligados ao movimento operário), Pedro Pinto de Miranda (comerciante estabelecido em Engenho de Dentro), Augusto de Menezes e Antonio Quintiliano (jornalista). O fracasso desta iniciativa, conclui, residiu na absoluta falta de interesse dos suburbanos em apoiar e se envolver no projeto.

Mas ao investigarmos a participação de Mariano Garcia na tentativa de criação da Liga, percebemos que essa aglutinação de forças a favor de reformas urbanas para os

---

<sup>187</sup> *Echo Suburbano*, Madureira, edição 10 Setembro de 1911, p.1. Grifo nosso.

subúrbios é um indício significativo da existência de uma confluência entre as lutas pelos melhoramentos materiais para os bairros e a constituição de um espaço de atuação mais amplo de reivindicações e lutas populares. Elas eram articuladas tanto por meio da participação de lideranças do movimento operário da capital em entidades e associações nos bairros quanto através de campanhas desencadeadas por jornalistas e jornais suburbanos ou redatores de colunas sobre os subúrbios na imprensa diária. Assim como ocorreu com Pinto Machado e Vieira de Mello, cujas histórias de vida estavam intimamente ligadas aos subúrbios, como moradores e líderes de uma organização operária criada nos subúrbios voltada para os interesses dos trabalhadores fabris do Engenho de Dentro, a participação de outra liderança do movimento operário, Antonio Mariano Garcia, na criação da *Liga de Ação Suburbana* reforça essa aproximação.

Mariano Garcia fora operário da indústria cigareira, e sua atuação como líder socialista o levou a presidir, dentre outras, a *Sociedade Beneficente dos Cigarreiros* em 1912, além de ser o criador de vários jornais operários. Especialmente entre os anos 1912 e 1913, Garcia foi o responsável pela redação da *Columna Operaria* do jornal *A Época* e dentre os temas que ganharam espaço em sua coluna, estavam os interesses da população suburbana. Mariano Garcia viveu nos subúrbios entre 1900 e 1913, e em sua coluna defendeu que os operários pudessem ter liberdade para construir suas casas nos subúrbios, sem obedecer normas construtivas, bem como se posicionou favorável ao aumento do número de escolas noturnas naqueles espaços.<sup>188</sup>

Outras iniciativas voltadas à organização de moradores e defesa de parte dos subúrbios também ganharam visibilidade entre os periódicos. A atuação do *Comitê Central de Melhoramentos em Irajá*, criado em 1911 por políticos, militares, médicos e jornalistas para defender os interesses de todo os espaços que antes formava a freguesia de Irajá, mereceu uma dedicada atenção de alguns veículos da imprensa suburbana. Mesmo não sendo um jornal dessa freguesia, *O Santa Cruz* noticiou a sua fundação publicando uma carta endereçada ao jornal assinada por Pinto Machado, nomeado o 1º secretário do Comitê:

---

<sup>188</sup> Cf. BATALHA, Claudio H. M. Batalha, *Dicionário do movimento operário*, op. cit., p.71. A campanha promovida por Mariano Garcia na Coluna Operária em *A Época*, desdobrou-se em *meetings* realizados três domingos seguidos em novembro de 1911, em Pilares e Inhaúma, e obteve apoio de seis associações operárias que escreveram ao Conselho Municipal solicitando aprovação de lei alterando exigências para construção de casas operárias nos subúrbios para barateá-las. Ver: LOBO, Eulália e outros. *Questão habitacional e movimento operário*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1989, pp.94-95.

*Illmo. Sr. Redactor d'O Santa Cruz  
Santa Cruz.*

***Tenho a honra de comunicar a V. Ex. a iniciação na freguezia de Irajá da comissão permanente com o título acima, que tem por fim conseguir dos poderes públicos todos os melhoramentos possíveis para a abandonada freguesia.***

*A directoria ficou composta dos seguintes cavalheiros: - Presidente, Coronel José Ricardo de Albuquerque; Vice Presidente, Pharmaceutico Candido Gabriel de Souza; 1º. Secretário, Antonio Augusto Pinto Machado; 2º. Secretário Antonio de Lemos; Thesoureiro, Commendador Manoel de Sá Pereira Mattos; Procuradores, Galdino Bordalho e Major Amado Montes.*

*Comissão de propaganda e acção:*

***Capitão João Ribeiro Maltez, Manoel Barcellos, Abel Alvarenga, Dr. Herculano Pinheiro e Jose de Souza Coelho.***

*Contando com o poderoso auxilio de V. Ex. para os benefícios que almejamos, desejamos com sinceridade.*

*Progresso, Paz e Justiça*

***Pinto Machado 1º Secretário.***<sup>189</sup>

A redacção do *Jornal Suburbano* publicou uma matéria em sua primeira edição elogiando os responsáveis pela criação de uma agremiação destinada a propugnar pelos interesses da freguesia. Colocando-se ao lado do Comitê em suas iniciativas, deu visibilidade às suas ações, noticiando a realização de diversas reuniões que contaram com a presença do intendente pelo 2º distrito, Fonseca Telles, que deu a honra de sua presença para ouvir as demandas apresentadas pela agremiação.

#### *Comitê Central de Melhoramentos em Irajá*

*Contando com o apoio da população de Irajá, fundou-se (?) do Districto Federal, uma agremiação que, como o seu título esclarece, propugnará pelo progresso da abandonada freguesia.*

***Já várias reuniões têm sido realizadas, e, a uma delas, teve a honra de ter presente o activo e illustre intendente Municipal, o Sr. dr. Fonseca Telles.***

***Várias reclamações foram feitas ao intelligente representante, entre as quais, a abertura da agencia municipal e, principalmente, a criação de escolas, assumpto que o illustre moço muito empresta a sua valorosa actividade.***

*Congratulamo-nos com os parochianos de Irajá pela prova que deram de amor ao progresso fundando o "Comitê" cujo intuito é tão somente alcançar os melhoramentos que necessita Irajá.*

***O "Jornal Suburbano", envolto na sua modesta colloração na imprensa carioca, põe à disposição do "Comitê" as suas columnas para o beneficio dos Irajenses, que é todo o seu almejo.***<sup>190</sup>

O mesmo Pinto Machado publicaria, meses depois, em sua coluna *Suburbios* no jornal *A Tribuna*, um ofício elaborado pela directoria do Comitê tornando públicas as últimas decisões encaminhadas pelo grupo:

<sup>189</sup> *O Santa Cruz*, Santa Cruz, edição 28 de Maio de 1911, p.4. Grifo nosso.

<sup>190</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, edição 28 de Junho de 1911, p.1. Grifo nosso.

*Irajá. Comitê Central de Melhoramentos em Irajá.*

*Reuniu-se ante-hontem a directoria desta aggremação.*

*Foi lido o expediente, que constava de dous officios, um da Associação de Imprensa e outro do Dr. Rangel de Vasconcellos, ambos de applauso à acção do comitê. As questões apresentadas a debate foram discutidas pelos membros da directoria Srs. Candido Gabriel de Souza, Antonio Lemos, Galdino Bordallo, Dr. Herculano Pinheiro, Dr. Alfredo Figueiredo, Abel Alvarenga, major Amado Montes, José de Souza Coelho, **Pinto Machado** e commendador Manuel Sá Pereira Mattos.*

*O Dr. Herculano Pinheiro, em nome do associado Antonio Cidade, explanou considerandos sobre uma representação do “comitê” ao prefeito, no intuito da limpeza e conservação de Irajá passar a ser effectuada pelo “Comitê”.*

*Ficou resolvido tratar-se posteriormente dessa proposta de grande utilidade.*

*Varios socios presentes discutiram a necessidade de serem llimpas as vallas das vias publicas, collocação de uma rede de esgotos, na localidade, creação de uma lei de obrigatoriedade de sargetas, escolas, agua, augmento de viação na Estrada de Ferro Rio D’Ouro e outros melhoramentos indispensaveis a Irajá.*

*Terça-feira o comitê inicia o serviço de solicitações aos poderes publicos, principiando pela Prefeitura, onde a comissão pretende fallar ao Sr. General prefeito e ao director da Instrucção Publica.*

*Para esse fim foram escolhidos pela presidencia os membros da directoria: Dr. Herculano Pinheiro, Pinto Machado, Galdino Bordallo, Abel Alvarenga e pharmaceutico Candido Gabriel de Souza.*

*Em ocasião conveniente, a mesma comissão entender-se-a com o Dr. Paulo de Frontim, sobre a mudança da estação de Madureira.<sup>191</sup>*

Seguramente, a presença de Pinto Machado como 1º secretário do Comitê era uma escolha que poderia garantir maior visibilidade por meio da imprensa ao trabalho da associação. O poder do jornalista era considerável, pois dispunha de um espaço relevante na imprensa diária, bem como exercia forte influência sobre os veículos da imprensa suburbana. A notícia sobre a reunião da diretoria do Comitê mereceu destaque em sua coluna do dia 1º de Julho e tornou pública a ação que esses membros estavam encaminhando junto ao poder público. Através dessa nota os leitores do jornal ficavam informados sobre os problemas que afetavam a vida daquela população e também as diferentes proposições que surgiam para solucioná-los. Surpreende, por exemplo, que uma das saídas debatidas para o problema da falta de limpeza e conservação urbana tenha sido a proposta de transferência dessa obrigação da Prefeitura para o Comitê. A necessidade de criação de mais escolas, a falta de saneamento e o aumento do número de trens na Estrada de Ferro Rio D’Ouro foram outras necessidades debatidas pelos membros da diretoria. Conforme o conteúdo do ofício demonstra, uma das saídas encontradas para a solução dos problemas residia na realização de encontros periódicos entre os membros do comitê com as autoridades públicas competentes.

---

<sup>191</sup> A *Tribuna*, Rio de Janeiro, edição 1 de Julho de 1911, p.2.

É lícito imaginarmos que a publicação recorrente, nos veículos da imprensa, dos nomes dos membros da direção de um Comitê criado para defender os interesses de uma parte considerável dos subúrbios, poderia ser importante para carrear apoios para a entidade, mas também para a imagem pública de cada um dos membros. Para Pinto Machado, por exemplo, era a oportunidade de reiterar seu papel de liderança nos subúrbios. Para o Presidente do comitê, o coronel José Ricardo de Albuquerque, político com base eleitoral na freguesia de Irajá e candidato naquele ano a deputado federal, também era proveitoso ganhar visibilidade através da publicidade alcançada pelas ações do Comitê, pois reforçava a imagem de um homem público preocupado em garantir a melhoria na qualidade de vida daquela população. O mesmo vale para o intendente municipal Fonseca Telles, também candidato a deputado federal, que se dispôs a freqüentar as reuniões da agremiação naquele ano para conhecer as demandas e encaminhar soluções.

Além do *Comitê Central de Melhoramentos em Irajá*, os periódicos suburbanos empenharam-se em garantir visibilidade a outras associações de cunho reivindicatório criados por moradores e centros de discussão política criados nos bairros. A *Revista Suburbana* noticiou, em uma mesma edição, a criação de duas entidades dedicadas a reivindicar os melhoramentos materiais para suas localidades. A primeira, cujos nomes dos idealizadores não foram identificados, foi o *Centro de Melhoramentos e Progresso de Inharajá* e a segunda foi o *Centro Triangular Progressista*, que além de Inharajá, também se propunha a trazer e conquistar melhoramentos materiais para as localidades de Rio das Pedras e Bento Ribeiro. O presidente deste Centro, o capitão José de Almeida Marques então o presidente do Centro Triangular Progressista, já havia sido homenageado anos antes na seção *Suburbanos Úteis* do jornal *Echo Suburbano* no período em que foi dirigido por Pinto Machado.

#### *Centro Triangular Progressista*

*Está situado à Rua João Vicente quase defronte à estação da E.F. Central do Brazil no Rio das Pedras é presidido pelo Sr. Capitão José de Almeida Marques, secretariado pelo Sr. Antonio Marques da Fonseca, e tem por fim cogitar dos melhoramentos materiais das localidades denominadas Rio das Pedras, Bento Ribeiro e Inharajá. O que vão conseguindo com acentuado interesse e desusada dedicação.*<sup>192</sup>

---

<sup>192</sup> *Revista Suburbana*, Méier, edição 15 de setembro de 1918, p.3.



Já *O Subúrbio* noticiou a fundação de um clube republicano em Piedade, o *Centro Republicano de Inhaúma*, reunindo capitalistas, militares, servidores públicos, médicos e advogados, com o objetivo de “*unificar o elemento eleitoral d’alli, de modo a fazer uma política desinteressada e proveitosa a população local.*”

*Centro Republicano de Inhauma.*

*Os. Srs. Raul Costa, Bento Ribeiro, major Avelino de Assis Andrade, capitalista Arthur Alves, empregado do Arsenal de Guerra, solicitador Joaquim Marques Cardoso, capitão Honorio Figueira, negociante da zona da Piedade; coronel Deodoro de Araujo, fiscal das obras do porto do Rio de Janeiro; João Ribeiro e dr. Ermelindo Francisco da Cruz Gonçalves, medico, reuniram-se domingo ultimo na zona da Piedade, fundando o Centro Republicano de Inhauma, que tem por fim unificar o elemento eleitoral d’alli, de modo a fazer uma politica desinteressada e proveitosa a população local.*

*Amanhã essa comissão reunir-se-á a 1 da tarde, na residencia do major Avelino de Assis Andrade, á rua da Capella, n. 41, Piedade, para eleger a directoria do Centro.*<sup>193</sup>

Assim como Pinto Machado utilizou o seu espaço na imprensa para promover e divulgar as ações do *Comitê Central de Melhoramentos em Irajá*, no qual participava como primeiro secretário, os jornalistas do *Jornal Suburbano* também utilizaram o seu jornal para divulgar as atividades de uma entidade na qual participavam: o *Centro Republicano de Irajá*. A primeira edição do periódico trouxe o resultado das eleições para a direção do centro e, entre os eleitos estavam, além de Pinto Machado e João Maltez, os três jornalistas responsáveis pela folha de Madureira: o diretor Victorino Tosta, o redator-secretário Henrique Dias da Cruz, e o redator-gerente, J. Cardoso.

*Centro Republicano de Irajá*

*Foram eleitos para dirigirem este Centro politico os srs. **Tenente Victorino Tosta, presidente;** vice-presidente, Capitão João Maltez; **secretario, H. Dias da Cruz;** **thesoureiro, José Cardoso, redactor das publicações e orador official, Capitão Antonio Augusto Pinto Machado.***

*A posse será realizada dentre o mez corrente.*<sup>194</sup>

Essas inúmeras iniciativas parecem sugerir uma pressão e um questionamento sobre a legitimidade da limitada representação política existente no período da Primeira República, especialmente no início da década de 1910. Os periódicos da imprensa suburbana se tornaram meios fundamentais para a publicação de críticas às instituições, especialmente aquelas dirigidas à Prefeitura e à Intendência Municipal. Mas, também eram instrumentos por meio dos quais determinados grupos buscavam tornar socialmente reconhecidos inúmeras ações no campo associativo e reivindicatório

<sup>193</sup> *O Subúrbio*, Méier, edição 12 de dezembro de 1908, p.1.

<sup>194</sup> *Jornal Suburbano*, Madureira, edição 28 de junho de 1911, p.1.

marcados pela pressão ao poder público. No limite, essas ações podem ser vistas como um verdadeiro questionamento sobre a legitimidade das instituições republicanas.<sup>195</sup>

Para demonstrar esse questionamento, voltemos ao projeto que animou os subúrbios em 1911: a criação de um Congresso reunindo lideranças locais e representantes dos bairros cujo objetivo era debater e encaminhar soluções para os problemas enfrentados pelos subúrbios. A idéia de organizar um órgão deliberativo paralelo ao oficial partiu da seção *Subúrbios* do jornal *A Tribuna* redigida por Pinto Machado. Respalado ou incentivado pelo redator-secretário do jornal, Miranda Roza, a seção divulgou sua proposta na edição do dia 5 de Julho de 1911:

*Pela Zona Suburbana*

*UM CONCURSO ORIGINAL...A Tribuna, nesta seccção, tem há quatro annos a esta parte, lembrado e discutido muitos melhoramentos para a zona suburbana.*

*Quem a redige conhece profundamente todas as necessidades da grandiosa parte da capital que vai de S. Francisco Xavier à Penha, Santa Cruz, Guaratiba, Anchieta e Irajá.*

***Mas, muitas necessidades locais só os proprios interessados poderão discutil-as e lemr-al-as.***

***Assim, A Tribuna lembra a criação de um Congresso Suburbano, onde todas localidades sejam representadas por tres cavalheiros cada uma e lembrados e discutidos os melhoramentos a obter dos poderes publicos.***

***O congresso funcionará nos suburbios, durante dez ou mais dias, tendo assento no mesmo os intendentes municipaes do 2 districto, os jornalistas suburbanos e os representantes das localidades que em taes casos serão os eleitos pelo povo.***

*Para conseguir-se saber quaes os representantes das varias localidades, A Tribuna aventa a eleição, publicando um “coupon” por meio do qual o publico poderá dirigir-nos o nome do cavalheiro que julgar digno de ser o representante desta ou daquella localidade.*

*O concurso durará um mez, e as normas do congresso serão publicadas após ouvirmos algumas opiniões a respeito da idéa que aventamos e para a qual solicitamos considerandos de todos os que se interessam pelo bem-estar dos suburbios.*

*Só mesmo depois de discutida a propabilidade da realização da idéa que aqui fica, é que daremos inicio a esse concurso original, que muito de util poderá trazer aos suburbios.*

*Tem, pois, a palavra os habitantes dos suburbios, podendo enviar seus considerandos para a agencia d’A Tribuna, à rua Goyaz n. 10, Engenho de Dentro.<sup>196</sup>*

Respalado pela legitimidade alcançada nos últimos quatro anos, tempo em que passou a ser publicada a seção destinada aos subúrbios, o jornal *A Tribuna* lançava a proposta de criação do congresso lembrando que as necessidades locais só poderiam ser

---

<sup>195</sup> Além das agremiações citadas, também foram criadas a *União Republicana Progresso de Ricardo de Albuquerque*, o *Círculo de Melhoramentos de Irajá*, o *Centro Pró-Melhoramentos dos Subúrbios da Leopoldina*, o *Círculo Melhoramentos de Cordovil* e o *Centro Progressista de Engenheiro Leal*, conforme indica artigo do geógrafo Maurício de Abreu: ABREU, Maurício de Almeida. “A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). *Revista Espaço e Debates*. São Paulo. NERU, Ano VII, vol. 1, nº 21, 1987, p.33.

<sup>196</sup> *A Tribuna*, Rio de Janeiro, edição 5 de Julho de 1911, p.3. Grifo nosso.

discutidas pela população suburbana. Logo, para a composição do Congresso o jornal distribuiu as vagas entre os intendentos do 2º distrito, os jornalistas suburbanos e três representantes de cada localidade, escolhidos pelo povo através de eleições realizadas pelo próprio jornal. O processo eleitoral incluía a publicação de um “coupon” onde os leitores, agora transformados em eleitores, escolheriam os representantes dos seus bairros para participar do Congresso.

Ao acompanharmos as edições posteriores do diário *A Tribuna* e do semanal *Echo Suburbano* constatamos que a proposta foi bem recebida. À medida que os “coupons” eram preenchidos e devolvidos ao jornal, os jornais divulgavam os nomes dos suburbanos mais bem votados em cada localidade. Em uma das edições de setembro de 1911, a folha de Madureira publicou os nomes que iriam compor a direção do *Congresso Suburbano*:

#### *Congresso Suburbano*

*A directoria definitiva do Congresso Suburbano, está assim constituída:*

*Presidente: **Xavier Pinheiro**, jornalista e funcionario publico; vice-presidente, coronel **José Nicolau Burlamaqui**, funcionario dos correios e comandante da 12º batalhão da Guarda Nacional; 1º secretario, **Eduardo Magalhães**, official honorario do exercito, industrial e director do “Almanack suburbano”; 2º secretario, **Alvaro Augusto Lopes da Costa**, official da Força Policial; 3º secretario, **Joaquim Januario Rabello de Mattos**, funcionario publico e presidente da Sociedade B. M. Progresso do Engenho de Dentro; 4º secretario, **José Roberto Vieira de Mello**, redactor do “Correio da Noite”<sup>197</sup>*

Entre os membros da diretoria surgem nomes conhecidos no periodismo suburbano, como Xavier Pinheiro, Eduardo Magalhães e José Roberto Vieira de Mello, na época exercendo a função de redator da seção suburbana do jornal *Correio da Noite*. A edição anterior do *Echo Suburbano* noticiou a realização da primeira reunião do Congresso, que contou com a participação de todos os intendentos pelo 2º distrito, os jornalistas suburbanos e os 44 representantes dos bairros, escolhidos através do processo eleitoral organizado pelo diário *A Tribuna*.

A tentativa de construção de um Congresso nos subúrbios surpreende por vários motivos. Primeiro, mais uma vez ficou demonstrado o papel central desempenhado pela imprensa, que não só tornou pública a ideia construída entre os suburbanos (afinal, tanto Pinto Machado quanto Miranda Roza eram habitantes dos subúrbios), como também foi o veículo utilizado para a realização de uma eleição que, dada as devidas proporções, trazia em si mesmo uma proposta de radicalização do sistema de representação política

---

<sup>197</sup> *Echo Suburbano*, Madureira, edição 24 de Setembro de 1911, p.1.

da cidade ao criar uma instituição paralela às instituições formais existentes na cidade. Isso porque, ao que tudo indica, todos aqueles que habitassem os subúrbios poderiam votar, não havendo nenhum tipo de restrição à participação eleitoral dos moradores.

Em segundo, a articulação que levou a formação do *Congresso Suburbano* parece ser o ápice de um processo que teve início no início da década de 1900 onde progressivamente setores da sociedade suburbana se articularam em torno de diferentes iniciativas buscando pressionar o poder público a realizar investimentos que dotassem aqueles espaços da capital do país de uma infra-estrutura urbana razoável. Nesse sentido, os inúmeros periódicos criados e mantidos nos bairros suburbanos foram se tornando meios estratégicos de propaganda e debate sobre essas iniciativas, noticiando reuniões de associações, eleições de clubes republicanos, encontros de lideranças locais, bem como espaços privilegiados onde eram publicadas biografias de jornalistas suburbanos, invariavelmente retratados como os verdadeiros representantes dos subúrbios e dos suburbanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O alargamento das experiências com o periodismo com a inclusão dos subúrbios e seus moradores às redes de comunicação social na cidade do Rio de Janeiro, foi um fenômeno concentrado entre a virada do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX. Essas experiências foram o resultado das possibilidades abertas pelo movimento de ampliação do domínio do conhecimento das técnicas tipográficas como, também, das condições que permitiram o acesso e o controle de equipamento e linguagens da imprensa por novos grupos produtores. Esse movimento ocorreu exatamente no ao mesmo tempo em que surgia uma ‘grande’ imprensa estruturada e organizada como grande empresa em condições de investir na modernização do seu parque gráfico, na ampliação de mecanismos de financiamento e distribuição, e cujo poder de intervir na vida urbana se intensificava.

Expressando as transformações pelas quais passava a então capital federal, uma grande cidade habitada por milhares de pessoas com necessidades, interesses e valores distintos e, às vezes, opostos, a imprensa passou ser disputada por setores dessa sociedade que, organizados ou dispersos, buscaram se afirmar no espaço público por meio da palavra impressa. Ao mesmo tempo que esse caldeirão de novas experiências sociais renovava a imprensa, seus conteúdos e linguagens, ela também ampliava, redefinía e constituía novos sujeitos sociais e formas de viver na cidade.

A existência de um periodismo criado nos subúrbios e voltado para os subúrbios é parte desse poderoso movimento de transformações. O antigo monopólio das classes mais abastadas sobre a escrita e a comunicação públicas, onde se inclui a produção de periódicos, verificado em boa parte do século XIX, deixava de ser uma realidade. Novos grupos da sociedade sentiram a necessidade de se fazer ouvir, de intervir, de se organizar, e para isso, mesmo que de forma modesta e irregular, concentraram esforços na criação e manutenção de periódicos em seus bairros. A prática jornalística era expandida para além de limites sociais e geográficos conhecidos, ganhava novos sentidos e novos objetivos.

Ao buscarmos respostas sobre o processo histórico que permitiu o alargamento das experiências com periodismo nos subúrbios, vislumbramos necessidades intrinsecamente relacionadas às tentativas de intervir na cidade, de debater seus rumos e interferir no seu presente. Se hoje muitos buscam se distanciar dos termos subúrbio e

suburbano, intimamente associados à ideia de precariedade material e de ausência de refinamento social e intelectual, no início do século XX eles constituíram e expressaram um recurso largamente utilizado e mobilizado, sem nenhum constrangimento, por homens que, transformados em jornalistas, se auto-definiam como suburbanos, como parte de sua estratégia para questionar a existência de um espaço negligenciado pelos poderosos, caracterizado pela ausência de direitos e de dignidade em relação a outros espaços da cidade. Militantes do movimento operário, advogados, comerciantes, industriais, teatrólogos, oficiais militares e políticos – apesar das diferenças sociais e dos distintos objetivos e projetos que orientavam suas lutas – buscaram cada um a sua maneira, individualmente ou em conjunto, defender opiniões, demarcar valores, angariar apoios e defender projetos de sociedade e poder apoiados na construção de imagens públicas dos *subúrbios* e *suburbanos*.

Enquanto uma parte dos jornais e jornalistas se empenhou em tornar os bairros suburbanos áreas aprazíveis para o cotidiano de suas famílias e para o desenvolvimento ou “progresso” de seus negócios, sem maiores críticas ao modelo excludente de sociedade e cidade que se acentuava, outros se posicionavam ao lado de alguns anseios e demandas populares, envolvendo-se diretamente na luta por direitos para os trabalhadores, no apoio às ações do operariado e suas organizações; alguns atuaram coletivamente para a criação de ligas e associações em defesa dos “interesses locais” ou “dos subúrbios” e, nesse processo, chegaram a formular novas formas de organização e ação, baseado em eleições livres e diretas, trazendo um forte elemento de crítica ao sistema de representação política existente na cidade e no país, marcado pela exclusão da grande maioria da população do processo decisório.

Na década de 1920, essa experiência jornalística nos subúrbios arrefeceu. As dificuldades para a manutenção de uma empresa jornalística, mesmo que pequena, em um mercado dominado por grandes empresas que eram priorizadas pelo mercado anunciante tornavam os pequenos jornais e revistas de bairro insustentáveis. As transformações tecnológicas tornavam cada vez mais distantes a possibilidade de pequenas empresas controlarem os meios de produção responsáveis pela fabricação da notícia. Talvez as pautas e objetivos que animaram essa imprensa tenham sido incorporados pelas colunas para os subúrbios que muitos jornalistas suburbanos ajudaram a consolidar no interior dos grandes diários cariocas. Ainda assim, entre as décadas de 1930 e 1940, ainda foram criados novos títulos suburbanos como *O Suburbano* (1941), *Revista Suburbana* (1933/1934), *Jornal dos Subúrbios* (1933), *O*

*Eco Suburbano* (1935-1936), *Indicador Suburbano* (1935), *Folha Suburbana* (1949) e *Almanack Suburbano* (1941) em diferentes bairros suburbanos. E até mesmo na década de 1970 há indícios de um periódico suburbano, o *Subúrbios em Revista*, mantido pela Associação Comercial de Madureira.

Independente dos seus interesses, alcance e duração, a imprensa foi, ao longo do tempo, uma prática que mobilizou muitos suburbanos. Histórias de vida de suburbanos e dos viveres nos subúrbios eram impressos nas paginas dos periódicos, ajudando a constituir suas imagens públicas na cidade. E essas experiências merecem e precisam ser contadas, longe de maniqueísmos simplistas que criam oposições artificiais. Os subúrbios e os suburbanos da cidade do Rio de Janeiro merecem, portanto, o direito à memória. Se, ao trabalharmos com o conjunto do periodismo criado e mantido há praticamente um século nos bairros suburbanos, formos capazes de criar em nosso presente um questionamento sobre os usos e significados do ser suburbano, acreditamos que teremos alcançado um dos objetivos de um trabalho historiográfico comprometido com as lutas progressistas do presente que é, exatamente, voltar ao passado para identificar o lugar social onde brotam os preconceitos e análises pejorativas, e como estes são reproduzidos, muitas vezes, de forma acrítica ao longo do tempo.

## Fontes

### Periódicos

Jornal *A Penna*, Ano I, nº 1. Jacarepaguá, Agosto 1921.

Jornal *Lux*, Ano I, nº 1. Méier, Novembro 1910.

Jornal *Folha do Rio*, Méier, edição 21.11.1909.

Jornal *O Suburbano*, Ilha do Governador, edição 1.03.1900.

Jornal *O Santacruzense*, Santa Cruz, Outubro 1908-outubro 1909

*Jornal Suburbano*, Madureira, julho de 1911.

Jornal *O Santa Cruz*, Santa Cruz, janeiro 1911 – julho 1911.

Jornal *Tribuna Suburbana*, Madureira, Janeiro de 1910.

Jornal *Commercio Suburbano*. Piedade, maio- julho 1902.

Jornal *Gazeta Suburbana*. Todos os Santos, setembro 1910 – setembro 1911; abril 1919 - ?.

Jornal *Progresso Suburbano*. Piedade, março - agosto 1902.

Jornal *O Espinho*, São Cristóvão, novembro 1882 – fevereiro 1883.

Jornal *O Echo Suburbano*. Engenho de Dentro, agosto 1901 – setembro 1901.

Jornal *O São Christóvão*, São Cristóvão, 12.12.1909.

Jornal *O Subúrbio*. Méier, julho 1907 – outubro 1908.

*Revista suburbana*. Méier, julho 1918 – novembro 1918.

*Revista Suburbana*, Méier, Agosto 1922 – setembro 1922.

*Revista Suburbana*, Méier, 16.05.1906.

Jornal *Pequeno Pharol*, Piedade, 22.12.1904.

Jornal *O Suburbano*, Inhaúma, 10.05.1912.

Jornal *Gazeta Suburbana*, Todos os Santos, dezembro 1883 – fevereiro 1885.



Jornal *O Scenario*, Méier, 25.01.1902.

Jornal *O Condor*, Madureira, 20.01.1908.

Jornal *O Alfinete*, Paróquia do Espírito Santo, 17.03.1883.

Jornal *A União Operária*, Engenho de Dentro, 1.05.1904.

Jornal *O Globo*. Rio de Janeiro, Edição 25 de Setembro de 2010.

Jornal *A Tribuna*. Rio de Janeiro, julho 1911 – julho 1911.

## Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. *A evolução urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO, Zahar, 1987.

\_\_\_\_\_. “A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). *Revista Espaço e Debates*. São Paulo. NERU, Ano VII, vol. 1, nº 21, 1987.

BALCÃO, Lier Ferreira. *A cidade das reclamações: moradores e experiência urbana na imprensa paulista (1900-1913)*. In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. São Paulo, PUC, Editora Olho D’água, 1999.

BARBERO, Jesus-Martin. *Dos meios às mediações, comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2008.

BARBOSA, Marialva. *Operários do pensamento (visões de mundo dos tipógrafos no Rio de Janeiro, 1880-1920)*. Dissertação de Mestrado, UFF, 1991.

\_\_\_\_\_. *Os donos do Rio, Imprensa, Poder e Público*. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2000.

\_\_\_\_\_. “Jornalistas, “senhores da memória”?”. Texto apresentado no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004.

<<http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/1248/1/R0165-1.pdf>>

BATALHA, Claudio Henrique de Moraes (org.). *Dicionário do Movimento operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920, militantes e organizações*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical. A renovação urbana na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, volume I. Editora Brasiliense.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.

COSTALLAT, Benjamim. *Mistérios do Rio*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

COUTINHO, Eduardo Granja. Processos contra-hegemônicos na imprensa carioca, 1889-1930. In: COUTINHO, Eduardo Granja (org.). *Comunicação e contra hegemonia: processos culturais e comunicacionais de contestação, pressão e resistência*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008

CRUZ, Heloísa de Faria. *São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana – 1890-1915*. São Paulo, Educ/Fapesp/Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2000.

\_\_\_\_\_ e PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto história*. São Paulo. EDUC, nº 35, julho-dezembro 2007.

DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1996.

FAZOLATO, Tatiana Peres. *Rio de Janeiro, século XX: os subúrbios e o deslocamento das indústrias*. Monografia em Economia. Rio de Janeiro, CCJE/UFRJ, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. São Paulo, Olho d'água, 1999.

\_\_\_\_\_. "O historiador e a cultura popular: história de classe ou história do povo?". *História e Perspectivas*. Uberlândia, n. 6, Jan./Jun. 1992.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. In: *Revista Projeto história*, nº 10, dez/1993. Revista do Programa de estudos pós-graduados em história e do departamento de História PUC/SP.

FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa operária no Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 1988.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Rezende...[ et al ], Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HAHNER, June E. *Pobreza e política: os pobres urbanos no Brasil, 1870-1920*. Traduzido por Cecy Ramires Maduro. Brasília, EDUNB, 1993.

HARDMAN, Francisco Foot. *Nem pátria, nem patrão: Memória operária, cultura e literatura no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos* / Max Horkheimer e Theodor Adorno. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1985.

LIMA, Romney Anderson Lemos de. *Subúrbio, o refúgio dos infelizes? O cotidiano no subúrbio. Um estudo de caso sobre Oswaldo Cruz*. Monografia em História. IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

LOBO, Eulália. *Questão habitacional e movimento operário*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, 1989.

MACIEL, Laura Antunes; Almeida, Paulo Roberto de; Khoury, Yára Aun. *Outras histórias: memórias e linguagens* (Orgs.). São Paulo, Olho d'Água, 2006.

MACIEL, Laura Antunes. *Imprensa de trabalhadores, feita por trabalhadores, para trabalhadores?* História e Perspectivas, V.1, 2008.

MARQUES DE MELO, José Marques de (Org.). *Comunicação e classes subalternas*. São Paulo, Cortez, 1980.

MARTINS, Ismênia de Lima, LOBO, Eulalia Maria Lahmeyer e KOCHER, Bernardo. *Guia dos jornais operários do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense, 1988.

MATTOSO, Rafael. *Echos de resistência suburbana: Uma análise comparativa das contradições sócio-espaciais cariocas a partir das experiências dos moradores da Freguesia de Inhaúma (190-1903)*. Rio de Janeiro//RJ. Dissertação de Mestrado, UFRJ, 2009.

- MEDAWA, Carlos Eduardo Martins Costa. *O mercado dos orixás: uma etnografia do Mercado de Madureira no RJ*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Niterói, UFF, 2003.
- MENDONÇA, Leandro Climaco. *Memória e vida cotidiana em Madureira, um bairro da cidade do Rio de Janeiro*. Monografia em História, UFF, Niterói, 2007.
- MIYASAKA, Cristiane Regina. *Cotidiano dos moradores suburbanos do Rio de Janeiro através das páginas da imprensa (1913)*. Monografia em História. Campinas, UNICAMP, 2004.
- MIYASAKA, Cristiane Regina. *Viver nos subúrbios: a experiência dos trabalhadores de Inhaúma (Rio de Janeiro, 1890-1910)*. Dissertação em História, UNICAMP, 2008.
- OJEDA, Valéria. *Madureira – ontem e hoje capital dos subúrbios*. Monografia. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Niterói, UFF, 1993.
- OLIVEIRA, Márcio Piñon, e FERNANDES, Nelson da Nobrega (Orgs.). *150 Anos de Subúrbio Carioca*. Rio de Janeiro, Lamparina/Faperj, 2009.
- PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte e MOREL, Regina Lúcia de Moraes. (Coords.). *Guia do Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro (AMORJ)*. Rio de Janeiro, 2ª. Ed., Laboratório de Pesquisa Social do IFCS/UFRJ, 2006.
- PECHMAN, Robert Moses. *A gênese do mercado urbano de terras, a produção de moradias e a formação dos subúrbios no Rio de Janeiro*. Tese, UFRJ/PUR, 1985, RJ.
- Popular Memory Group. “Memória popular: teoria, política, método”. Traduzido por Helen Hedges e Yara A. Khoury, em FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto e KHOURY, Yara Aun.(Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo, Olho d’Água, 2004.
- RODRIGUES, Edgar. *Socialismo e sindicalismo no Brasil*. Rio de Janeiro, Laemmert, 1969.
- SANTOS, Araci Alves. *Entre as estações: o subúrbio carioca na obra de Lima Barreto*. Monografia. Rio de Janeiro, IFCS/UFRJ, 2004.
- SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. *Contribuição ao estudo da história do subúrbio do Rio de Janeiro (a freguesia de Inhaúma: de 1743 a 1920)*. Dissertação em História, UFRJ. Rio de Janeiro, 1987.
- \_\_\_\_\_. *De freguesias rurais à subúrbio: Inhaúma e Irajá no município do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado em História social, USP, 1996.
- SANTOS, Noronha. *Meios de transporte no Rio de Janeiro: história e legislação*. 2ª edição, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural. Coleção Biblioteca Carioca. Rio de Janeiro, 1996.
- SILVA, Ana Cristina Cordeiro da. *Lima Barreto, um olhar literário dos subúrbios cariocas*. Monografia. Rio de Janeiro. IFCS/UFRJ, 2005.
- SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. RJ, Paz e Terra, 1988.
- SILVA, Jefferson Nazareno da. *A diversificação sócio-espacial no subúrbio do Rio de Janeiro*. Monografia, Rio de Janeiro, IPPUR (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional),UFRJ, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4 ed. Atualizada. Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ZICMAN, Renée B. “História através da imprensa – Algumas considerações metodológicas”. *Projeto História*, 4, São Paulo, Educ, jun. 1985.